

Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



A
investigação
a partir
de histórias

**Um manual
para jornalistas
investigativos**

POR MARK LEE HUNTER

Com Nils Hanson, Rana Sabbagh, Luuk Sengers,
Drew Sullivan, Flemming Tait Svith y Pia Thordsen

Índice

Prefácio / p. 1

Apresentação de “A Investigação a partir de Histórias: Um Manual para Jornalistas Investigativos”

por Jānis Kārklīšs, Diretor Geral Adjunto para Comunicação e Informação, UNESCO

Introdução / p. 2

por Mark Lee Hunter

Prefácio à primeira edição / p. 5

Investir em jornalismo investigativo

por Yosri Fouda

Capítulo 1 / p. 7

O que é o jornalismo investigativo?

por Mark Lee Hunter e Nils Hanson

Capítulo 2 / p. 13

O uso de hipóteses: o cerne do método investigativo

Por Mark Lee Hunter, Luuk Sengers e Pia Thordsen

Capítulo 3 / p. 27

O uso das portas abertas: contextualização e dedução

por Mark Lee Hunter

Capítulo 4 / p. 37

O recurso às fontes humanas

por Nils Hanson e Mark Lee Hunter

Capítulo 5 / p. 53

Organização: como se organizar para ser bem-sucedido(a)

por Mark Lee Hunter e Flemming Svith

Capítulo 6 / p. 61

A redação de investigações

por Mark Lee Hunter

Capítulo 7 / p. 75

Controle de qualidade: técnicas e ética

por Nils Hanson, Mark Lee Hunter, Pia Thordsen e Drew Sullivan

Capítulo 8 / p. 83

Publique!

por Mark Lee Hunter

Bibliografia selecionada / p. 87

Publicada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, Setor de Comunicação e Informação, Divisão de Liberdade de Expressão, Democracia e Paz
1, rue Miollis 75732 Paris Cedex 15 França
<http://www.UNESCO.org/webworld>

Publicada em português pela Oficina Regional de Ciências de la UNESCO para América Latina y el Caribe, Setor de Comunicação e Informação
Luis Piera 1992, Piso 2, Montevideo 11200, Uruguay
<http://www.unesco.org.uy>

UNESCO Publishing
www.unesco.org/publishing

© UNESCO 2013

Todos os direitos reservados
ISBN 978-92-3-001210-6

As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam na manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

Os autores são responsáveis pela escolha e pela apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as opiniões da UNESCO nem comprometem a Organização.

Capa e Tipografia: Anne Barcat
Adaptação gráfica: Ma. Noel Pereyra
Tradução: Dermeval de Sena Aires Júnior

“A Investigação a partir de Histórias: Um Manual para Jornalistas Investigativos”

A UNESCO tem fomentado constantemente o debate sobre prestação pública de contas pela mídia e padrões profissionais e éticos, proporcionando princípios de orientação aos jornalistas, sobre como melhor cumprir a sua profissão. Em colaboração com a Repórteres Árabes para Jornalismo Investigativo (ARIJ), a UNESCO lançou, em 2009, o primeiro manual para jornalistas investigativos em Estados Árabes, intitulado “A Investigação a partir de Histórias: Um Manual para Jornalistas Investigativos”.

O Jornalismo Investigativo implica em trazer à luz questões que permaneciam ocultas, seja deliberadamente por uma pessoa em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias – e a análise e apresentação de todos os seus fatos relevantes ao público. Dessa forma, o jornalismo investigativo contribui crucialmente para a liberdade de expressão e a liberdade de informação, que estão no coração do mandato da UNESCO. O papel que a mídia pode desempenhar como uma guardiã é indispensável para a democracia, e é por esse motivo que a UNESCO apoia totalmente as iniciativas para fortalecer o jornalismo investigativo em torno do mundo. Creio que esta publicação fará uma contribuição significativa para a promoção do jornalismo investigativo, e creio que ela será um recurso valioso para jornalistas e profissionais da mídia, bem como para os profissionais de treinamento e educadores em jornalismo.

Jānis Kārklīš

Diretor-Geral Adjunto para Comunicação e Informação, UNESCO

A Investigação a partir de Histórias: Um Manual para Jornalistas Investigativos

POR MARK LEE HUNTER

COM (EM ORDEM ALFABÉTICA DE SOBRENOME)

NILS HANSON, RANA SABBAGH, LUUK SENGERS,
DREW SULLIVAN, FLEMMING TAIT SVITH Y PIA THORDBEN

PREFÁCIO, POR YOSRI FOUDA

O presente manual é um guia sobre os métodos e as técnicas básicas do jornalismo investigativo, e preenche conscientemente uma lacuna na literatura da profissão. A maioria dos manuais investigativos dedica muito espaço à questão de como encontrar informações. Eles pressupõem que uma vez que o(a) repórter tenha encontrado as informações que está buscando, ele ou ela terá condições de compor uma história viável. Nós não compartilhamos esse pressuposto. Não pensamos que a questão básica seja como encontrar informações. Ao invés disso, pensamos que a tarefa central é como contar uma história. Isso nos leva à inovação metodológica básica deste manual:

Usamos as histórias como o cimento que mantém a coesão entre cada passo do processo investigativo, desde a concepção até a pesquisa, redação, controle de qualidade e publicação. Também nos referimos a essa abordagem como a investigação a partir de histórias, porque começamos formulando a história que esperamos redigir como uma hipótese que será ou verificada ou refutada. Esse é o primeiro passo em um processo integrado, e funciona da seguinte maneira:

- Ao analisar uma história hipotética, um(a) repórter pode ver com mais facilidade quais informações precisa procurar.
 - Uma editora ou um(a) profissional de edição pode avaliar mais facilmente a factibilidade, os custos, as recompensas e o avanço de um projeto investigativo.
 - À medida que a pesquisa avança, o(a) repórter ou equipe de investigação estará organizando o seu material para a redação, e redigindo partes específicas da história final.
 - Isso, à sua vez, facilitará o controle e permitirá uma visão mais perspicaz sobre o quão bem a história atende a critérios legais e éticos.
 - Ao final do processo, o resultado será uma história que pode ser resumida em algumas poucas frases de impacto – uma história que possa ser promovida, defendida e lembrada.
-
-

Não estamos afirmando que fomos nós que criamos a investigação a partir de histórias. Métodos semelhantes têm sido utilizados em consultorias de negócios, nas ciências sociais e no trabalho policial. O que fizemos foi trabalhar as suas implicações para o processo jornalístico, com vistas às metas do jornalismo investigativo – para reformar um mundo que produz sofrimento inútil e desnecessário, ou que, por outro lado, ignora as soluções que estão disponíveis para os seus problemas.

Esse tem sido um processo longo e coletivo. Para mim, ele iniciou em 1990, com uma tese doutoral de meio de carreira que comparava métodos investigativos franceses e norte-americanos, sob a direção de Francis Balle. Essa tese, à sua vez, levou-me a uma vaga no Instituto Francês de Imprensa da Universidade de Paris/Panthéon-Assas, onde me beneficiei por 12 anos simultaneamente da companhia de colegas generosos e comprometidos, e de entusiasmados estudantes em nível de mestrado. Com eles, tive condições de fazer testes de campo dos métodos defendidos neste manual, em uma escala mais ampla do que as atividades de um repórter individual.

Em 2001, iniciei aquilo que eu pensava ser um período sabático no INSEAD, que é uma escola global de negócios. Uma vaga temporária de pesquisas levou-me a trabalhar como professor adjunto e permitiu que eu me beneficiasse das visões e das experiências de colegas como Yves Doz, Luk Van Wassenhove, Ludo Van der Hayden, Kevin Kaiser e outros. A influência desses colegas sobre o presente manual foi indireta, mas poderosa. Esses estudiosos me forçaram a pensar em um nível mais abstrato sobre as práticas da mídia, e a considerar como os processos podem ser aprimorados de modo a criarem mais valor, incluindo no campo do jornalismo.

Assim como os meus coautores, eu estava simultaneamente engajado no trabalho de reportagem como um praticante. Também em 2001, o surgimento da Rede Global de Jornalismo Investigativo, da qual eu e a maioria dos meus coautores fomos membros fundadores, juntamente com os membros-motrizes Nils Mulvad do Instituto Dinamarquês para a Cobertura Jornalística Auxiliada por Computador, e Brant Houston da Repórteres e Editores Investigativos Inc., criou um fórum extraordinário para o intercâmbio de boas práticas.

Em particular, os elementos da investigação a partir de histórias surgiram simultaneamente e de maneira independente em diversos países – um sinal inequívoco de um grande avanço. O congresso da Rede em 2005 me proporcionou uma oportunidade de apresentar um conceito formal de investigação jornalística a partir de histórias pela primeira vez. Nesse mesmo evento, Luuk Sengers (da Holanda) e Flemming Svith (um dinamarquês) me mostraram uma base de dados de pesquisa simples e robusta que eles haviam criado, juntamente com outras ferramentas computacionais para organizar investigações que também poderiam ser aplicadas ao gerenciamento de um projeto. Todos nós reconhecemos imediatamente que nossas descobertas poderiam se encaixar como componentes de um único processo.

Na ocasião, e mais adiante, as respostas positivas e as críticas dos participantes dos congressos bianuais da Rede me convenceram de que existia uma necessidade e um desejo pelo material deste manual. Outros colaboradores surgiram, também, incluindo a importante contribuição de Nils Hanson, da Suécia, que é o principal coautor deste manual, e um especialista em reconciliar qualidade e produtividade nas notícias. Nós nunca nos esquecemos de que muitas e muitas pessoas em nossa indústria consideram as reportagens investigativas lentas, caras e arriscadas demais. Nós nos propusemos a mostrar que uma investigação também pode ser um processo eficiente no qual os riscos centrais podem ser gerenciados.

O processo de desenvolvimento coletivo então em andamento foi poderosamente reforçado pela criação do Centro para a Cobertura Investigativa, de Londres, e do seu Curso de Verão anual. Ao longo de diversos anos, o fundador Gavin McFadyen e sua equipe nos permitiram explorar novas maneiras de ensinar o processo de composição de histórias. Em Londres, pude ouvir Drew Sullivan (um norte-americano expatriado nos Balcãs) descrever pela primeira vez práticas de cobertura sobre o crime organizado que podem ser aplicadas a muitas outras situações. Um ímpeto final, crucial, veio por meio de Rana Sabbagh, diretora da Repórteres Árabes para Jornalismo Investigativo, e de sua colega dinamarquesa Pia Thordsen, que desde o começo tem sido uma apoiadora das investigações a partir de histórias, e que me pediu para exercer a liderança na redação e edição deste manual na primavera de 2007. Os seus seminários no mundo Árabe me proporcionaram a oportunidade de testar a apresentação das ideias contidas neste livro à medida que elas eram redigidas. Esse processo, assim como a própria ARIJ, foi fundado pela International Media Support e pelo parlamento dinamarquês. Andrea Cairola desempenhou um papel vital em trazer o projeto para a UNESCO, onde Mogens Schmidt e Xianhong Hu mostraram ser colaboradores abertos e valiosos.

Já no dia da sua publicação pela UNESCO como um arquivo para download gratuito em agosto de 2009, quando 200 sítios da internet se ligaram a ele, “A Investigação a partir de Histórias: Um Manual para Jornalistas Investigativos” se tornou o mais bem distribuído trabalho de seu tipo na história do jornalismo. Ademais, algumas de suas partes foram incorporadas em outros manuais desde a sua publicação. Isso é apenas um começo: O método prossegue em desenvolvimento, e ainda está encontrando novos caminhos.

O jornalismo investigativo é uma profissão, e um conjunto de habilidades. Ele também é uma família. Eu cresci nessa família, e eu a vi crescer. Este manual é a sua porta de entrada para a família. Que você se torne um membro que possamos honrar e admirar, pelo seu profissionalismo, sua ética e seu engajamento

Mark Lee Hunter

Editor e autor principal

París – Aarhüs – Amã – Londres – Lillehammer

Prefácio:

POR YOSRI FOUDA, CORRESPONDENTE INVESTIGATIVO CHEFE DA AL JAZEERA

Após o lançamento da Al Jazeera em 1996, reuni minha coragem e levei uma ideia bastante estranha à sua administração: que me fosse permitido desaparecer por dois meses de uma só vez, em troca de uma peça investigativa bimestral de 45 minutos. A regra na TV árabe até então era de que você só tinha permissão de desaparecer por 45 minutos, contanto que promettesse retornar com resultados apressados equivalentes a dois meses (estou exagerando só um pouquinho). Como já se poderia prever, a proposta provocou algumas amáveis risadas, e eu quase terminei entrando em outro ciclo de depressão profissional.

Porém, alguns meses depois, o Diretor Hamad Bin Thamer Al Thani decidiu me oferecer, por algum motivo, a oportunidade de produzir uma reportagem piloto. Com um orçamento próximo de zero, essa reportagem piloto precisava ser preparada, filmada e editada no local onde eu vivia – Londres. O antraz pareceu-me ser um bom tópico. Além de um interesse óbvio, o local seria facilmente justificável, por conta dos então recentes vazamentos, que implicaram que o governo britânico anterior facilitara a exportação dos assim-chamados “equipamentos de uso dual” para o Iraque de Saddam Hussein. Perante as sanções da ONU, era ilegal exportar para o Iraque qualquer equipamento civil que pudesse ser adaptado para propósitos militares.

Pelos padrões de ontem, a reportagem piloto, de acordo com diversas pessoas, era uma espécie de avanço revolucionário no caminho para um conceito árabe de jornalismo investigativo. E tanto foi assim que ela terminou inesperadamente transmitida e retransmitida por diversas vezes. Em uma época na qual a Al Jazeera era abertamente deplorada e ferozmente atacada pela maioria dos governos árabes, ela também representou o canal do Catar no Festival de Cairo para a Produção de Rádio e TV em 1998, e retornou com um prêmio. Essa foi a primeira e última vez em que a Al Jazeera participou de uma competição desse tipo. Mas ela foi apenas o início de uma série de dez anos do “Sirri Lilghaya” (“Ultrassegredo”).

A despeito de algumas tímidas tentativas anteriores de realizar esse tipo de jornalismo em jornais árabes impressos, o primeiro e cada vez mais popular canal pan-árabe de notícias e atualidades 24 horas conseguiu identificar uma área de interesse que era completamente nova para o público árabe. Eu não tinha qualquer ilusão quanto ao potencial de perigos e complicações que surgiriam no mesmo pacote, considerando as realidades específicas de nossa parte do mundo. Em diversos níveis, essas dificuldades ainda representam um imenso desafio para os jovens repórteres e produtores árabes que aspiram a se tornar jornalistas investigativos sérios.

Em primeiro lugar, partindo de um ponto de vista industrial, a maioria das nossas organizações de notícias não tem tanta familiaridade com uma cultura de qualidade quanto tem com uma cultura de quantidade. Entre outras coisas, a qualidade requer uma administração altamente educada, treinamento contínuo, equipes integradas, orçamentos realistas e – ousado dizer – tempo. Você dificilmente encontrará um gerente ou editor que não teça apaixonados elogios a uma cobertura de profundidade. Mas é raro que você os veja igualmente entusiasmados e em condições de traduzir os seus elogios em realidade. Eles são, tradicionalmente, uma parte do problema, ainda que seja bem melhor vê-los como parte da solução em uma tentativa abrangente de mudar a cultura. A boa notícia é que nosso atraso nessa área nada tem a ver com os nossos genes. Mas a má notícia é que se continuarmos incapazes de fazer nossa própria cozinha trabalhar, nem mereceremos nem alcançaremos a honra de começarmos a enfrentar desafios externos – e mais sérios.

Em segundo lugar, partindo do ponto de vista da segurança pessoal, o dito “ser jornalista é procurar dor de cabeça” não poderia se aplicar melhor a qualquer forma de jornalismo do que a este tipo. O cálculo de riscos se torna, assim, um conceito crucial no jornalismo investigativo, com base no fato de que não há uma única história que valha a vida de um jornalista. Por mais enganosamente simples que esse princípio possa parecer, ele evoca motivos para preocupação em uma parte do mundo que ainda está aprendendo a respeito do jornalismo investigativo. O mundo árabe está cheio de jornalistas jovens e impressionáveis que querem mostrar o seu valor, às vezes a qualquer preço, com muito pouco conhecimento sobre segurança e prudência, ou até mesmo sobre como sobreviver. A sua coragem é um fenômeno promissor, mas ela também pode ser uma receita para desastres. Parte da responsabilidade para resolver essa situação está nas mãos dos departamentos de mídia e centros de treinamento, e outra parte na administração, mas a maior parte

está sobre os ombros do(a) próprio(a) jornalista. Ele ou ela é a pessoa que pagará o preço final caso alguém morra, e ele ou ela é a pessoa que pode decidir viver por mais uma história.

Em terceiro lugar, de um ponto de vista jurídico, o jornalismo investigativo é um campo minado. Ele muitas vezes frequenta o mesmo clube no qual a corrupção, a negligência e o fracasso dos sistemas podem ser encontrados. Misturar-se com essas más companhias é um perigo jurídico tremendo, à medida que o(a) investigador(a) se propõe sempre a encontrar respostas para perguntas que começam com “como” e “por que”. Para realizar isso, ele ou ela às vezes precisa usar métodos não tão transparentes em nome de um bem maior. Poucos jornalistas estarão em condições e dispostos a ver a diferença entre o interesse público e os interesses passageiros do público. Poucos estarão em condições de emplacar um furo jornalístico e permanecer dentro da lei ao mesmo tempo. Obviamente, a consciência jurídica é um elemento crucial.

Em quarto lugar, por um ponto de vista político, a maioria dos governos árabes ainda vê o empoderamento dos seus cidadãos pela informação como um perigo. Esse é um fato que precisa ser sempre observado e sabiamente contextualizado, de uma maneira que não comprometa a nossa meta sagrada: alcançar aquilo que acreditamos ser honestamente a verdade, e transmiti-la aos nossos leitores e espectadores, governantes e governados. Considerando a realidade política árabe, a margem de erro é na verdade uma das menores no mundo, e isso gera mais um interessante desafio. Alguns jornalistas estimam de fato esse tipo de desafio, mas isso requer conhecimento e experiência – uma boa medida de ambos. Os mecanismos que regem os relacionamentos entre um(a) jornalista e os políticos são, por um lado, semelhantes àqueles que regem os seus relacionamentos com prostitutas. Ambos são fontes, e ambos visam a usá-lo ou usá-la para uma coisa ou para outra. Não se trata de um jogo de soma zero. Há sempre um terceiro caminho que permitirá ao(à) jornalista alcançar o que está buscando, sem comprometer a sua vida.

Em quinto lugar, partindo de um ponto de vista cultural, não é fácil para o jornalismo investigativo sério florescer em uma cultura predominantemente oral. Nossa cultura não aprecia números, dados ou estatísticas tanto quanto ela é movida por palavras, ritmo e estrutura. Por sorte, isso não precisa ser necessariamente um empecilho. Ao contrário: o domínio de nossas ferramentas pode nos auxiliar a fazer delas uma grande vantagem. E essa é outra interessante área que obviamente pode se beneficiar de uma medida de investimento. O problema real está no entendimento geral – ou na falta dele – em nossas sociedades sobre o verdadeiro propósito do jornalismo investigativo. Ainda precisamos educar mais as pessoas, para que tenhamos o público geral ao nosso lado. Caso contrário, será sempre fácil sofrer acusações de ser um espião, enquanto você procura descobrir quantos jovens egípcios se casaram com cidadãos israelenses no ano passado.

É bom lembrar, existem também riscos mentais, emocionais, psicológicos e sociais ligados a essa forma de jornalismo de vanguarda. Ele pode ser tão ridiculamente exigente a ponto de dominar a sua vida com facilidade – literalmente. Você quer ser alguém nesse campo? Então poderia também dar adeus aos “prazeres de uma vida ordinária” – bem, nem sempre, afortunadamente. Você tem uma paixão ardente por ele? Não é um mau começo. O que você poderá receber, em troca, é a alegria de ligar os fios da meada e unir os pontos, e o prazer final, indescritível, de alcançar um momento de descoberta. E acima de tudo, nada se assemelha ao sentimento curativo que surge quando alguém a princípio desconhecido se aproxima de você e diz: “Obrigado”. Isso será o suficiente para lhe por de volta na estrada, realizando uma nova investigação.



questão

1

O que é o jornalismo investigativo?

O jornalismo investigativo não é a cobertura habitual

POR MARK LEE HUNTER E NILS HANSON

O processo até aqui:

Damos a nós mesmos uma boa ideia do que estamos fazendo, e do porquê.

O jornalismo investigativo não é a cobertura habitual

O que é jornalismo investigativo? Como ele é realizado? Por que precisamos praticá-lo? Quase meio século após o caso Watergate – o momento que definiu de modo decisivo a história do gênero –, nem o público nem os jornalistas estão de acordo quanto às respostas para essas perguntas. O que pensamos a esse respeito é:

O jornalismo investigativo envolve expor ao público questões que estão ocultas – seja deliberadamente por alguém em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias que obscurecem a compreensão. Ele requer o uso tanto de fontes e documentos secretos quanto divulgados.

A cobertura convencional de notícias depende amplamente – e, às vezes, inteiramente – de materiais fornecidos pelos outros (por exemplo, pela polícia, governos, empresas, etc.); ela é fundamentalmente reativa, quando não, passiva. A cobertura investigativa, em contraste, depende de materiais reunidos ou gerados a partir da própria iniciativa do(a) repórter (e por isso ela é frequentemente chamada de “cobertura empreendida” – em inglês, “enterprise reporting”).

A cobertura convencional de notícias visa a criar uma imagem objetiva do mundo como ele é. A cobertura investigativa utiliza materiais objetivamente verdadeiros – ou seja, fatos que qualquer observador razoável concordaria que são verdadeiros – visando à meta subjetiva de reformar o mundo. Ela não é uma licença para mentir por uma boa causa. Ela é uma responsabilidade, para que a verdade seja aprendida de modo que o mundo possa mudar.

Ao contrário do que alguns profissionais gostam de dizer, o jornalismo investigativo não é apenas o bom e velho jornalismo bem realizado. De fato, ambas as formas de jornalismo focalizam os elementos de quem, o que, onde e quando. Mas

o quinto elemento da cobertura convencional, o “por que”, torna-se o “como” na investigação. Os outros elementos são desenvolvidos não apenas em termos de quantidade, mas também em termos de qualidade. O “quem” não é apenas um nome ou um título, e sim uma personalidade, com traços de caráter e um estilo. O “quando” não está presente nas notícias, e é um continuum histórico – uma narrativa. O “que” não é meramente um evento, e sim um fenômeno com causas e consequências. O “onde” não é apenas um endereço, e sim uma ambientação, na qual certas coisas se tornam mais ou menos possíveis. Esses elementos e detalhes dão ao jornalismo investigativo, em sua melhor forma, uma poderosa qualidade estética que reforça o seu impacto emocional.

Em suma, ainda que os repórteres possam fazer tanto a cobertura diária quanto o trabalho investigativo ao longo de suas carreiras, os dois papéis envolvem às vezes habilidades, hábitos de trabalho, processos e metas profundamente diferentes. Essas diferenças são detalhadas na tabela a seguir. Elas não devem ser lidas como opostos distintos e irreconciliáveis. Ao invés disso, quando uma situação corresponde mais ao lado esquerdo da tabela, isso significa que o(a) repórter está realizando a cobertura convencional; à medida que a situação caminha para a direita na tabela, o(a) repórter começa a atuar de uma maneira investigativa.

É algo aparente que uma investigação dê muito mais trabalho do que o jornalismo do dia-a-dia? De fato, ela dá mais trabalho, a cada passo do processo, ainda que seja possível realizá-la de maneira eficiente e prazerosa. Ela também é muito mais recompensadora – para o público, para a sua organização, e para você.

JORNALISMO CONVENCIONAL	JORNALISMO INVESTIGATIVO
Pesquisa	
As informações são reunidas e relatadas a um ritmo fixo (diário, semanal, mensal).	As informações não podem ser publicadas até que a sua coerência e completude estejam garantidas.
A pesquisa é completada com rapidez. Não se faz uma pesquisa adicional uma vez que a história esteja completa.	A pesquisa continua até que a história esteja confirmada, e pode continuar após a sua publicação.
A história se baseia em um mínimo necessário de informações, e pode ser bastante curta.	A história se baseia no máximo possível de informações, e pode ser bastante longa.
As declarações das fontes podem substituir a documentação.	A reportagem requer uma documentação capaz de apoiar ou negar as informações das fontes.
Relações de fontes	
A boa fé das fontes é presumida, frequentemente sem verificação.	A boa fé das fontes não pode ser presumida; qualquer fonte pode fornecer informações falsas; nenhuma informação pode ser utilizada sem verificação.
As fontes oficiais fornecem informações ao(a) repórter livremente, para promoverem a si e às suas metas.	As informações oficiais são ocultadas do(a) repórter, porque a sua revelação pode comprometer os interesses de autoridades ou instituições.
O(a) repórter deve aceitar a versão oficial da história, ainda que ele ou ela possa contrastá-la com comentários ou afirmações de outras fontes.	O(a) repórter pode desafiar ou negar explicitamente a versão oficial de uma história, com base nas informações de fontes independentes.
O(a) repórter dispõe de menos informações do que a maioria das suas fontes.	O(a) repórter dispõe de mais informações do que qualquer uma das suas fontes, considerada individualmente, e de mais informações do que a maioria delas em conjunto.
As fontes são quase sempre identificadas.	As fontes frequentemente não podem ser identificadas, em nome de sua segurança.
Resultados	
A reportagem é vista como um reflexo do mundo, que é aceito assim como ele está dado. O(a) repórter não espera obter resultados além de informar o público.	O(a) repórter se recusa a aceitar o mundo como ele se apresenta. A história visa a penetrar ou expor uma dada situação, para que seja reformada ou denunciada, ou, em certos casos, para que se promova um exemplo de um caminho melhor.
A reportagem não requer um engajamento pessoal por parte do(a) repórter.	Sem um engajamento pessoal do(a) repórter, a história nunca será completada.
O(a) repórter busca ser objetivo(a), sem viés ou juízo de valor em relação a qualquer uma das partes envolvidas em uma história.	O(a) repórter busca ser justo(a) e escrupuloso(a) em relação aos fatos da história, e com base nisso pode designar as suas vítimas, heróis e malfeitores. O(a) repórter também pode oferecer um juízo de valor ou veredito sobre a história.
A estrutura dramática da reportagem não é de grande importância. A história não precisa ter um final, pois as notícias continuam.	A estrutura dramática da história é essencial para o seu impacto, e leva a uma conclusão que é oferecida pelo(a) repórter ou por uma fonte.
Erros podem ser cometidos pelo(a) repórter, mas eles são inevitáveis e, normalmente, não têm muita importância.	Os erros expõem o(a) repórter a sanções formais e informais, e podem destruir a credibilidade do(a) repórter e do(s) meio(s) de comunicação.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir. Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história. Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta. Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Descobrimos uma questão. Criamos uma hipótese para verificar. Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese. Buscamos fontes humanas. O(a) repórter se recusa a aceitar o mundo como ele se apresenta. A história visa a penetrar ou expor uma dada situação, para que seja reformada ou denunciada, ou, em certos casos, para que se promova um exemplo de um caminho melhor. Sem um engajamento pessoal do(a) repórter, a história nunca será completada. O(a) repórter busca ser justo(a) e escrupuloso(a) em relação aos fatos da história, e com base nisso pode designar as suas vítimas, heróis e malfeitores. O(a) repórter também pode oferecer um juízo de valor ou veredito sobre a história. A estrutura dramática da história é essencial para o seu impacto, e leva a uma conclusão que é oferecida pelo(a) repórter ou por uma fonte. Os erros expõem o(a) repórter a sanções formais e informais, e podem destruir a credibilidade do(a) repórter e do(s) meio(s) de comunicação.

Para o público:

Os espectadores amam histórias que lhes adicionem valor – informações que eles não conseguem encontrar em nenhum outro lugar, nas quais eles confiam, e que lhes dê poder sobre suas vidas. As informações podem ser sobre política, ou finanças, ou os produtos que eles usam em seus lares. O que importa é que as suas vidas podem mudar a partir do que tivermos a dizer nessas questões. Portanto, anote: o jornalismo investigativo não é somente ou principalmente um produto, e sim um serviço; e esse serviço está tornando as vidas das pessoas mais fortes e melhores.

Para a sua organização:

Não deixe que ninguém lhe diga que uma investigação é um luxo para a mídia de notícias. A maioria dos meios de comunicação de notícias perde dinheiro, mas um meio de comunicação que realiza e gerencia investigações apropriadamente, usando-as para enriquecer o seu valor, pode ser bastante rentável (o semanal *Canard Enchaîné* na França e o *The Economist Group* no Reino Unido são dois exemplos bastante diferentes disso). Ademais, esses meios de comunicação contam com uma ampla influência e boa vontade nas suas comunidades, o que aumenta o seu acesso à informação e, assim, a sua posição competitiva.

Para você:

Ao longo das décadas que passamos treinando investigadores, frequentemente os ouvimos dizer: “Eu não vou granjear inimigos?” A verdade é que se você fizer o trabalho direito, você conquistará muito mais amigos do que inimigos. Você também se tornará muito mais conhecido na profissão e fora dela. As suas habilidades serão altamente valorizadas; se você continuar sendo um jornalista, ou não, você nunca ficará longe de um trabalho. Isso não é verdade para os jornalistas que não têm habilidades investigativas; eles são muito facilmente substituíveis, e as suas habilidades não vão muito longe na força de trabalho.

Mais importante, você mudará como um indivíduo de maneiras espantosas. Você se tornará mais forte, pois você se saberá como uma pessoa capaz de encontrar a verdade por conta própria,

ao invés de esperar que alguém a entregue a você. Você aprenderá a dominar o seu medo, enquanto ouve às suas dúvidas. Você entenderá o mundo de uma maneira nova e mais profunda. O jornalismo torna muitas pessoas cínicas e preguiçosas – verdadeiramente imprestáveis; trabalhar com investigação lhe será um auxílio para evitar tal destino. Em suma, as recompensas são tão grandes que se você se importa com o jornalismo e consigo mesmo(a), oferecerá a si, aos seus expectadores e aos seus colegas o valor adicional que as investigações criam.

A escolha de uma história para investigação

Repórteres novatos frequentemente perguntam: “Como você seleciona uma história para investigar?” Muitas vezes, eles têm dificuldade em encontrar uma história. Mas como disse uma vez um dos meus alunos, “O material está por toda parte”. O problema é vê-lo. Afortunadamente, existem diversas maneiras de noticiar uma história que se apresenta para ser investigada.

Uma maneira é observar a mídia. Em geral, é uma boa ideia monitorar um setor específico, para que você comece a identificar padrões e, assim, notar quando algo de incomum ocorre. Se você termina uma história e pensa, “Por que isso aconteceu?”, existe uma boa probabilidade de que há mais por ser investigado.

Outra maneira é prestar atenção àquilo que está mudando no seu ambiente, e não aceitá-lo como algo dado. O grande repórter belga Chris de Stoop iniciou uma investigação que se tornou um marco, sobre o tráfico de mulheres, após perceber que as prostitutas belgas de uma vizinhança onde ele costumava passar a caminho do trabalho tinham dado lugar a estrangeiras, e então se perguntou por quê.

Uma terceira maneira é ouvir às reclamações das pessoas. Por que as coisas precisam ser assim? Não há algo que possa ser feito? Em qualquer lugar onde pessoas se aglomeram – mercados da vila, fóruns de internet, festas de jantar – você ouvirá falar de coisas que parecem estranhas, estarem estranhas ou intrigantes.

Por fim, não busque apenas coisas que envolvam transgressões. É frequentemente mais difícil realizar um bom trabalho de reportagem sobre algo que está dando certo – entender um novo talento, ou um projeto de desenvolvimento que alcançou as suas metas, ou uma empresa que está gerando riqueza e empregos. Identificar os

elementos replicáveis do sucesso, ou as “melhores práticas”, é um valioso serviço aos seus expectadores.

Lembre-se disto: especialmente quando você estiver iniciando o trabalho, não existe algo como uma investigação curta. As habilidades necessárias para uma investigação em um vilarejo distante são as mesmas habilidades que você precisará ter mais adiante na capital. Isso não é uma teoria, isso é a nossa experiência. Use as histórias que aparecem onde quer que você esteja agora para começar a construir essas habilidades. Não espere até você estar envolvido em uma investigação de altos interesses para aprender o que você está fazendo.

Por fim, e acima de tudo, siga a sua paixão. Existem dois aspectos desse princípio.

O primeiro é aquilo que chamamos de “a síndrome da perna quebrada”. Chamamos dessa maneira porque, até que uma pessoa quebre a sua perna, ela nunca percebe quantas pessoas estão mancando. Em geral, não percebemos fenômenos a não ser que já sejamos sensíveis a eles. Então permita que as suas paixões lhe sensibilizem para histórias que ninguém mais parece levar a sério.

O segundo aspecto é que se uma história não lhe fascinar, ou não lhe causar indignação, ou não lhe provocar o intenso desejo de ver algo mudar, então você deveria passá-la para outra pessoa. Da mesma forma, se você for um(a) editor(a), preste atenção se um(a) repórter estiver tratando uma investigação como uma mera tarefa. Se isso estiver acontecendo, retire das mãos dele(a) essa tarefa e a dê a outra pessoa.

Por quê? Lembre-se: uma investigação envolve trabalho extra. Se você não se importa com uma história, você terminará não fazendo esse trabalho. É claro, você precisará usar a capacidade crítica da sua mente para realizá-lo; é claro, o seu modo de agir deve ser com profissionalismo em todas as circunstâncias. Mas se a história não é capaz de tocar as suas paixões, de um modo ou de outro você terminará falhando em concretizá-la.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Essa história vale a pena?

Uma quantidade grande demais de investigações já foi feita pelos motivos errados. Ainda que a paixão tenha sua importância, o sentimento de vingança é uma paixão, e alguns repórteres e companhias editoriais fazem uso de investigações para alcançar vinganças pessoais. Ainda que as investigações sejam um trabalho árduo, algumas delas são realizadas somente porque elas são as histórias mais fáceis entre as disponíveis. E uma quantidade grande demais de investigações nunca se pergunta se uma dada história é importante para os seus expectadores, e por quê.

Assim, faça a si mesmo(a) as seguintes perguntas quando você estiver avaliando se uma história vale ou não o trabalho que ela demandará de você:

Quantas pessoas serão afetadas?

(Chamamos isso de “o tamanho da fera”).

O quão poderosamente elas serão afetadas?

(A qualidade importa tanto aqui quanto a quantidade.)

Se uma única pessoa morre, ou se a vida dela é arruinada, a história já é importante.)

Se elas forem afetadas positivamente, a causa poderia ser replicada em outros lugares?

Ou, essas pessoas são vítimas?

O seu sofrimento poderia ser evitado?

Podemos mostrar como?

Quem são os malfeitores que devem ser punidos?

Ou, pelo menos, denunciados?

É importante dizer, de alguma maneira, o que aconteceu, para que não aconteça novamente?

É assim que um de nós olha para a questão:

O mundo está cheio de sofrimento; boa parte desse sofrimento é inútil, e é o resultado de imoralidades e erros. O que quer que diminua o sofrimento, a crueldade e a estupidez vale a pena ser feito. Uma investigação pode contribuir com esse objetivo.

Procure fazer esse tipo de serviço primeiro, ao invés de simplesmente usar a oportunidade para avançar a sua carreira. Nunca se esqueça de que uma investigação é uma arma, e de que você pode machucar pessoas com ela – seja deliberadamente, ou pela sua própria falta de cuidado (vale sempre a pena lembrar que Woodward e Bernstein, famosos repórteres do escândalo Watergate, admitiram ter destruído as carreiras de diversas pessoas inocentes, juntamente com Richard Nixon). No decorrer da sua carreira, você será a melhor e a pior coisa que já aconteceu a algumas outras pessoas. Tenha cuidado em relação ao papel que você desempenha, e para quem, e por que. Tenha uma boa visão dos seus próprios motivos pessoais antes de investigar os outros. Se a história não é mais importante para os outros do que ela é para você, provavelmente você não deveria estar fazendo-a.

Ao longo de nossas carreiras, já realizamos centenas de investigações. Em cada uma delas, em algum momento, alguém chegou para nós e disse: “Por que você está fazendo todas essas perguntas? O que você irá fazer com essas informações? O que te dá esse direito?” Se não tivéssemos uma boa resposta para essas perguntas – e disséssemos “o público tem o direito de saber!” não seria uma boa resposta – a investigação estaria terminada. Normalmente dissemos algo mais ou menos assim: “O que está acontecendo aqui é importante para você e para os outros. Eu irei contar a história, e quero que ela seja verdadeira. Espero que você me auxilie”.

O que quer que você diga em um momento como esse, precisa ser algo em que você acredite, e precisa fazer sentido, qualquer que seja a pessoa a quem você está falando. As pessoas detestam jornalistas, e uma das razões para isso é que elas desconfiam dos nossos motivos. Esperamos que você também possa contribuir para mudar essa realidade.



hipótese

2

O uso de hipóteses: O cerne do método investigativo

POR MARK LEE HUNTER, LUK SENGERS E PIA THORSEN

O processo até aqui:

**Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificá-la.**

Uma hipótese é uma história e um método para testá-la

Os repórteres estão sempre reclamando que os editores recusam suas grandes ideias de novas histórias. É claro, isso acontece mesmo. Mas frequentemente, o que o(a) editor(a) recusa não é de forma alguma a história. E sim o convite para um desastre – uma investigação pobremente planejada que queimará tempo e dinheiro por um resultado bastante incerto. Quando éramos mais jovens, nós mesmos oferecemos algumas dessas mulas mancas a editores, e fomos bastante sortudos que eles tenham quase sempre abatido esses pobres animais antes que pudéssemos montá-los.

Por exemplo, dizer “Eu quero investigar a corrupção” não é uma grande proposta para um(a) editor(a). É claro, a corrupção existe, em todos os lugares do mundo. Se você dedicar tempo suficiente em procura dela, você encontrará alguma coisa. Mas a corrupção em si, e por si mesma, não é uma questão. Ela não é uma história, e o que os jornalistas fazem é contar histórias. Se você procurar uma questão, ao invés de uma história, você pode se tornar um(a) especialista nessa questão, mas uma grande quantidade de tempo, dinheiro e energia serão perdidos ao longo do caminho. E é por isso que qualquer editor(a) com um cérebro lhe dirá: “Não”.

Se, ao invés disso, você disser, “A corrupção no sistema escolar tem destruído as esperanças dos pais de que os seus filhos tenham vidas melhores”, você está contando uma história específica. E isso já é mais interessante.

Esteja consciente disso ou não, você também está afirmando uma hipótese – porque você ainda não provou que a sua história é a história correta.

Você está propondo que a corrupção nas escolas existe, e que ela tem efeitos devastadores para pelo menos dois grupos de pessoas, os pais e os filhos. Isso pode ser ou pode não ser verdade; você ainda precisa encontrar os fatos.

Enquanto isso, a sua hipótese define questões específicas que devem ser respondidas se você quiser descobrir se ela faz sentido ou não. Isso acontece por meio de um processo no qual separamos as partes da hipótese e vemos quais afirmações individuais e específicas ela faz. Em seguida, podemos verificar cada afirmação individualmente. Ademais, também veremos o que queremos dizer por meio das palavras que usamos para contar a história, porque precisamos descobrir e definir o seu significado para poderemos chegar a algum lugar.

Você pode responder a essas perguntas em qualquer ordem, mas a ordem mais sábia é quase sempre a que você pode seguir com mais facilidade. Qualquer investigação se tornará difícil mais cedo ou mais tarde, porque ela envolve muitos fatos, muitas fontes – o que significa que você precisará fazer muita organização do material – e muita atenção no sentido de garantir que você realmente chegou à história direito antes de por em risco a sua reputação.

Em nosso exemplo hipotético, o lugar mais fácil de começar é provavelmente uma conversa com os pais e os filhos a respeito das suas esperanças e do seu desespero.

Uma vez que você tenha encontrado pelo menos quatro fontes que lhe confirmem que de fato há corrupção nas escolas – menos de quatro é ainda uma base muito arriscada –, você poderá começar a examinar o funcionamento do sistema escolar. Você precisará estudar as suas regras, os seus procedimentos e os seus ideais e missões tais como são afirmados.

Quando você conhecer o funcionamento do sistema, você verá as zonas cinzentas e negras nas quais a corrupção pode ocorrer. Poderá então comparar a realidade daquilo que você ouviu e descobriu com o que o sistema declara.

capítulo 2

AQUI ESTÁ UM EXEMPLO EM GRÁFICO DE COMO OLHAR PARA ESSE PROCESSO

Primeiro, estabelecemos a hipótese

> Agora, separamos os diferentes termos que ela inclui

> Em seguida, definimos cada termo mais detalhadamente, e vemos quais questões ele produz

Mais precisamente, o que queremos dizer quando falamos em "corrupção"?

Propinas, favoritismo, nepotismo nas contratações?

Como isso funciona nas escolas, se é que isso realmente existe?

Que tipo de escolas, e quantas?

A corrupção funciona da mesma maneira em cada uma delas?

Que regras poderiam coibir a corrupção?

Por que essas regras não estão funcionando?

Que diferentes tipos de pessoas trabalham no sistema, e como é a distribuição do poder e das recompensas entre elas?

A corrupção

Quais pais já viveram situações de corrupção?

Quais são as suas esperanças?

Como eles pensam que a educação pode ser útil para que esses sonhos sejam realizados?

no sistema escolar

tem destruído as esperanças

dos pais de

que seus filhos

As crianças têm consciência do que está acontecendo?

Caso sim, como isso as afeta?

tenham vidas melhores

A educação realmente torna a vida melhor para as crianças?

De que maneira?

Descobrimos uma questão.

Criamos uma hipótese para verificar.

Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.

Buscamos fontes humanas.

Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.

Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.

Publicamos, promovemos e defendemos a história.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.

As vantagens de uma investigação a partir de histórias

Parece que o exemplo acima implica em muito trabalho? Isso é porque, de fato, ele implica em muito trabalho – mas somente se você o comparar com a maneira como a maioria das histórias de notícias é escrita, ou seja, conversando com uma ou duas fontes, ou reescrevendo um release. Se você comparar o método de hipótese com a maioria das outras maneiras de investigar, as vantagens em termos de economia de trabalho são óbvias:

1. Uma hipótese lhe dá algo a se verificar, ao invés de tentar descobrir um segredo.

As pessoas não abrem mão dos seus segredos sem que haja um motivo realmente bom. Elas têm uma probabilidade muito maior de confirmar informações de que você já dispõe, pelo simples fato de que a maioria das pessoas detesta mentir. Uma hipótese permite que você peça para confirmar algo, ao invés de avançar novas informações. Uma hipótese também permite que você adote a posição de uma pessoa aberta a descobrir mais a respeito da história do que você havia pensado, porque está disposta a aceitar que existem fatos mais além do que suspeitara no início.

2. Uma hipótese aumenta as suas chances de descobrir segredos.

Uma boa parte daquilo que chamamos de “segredos” é simplesmente composta por fatos sobre os quais ninguém havia perguntado. Uma hipótese tem o efeito psicológico de torná-lo(a) mais sensível aos materiais em questão, para que então possa fazer essas perguntas. Como disse o investigador francês Edwy Plenel, “se você quiser encontrar algo, você precisa estar à procura disso”. Podemos adicionar que se você estiver realmente à procura de algo, encontrará mais do que o que estava procurando.

3. Uma hipótese torna mais fácil gerenciar o seu projeto.

Após definir aquilo que você está buscando, e onde começar essa busca, você pode estimar quanto tempo demandarão os passos iniciais da investigação. Esse é o primeiro passo para tratar a investigação como um projeto que você possa gerenciar. Voltaremos a essa questão no final deste capítulo.

4. Uma hipótese é uma ferramenta que você pode usar repetidas vezes.

Quando você conseguir trabalhar de maneira metódica, a sua carreira mudará. E, mais importante, você mesmo(a) mudará. Você não precisará mais ter alguém para lhe dizer o que fazer. Você verá o que precisa ser feito para combater uma parte do caos e do sofrimento deste mundo, e estará em condições de fazê-lo. Não é por isso que você se tornou um(a) jornalista desde o início?

5. Uma hipótese praticamente garante que você entregará uma história, e não somente uma massa de dados.

Os editores querem ter certeza de que ao final de um dado período de tempo – e de um investimento específico de recursos –, haverá uma história para ser publicada. Uma hipótese aumenta imensamente a probabilidade de que isso aconteça. Ela permite que você preveja os resultados positivos mínimos e máximos para o seu trabalho, bem como um pior caso possível.

- O pior caso possível é que a verificação da hipótese mostrará rapidamente que não há uma história, e que o projeto pode ser terminado sem que se percam recursos significativos.
- O resultado positivo mínimo é que a hipótese original seja verdadeira e possa ser rapidamente verificada.
- O máximo é que se essa hipótese for verdadeira, outras hipóteses logicamente se seguirão a ela, resultando ou em uma série de histórias relacionadas entre si, ou em uma história bem graúda.

Existem ainda outras vantagens, mas antes de avançarmos mais, permita-nos fazer aqui uma breve advertência.

As hipóteses podem ser perigosas

Repórteres iniciantes se preocupam muito com o que acontecerá caso eles consigam ser bem-sucedidos com uma história. Haverá alguém querendo se vingar? Eles serão processados? Os repórteres experientes sabem que os principais problemas acontecem quando uma história fica mal feita. É claro, eles podem ser processados, e às vezes podem ser jogados na cadeia, estejam eles certos ou errados. Mas – e isso é algo menos visível à primeira vista – contar uma história que não é verdadeira torna o mundo um lugar mais triste e mais feio.

Portanto, por favor, lembre-se sempre disto: Se você simplesmente tentar provar a qualquer custo que uma hipótese é verdadeira, a despeito das evidências contrárias, você se juntará às fileiras dos mentirosos profissionais do mundo – os tiras desonestos que condenam um inocente, os políticos que vendem guerras como se fossem sabonetes. O objetivo de uma investigação está mais além de provar que você tem razão. O objetivo é encontrar a verdade. Uma investigação baseada em uma hipótese é uma ferramenta que pode cavar um boa medida da verdade, mas ela também pode cavar uma profunda cova para os inocentes.

Especificamente, para tornar o mundo pior, tudo o que você precisa fazer é deixar de lado os fatos que refutam a sua hipótese. Ou você pode ser descuidado(a) (os erros provavelmente adicionam tanto à confusão e ao sofrimento do mundo quanto as mentiras descaradas). De qualquer forma, você torna o seu trabalho mais fácil, e você permite que alguma outra pessoa limpe uma sujeira. Diversas pessoas o fazem a cada dia, mas essa atitude não se torna, por isso, aceitável. Nossa teoria é a de que existem muitos jornalistas no Inferno, e de que o mau uso de hipóteses é uma das maneira pelas quais

eles foram parar lá. Portanto, seja honesto(a) e cuidadoso(a) sobre como você utiliza as hipóteses: Procure refutá-las, tanto quanto prová-las. Teremos mais a dizer a respeito dessa questão no capítulo 7, “Controle de qualidade”.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Como as hipóteses funcionam

1. Por que não importa se a primeira hipótese for verdadeira.

O enquadramento de uma investigação como uma hipótese é um procedimento tão antigo quanto a ciência, e é utilizado com sucesso em domínios tão distintos entre si quanto o trabalho policial e as consultorias de negócios (de fato, é uma aberração que apenas recentemente ele tenha sido importado para dentro do jornalismo como um método consciente). Em essência, ele se baseia em um truque mental. Você cria uma afirmação daquilo que pensa que a realidade é, com base nas melhores informações de que você dispõe, e, então, procura novas informações que possam provar ou refutar a sua afirmação. Esse é o processo de verificação. Como mostramos acima, se a hipótese como um todo não puder ser confirmada, os seus termos separados podem ser, ainda assim, individualmente verificados. Caso contrário, volte um passo atrás e produza uma nova hipótese. Uma hipótese que não pode ser verificada como um todo ou em parte é uma mera especulação.

Se uma afirmação for reforçada pelas evidências, ótimo: Você tem a sua história. De maneira menos visível, também é ótimo se a afirmação não for verdadeira, pois isso significa que deve haver uma história melhor do que a que você imaginou a princípio.

2. Para ter sucesso, estruture a hipótese.

A hipótese inicial não deve ser mais longa do que três frases, por dois motivos muito bons. Se ela for mais longa do que isso, você não conseguirá explicá-la a outra pessoa. Mais importante, se ela for mais longa do que isso, você mesmo(a) provavelmente não a entenderá.

A hipótese é afirmada como um história. Isso tem uma importância imensa, pois significa que você terminará por onde começou – com uma história. Estamos não só coletando fatos; estamos contando histórias que esperamos que possam mudar o mundo. A hipótese lhe ajudará a explicar a história aos outros, começando pelo seu editor e editora, e então ao público.

Em sua forma mais básica, a história é quase sempre uma variante das seguintes três frases:

- “Estamos diante de uma situação que está causando intenso sofrimento (ou que merece ser mais amplamente conhecida como um bom exemplo)”.
- “Foi assim que a situação chegou a esse ponto.”
- “Isso é o que acontecerá se nada mudar... E da seguinte maneira, poderíamos mudar as coisas para melhor”.

Preste atenção nessas frases: Elas têm uma ordem cronológica implícita. Pode não ser aparente, porque a ordem não é uma linha reta do passado para o futuro. Ao invés disso, ela nos diz:

- A notícia do problema, que é o presente;
- A causa do problema, no passado;
- O que deve mudar para que o problema seja resolvido, no futuro.

Assim, quando compomos a nossa hipótese, estamos começando a compor uma narrativa – uma história que envolve as pessoas que se movimentam em um lugar e um tempo específicos. Uma das coisas mais difíceis no trabalho de investigação é manter o foco na narrativa, e não se deixar soterrar pelos fatos. A sua hipótese pode lhe auxiliar. Quando você se sentir sobrecarregado(a), pare de cavar e comece a olhar para a história que os seus fatos estão buscando lhe contar. Se eles não se encaixarem na hipótese original, então modifique-a. Afinal de contas, ela é apenas uma hipótese.

A propósito, pode ser muito, muito difícil mostrar como podemos por um fim a um dado problema. Às vezes, o melhor que você pode fazer é denunciar uma injustiça. Mas frequentemente, alguém ligado à sua história já procurou uma solução. Não negligencie ir atrás dessa pessoa.

3. As quatro chaves para tornar uma hipótese efetiva.

Usar hipóteses não é um truque complicado, mas a não ser que você seja bem mais talentoso(a) do que nós (e naturalmente aceitamos essa possibilidade), precisará tentar diversas vezes antes que o método se torne algo natural para você. Aqui estão quatro coisas que você precisa ter em mente para fazer isso funcionar:

Seja imaginativo(a).

Normalmente, os jornalistas reagem às situações. Eles reportam aquilo que veem, ouvem ou leem, ou então acompanham as notícias de ontem. Um(a) investigador(a) está buscando revelar algo que ainda não é conhecido. Ele ou ela não está apenas fazendo a cobertura de notícias, e sim gerando notícias. Portanto, está necessariamente dando um salto rumo a um futuro incerto. Isso significa a busca pelo retrato de uma história, e isso é um trabalho criativo.

Seja bem preciso(a).

Se você usar a palavra “casa” na sua hipótese, você está se referindo a uma quinta, a uma cobertura ou a um barracão? As respostas fazem diferença. Quanto mais preciso(a) você for em relação a um fato presumido, mais fácil será de fazer a verificação.

Use a sua experiência.

Se você já percebeu como o mundo funciona, de certas maneiras, isso pode se aplicar à história que está buscando provar. A sua experiência pode lhe auxiliar a apresentar uma hipótese. Lembre-se, por favor: até mesmo as pessoas mais experientes podem se surpreender com algo que nunca tinham visto antes, e até mesmo pessoas com um forte autorrespeito podem desconsiderar sua própria experiência.

Exemplo:

Um boicote em massa de consumidores na França fracassou, de acordo com a empresa que era o seu alvo. A mídia aceitou a versão da empresa. Começamos uma investigação que provou o contrário, quando percebemos que todas as pessoas que conhecíamos haviam boicotado a empresa. Como poderia não haver efeitos?

Seja objetivo(a).

Por objetividade, estamos nos referindo a três coisas bastante precisas:

- A primeira é que precisamos aceitar a realidade dos fatos que podemos provar, mesmo que não gostemos deles. Em outras palavras, estamos sendo objetivos em relação aos fatos. Se os fatos dizem que a hipótese está errada, então mudamos de hipótese. Nós não tentamos fazer com que os fatos desapareçam.
- A segunda é que precisamos realizar esse trabalho com o entendimento de que é possível estarmos errados. Se não tivermos isso em mente sempre, não conseguiremos ter o auxílio de que necessitamos dos outros. Você prestaria auxílio a alguém que já sabe todas as respostas, e que não está escutando o que você tem a dizer?
- Mesmo que você permaneça objetivo(a) em relação aos fatos – e você deve fazer isso –, existe uma base subjetiva para esse trabalho que não ficará de fora dele. Buscar fazer do mundo um lugar melhor não é uma meta objetiva. Não somos registradores quando estamos investigando; somos reformadores.

Usamos fatos objetivos, e somos objetivos em relação aos fatos, para avançar essa meta, porque cremos que qualquer tentativa de reformar o mundo fracassará se ela não for baseada na realidade. Em outras palavras, usamos nossa subjetividade como um incentivo para permanecermos neutros em relação às evidências, e para nos estimular a levar todas as evidências em conta

4. O que fazer se os fatos contrariam a sua bela hipótese?

Simple: aceite os fatos, e produza uma nova hipótese.

A dificuldade aqui é a de não se apegar demais a uma hipótese que se mostrou equivocada, nem dar um salto rumo a uma nova direção ao encontrar o primeiro fato contrário. O melhor sinal de que algo está errado surge quando você está encontrando uma boa quantidade de informações, mas elas não estão fazendo sentido. Quando isso acontecer, ou você está olhando para as informações erradas, ou elas só farão sentido quando você modificar a sua hipótese.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

O uso da versão oficial como uma hipótese

Nem sempre é necessário criar uma hipótese. Às vezes, o(a) repórter pode tratar uma declaração oficial, ou uma dica anônima, como uma hipótese detalhada que demanda uma verificação. Essa é uma técnica simples que pode ter resultados surpreendentes.

Lembre-se de um importante princípio: A maioria das investigações tem a ver com uma diferença entre uma promessa e a realidade de se ela foi mantida ou não. Assim, a promessa oficial frequentemente serve como uma hipótese, e a verificação mostra se essa promessa foi ou não mantida.

Exemplo:

Uma das maiores histórias na história do jornalismo investigativo, a revelação do “Caso do Sangue Contaminado” na França, começou da seguinte maneira: a repórter Anne-Marie Casteret foi contatada por um hemofílico. Os hemofílicos são homens com um distúrbio genético que suprime os fatores de coagulação no sangue, de modo que um leve corte na pele pode levar a um sangramento incontrolável e fatal. No início da epidemia de AIDS, ele afirmava, a agência do governo francês vendeu de forma deliberada e consciente aos hemofílicos e às suas famílias produtos especiais para o sangue que estavam contaminados com o vírus da AIDS.

Casteret procurou o diretor da agência, que lhe disse: “É verdade que os hemofílicos se contaminaram com o HIV pelos nossos produtos. Mas...”

- “Na ocasião, ninguém sabia que o HIV estava presente nos estoques de sangue que usamos para fazer os produtos”.
- “Ninguém sabia como fazer produtos mais seguros, então não havia qualquer outro disponível no mercado”.
- “A melhor coisa que podíamos fazer foi garantir que não iríamos espalhar o vírus ainda mais, garantindo que ninguém ainda não contaminado recebesse produtos contaminados”.

Essa foi a história oficial, e ela tem coerência e sentido lógico. Mas quando Casteret começou a checá-la como se fosse apenas uma hipótese, ela gradualmente descobriu que nenhum dos fatos contidos nela poderia ser provado. Ao contrário:

- A literatura científica mostrava que o problema do HIV nos suprimentos de sangue era conhecido na época (de fato, a agência foi avisada de que os seus próprios suprimentos estavam infectados).
- Havia companhias farmacêuticas e outras agências governamentais que sabiam como fazer produtos mais seguros, mas elas não foram escutadas.
- A agência que vendeu os produtos contaminados não tinha ideia de se as pessoas que usaram os produtos infectados eram saudáveis ou não, porque eles não tinham feito exames de infecção pelo HIV. E em todo caso, infectar novamente pessoas que já estão enfermas é uma prática médica terrível.
- No final, diante de evidências incontestáveis de que todos os seus produtos estavam contaminados pelo HIV, a agência tomou a decisão de continuar vendendo-os até que tivesse utilizado todos os estoques contaminados.

Casteret precisou de quatro anos para reunir toda essa história. Eles valeram a pena? Bem, a história colocou alguns criminosos de colarinho branco atrás das grades, deu a algumas vítimas o conforto de saberem que não estavam sozinhos, levou à derrota eleitoral de um governo que tinha tentando esconder o escândalo, e forçou a reformas um sistema de saúde que estava se tornando uma máquina de matar. Se você não quiser se dar o tempo necessário para fazer um trabalho como esse, mesmo que continue sendo um(a) jornalista, você não deveria se tornar um(a) investigador(a).

Você pode estar se perguntando por que somente Casteret se deu esse tempo. O principal motivo – sem contar o fato de que pelo menos um dos seus competidores trabalhou pelo outro lado, para as mesmas pessoas que cometeram o crime – é que ninguém era capaz de acreditar que pessoas respeitáveis poderiam fazer tal coisa. Nós lhe diremos a seguinte frase mais de uma vez, e ela é um bom motivo para começar: Mais investigações são sabotadas por repórteres que não são capazes de aceitar a verdade daquilo que descobriram, do que pelos próprios alvos das investigações tentando se proteger.

Comece com uma estratégia!

Permita-se o tempo necessário para examinar a sua estratégia investigativa – a ordem pela qual você executará tarefas específicas, e como elas se encaixarão em um todo. Acredite no que estamos dizendo: no final das contas, isso lhe economizará bastante tempo. Isso requererá uma lista inicial de perguntas que devem ser respondidas (por exemplo: Quem faz os produtos para o sangue? Como eles conseguem saber se os seus produtos são seguros ou não?).

É uma ideia muito boa começar a pesquisa pelas perguntas mais simples, ou seja, aquelas que você pode responder com informações que não requerem conversas com as pessoas. Em geral, o primeiro impulso de um repórter de notícias é pegar o telefone e começar a fazer perguntas. É claro, não estamos dizendo que você não deve falar com as pessoas. O que estamos dizendo é que há uma série de vantagens em começar a sua pesquisa sem fazer barulho. Quando a pesquisa tiver engrenado bem, muitas e muitas pessoas saberão o que você está fazendo.

É por isso que você precisa saber se existem ou não fontes abertas – documentos públicos, reportagens, e assim por diante – que possam servir para verificar ou elucidar partes da sua hipótese. Se elas existirem, consulte-as primeiro. Você compreenderá melhor a história antes de falar com as pessoas, e elas irão apreciar isso.

No Centro para a Integridade Pública, nos EUA, pede-se que os pesquisadores iniciantes façam pesquisa por diversas semanas antes que eles tenham permissão para contatar fontes. Você poderá não precisar de todo esse tempo. Mas se você é como nós, e como quase todas as centenas de pessoas que ensinamos a investigar, você precisa romper com o hábito de depender das outras pessoas para obter informações que você pode encontrar por conta própria. No próximo capítulo, veremos em detalhe como encontrar e utilizar fontes abertas

Descobrimos uma questão.

Criamos uma hipótese para verificar.

Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.

Buscamos fontes humanas.

Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.

Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.

Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Um estudo de caso de investigação baseada em uma hipótese: A tragédia da lei Baby Doe

Consideremos um exemplo estendido de como uma investigação baseada em uma hipótese funciona. Ele começou quando nosso chefe nos pediu para investigar uma dica de um dos seus amigos. O amigo tinha dito: *“Médicos estão matando bebês nascidos prematuramente, para impedir que eles cresçam com deficiências”*. O chefe tinha deixado claro que se não chegássemos à história, perderíamos nosso emprego

Que tipo de médicos fazem partos de bebês nascidos prematuramente? (Se você disser, “obstetras”, é um erro).

Quantos bebês têm nascido prematuramente? Esse número está aumentando ou diminuindo?

Que tipos de deficiências eles têm? O número de bebês com deficiências está aumentando ou diminuindo?

1. Isolar os termos, encontrar as fontes abertas.

O que há de errado com essa história? Para começar, você realmente acredita que alguns médicos malucos, treinados para salvar vidas, teriam repentinamente se tornado assassinos de bebês? Alguma vez você já viu um médico usando um crachá que diz, “eu mato bebês como um serviço público”? Nós tampouco. Então onde é que eles poderiam ser encontrados, supondo que eles existem? Você ligaria para um hospital e perguntaria, “Existem alguns assassinos por aí?” Nós tampouco.

O que há de certo nessa história, entretanto, é que ela contém diversos termos que podemos verificar:

A coisa mais difícil de se verificar acima é como uma pessoa mataria um bebê em uma enfermaria de recém-nascidos (Não, você não pode simplesmente ligar para um hospital e perguntar: “Vocês têm matado algum bebê recentemente? Como?”). Portanto, vamos deixar essa possibilidade de lado. Ao invés disso, buscamos a especialidade médica correta, que nos permitiria examinar a literatura médica mais recente, e também buscamos estatísticas sobre nascimentos prematuros e deficiências. Todas essas informações estão livremente disponíveis na biblioteca local – o exemplo arquetípico de uma fonte aberta.

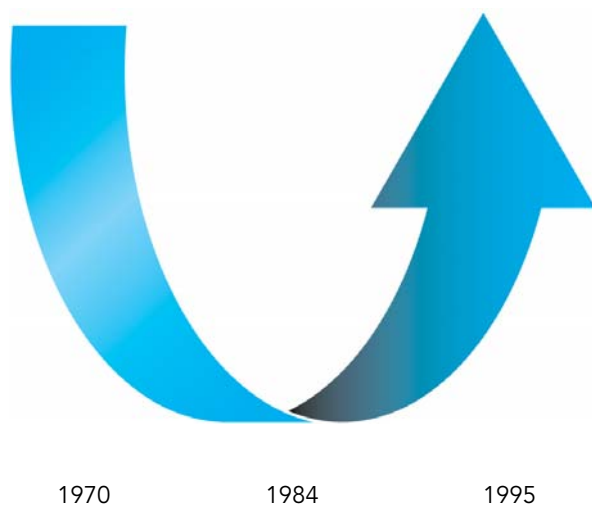
“Médicos/
estão matando/
bebês nascidos
prematuramente/
para impedir que eles cresçam/
com deficiências/.”

Como se mata um bebê em um hospital?

2. A primeira análise: A hipótese se sustenta?

O próximo passo foi reunir um pouco os dados, para ver se eles apoiavam a nossa hipótese. Pelas estatísticas nacionais sobre peso de bebês ao nascer, a medida padrão de prematuridade, e estudos científicos que apresentam as taxas de deficiências entre essas crianças, descobrimos uma curva de tendências mais ou menos assim:

NÚMERO DE BEBÊS NASCIDOS
PREMATUROS E COM DEFICIÊNCIAS NOS
EUA, 1970-1995



Em outras palavras, de 1970 a 1984, o número de bebês nascidos prematuramente teve uma forte diminuição. Como a prematuridade também está associada a deficiências, o número de crianças com deficiências também diminuiu. Porém, após 1984, os números aumentaram novamente, de maneira inexorável.

Dados como esses apoiam ou negam a nossa hipótese? Nem apoiam, nem negam. Esses dados não nos mostram que há assassinos de bebês soltos pelo mundo. Talvez o fato de que o número de crianças com deficiências e nascidas prematuras aumentou novamente após 1984 tenha inspirado alguns malucos a tentar deter a onda. Mas ainda não sabemos. Tampouco sabemos se esses malucos estavam em ação entre 1970 e 1984, e então decidiram parar antes de serem

pegos. Tudo o que sabemos é que a partir de 1984, algo mudou.

3. Verificação adicional.

Retornamos à biblioteca para coletar mais artigos científicos sobre crianças com deficiências e nascidas prematuras. Um dos artigos mencionava algo que foi chamado de “Baby Doe”. Ligamos para a autora e perguntamos a ela o que significava a expressão “Baby Doe”.

Ela respondeu: “É uma lei que requer que façamos todo o esforço possível para salvar as vidas dos bebês nascidos prematuros, independentemente das suas deficiências e da vontade dos pais”.

Esse fato, por si só, tinha o potencial de destruir a nossa hipótese – se, é claro, a lei tivesse sido efetivamente cumprida. Então perguntamos se os médicos obedeceram a lei. “Nós temos que obedecer”, disse ela. “Em cada hospital, há uma linha direta de ligação a um promotor público. Se alguém pensar que uma pessoa não está fazendo o seu trabalho, essa pessoa é presa”. Perguntamos se ela conhecia lugares onde isso acontecia. E sim, ela conhecia (mais à frente, obtivemos relatórios sobre o cumprimento da lei por uma agência federal).

Em seguida, perguntamos quando a lei tinha entrado em vigor. Adivinhe em que ano? Em 1984.

Nesse momento, a hipótese original pareceu bastante fraca. Mas uma nova hipótese passou a se configurar: “Em 1984, foi aprovada uma lei que proibiu os médicos de permitir que bebês severamente deficientes e nascidos prematuros morressem por causas naturais ao nascer. O resultado disso foi uma nova população de pessoas com deficiências”.

Nos dias seguintes, trabalhamos com a documentação sobre essa população, pois precisávamos ver o quão grande essa história poderia ser. Primeiro, calculamos os números adicionais de bebês nascidos prematuros que sobreviveram, graças a essa lei, entre 1984 e 1995 – ou seja, os bebês cuja morte ao nascer, anteriormente, teria sido permitida. Foi simplesmente uma questão de subtrair os dados de nascimentos prematuros em 1983, o último ano antes da lei entrar em vigor, dos dados sobre os anos seguintes. Em seguida, calculamos quantos bebês teriam

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir. Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta. Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Descobrimos uma questão.

Criamos uma hipótese para verificar.

Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.

Buscamos fontes humanas.

Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.

Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.

Publicamos, promovemos e defendemos a história.

nascido com deficiências, baseados em estudos científicos que fazem correlações entre prematuridade e deficiências.

Em seguida, checamos os dados com epidemiologistas, pois não somos médicos ou matemáticos, e podíamos ter cometido erros. Mais importante, não estávamos acreditando nos números que havíamos calculado. Estávamos diante de pelo menos um quarto de milhão de crianças com severas deficiências – cegas, paralisadas, com terríveis deficiências intelectuais – por conta dessa lei.

Os especialistas disseram que os nossos dados pareciam corretos. Mas havia outra parte crucial da história, e ela demandava uma nova hipótese. Isso nos trouxe a uma parte central de todo o processo.

4. Encontre hipóteses novas, subsidiárias, para dar conta de diferentes ângulos da história.

Uma pesquisa em profundidade quase sempre traz à tona novas possibilidades para uma história, que eram desconhecidas no começo da investigação. Elas frequentemente demandam novas hipóteses que possam ser, à sua vez, verificadas. Se elas não estiverem relacionadas à sua investigação original, você pode escolher ignorá-las por um tempo.

Mas às vezes, uma nova descoberta pode ser mais importante do que aquilo que você estava buscando no início. E outras vezes, novas hipóteses iluminarão a sua hipótese inicial de modo surpreendente. Se isso acontecer, e se você as ignorar, você perderá a oportunidade de desenvolver uma grande história.

No caso em questão, encontramos poderosas evidências estatísticas de que um quarto de milhão de crianças com deficiências foram mantidas vivas por conta de uma lei obscura. Mas isso gera uma pergunta: O que aconteceu com essas crianças?

Percebemos que os EUA tinham acabado de reformar as suas leis de previdência social, o que tornou a obtenção de benefícios mais difícil para as pessoas. A população que recebe os benefícios – pobre e, em grande medida, não branca – também sofreu desproporcionalmente com nascimentos prematuros. Então nossa hipótese era:

“Essa reforma previdenciária tornará ainda mais difícil o trabalho de cuidar das crianças nascidas prematuras e com deficiências”. Com bastante rapidez, verificamos isso em fontes abertas.

Muitos e muitos fatos ainda estavam por vir, mas a história que queríamos investigar já estava em seu lugar. Fomos conversar com o chefe, e dissemos: *“Chefe, não podemos provar a sua história. Você pode nos despedir se quiser. Mas aqui está uma história que podemos provar:*

- *Em 1984, foi aprovada uma lei que proibiu os médicos de permitir que bebês com deficiências e prematuros morram de causas naturais ao nascer.*
- *O resultado foi um quarto de milhão de crianças com deficiências, enquanto os seus benefícios de previdência social foram cortados.*
- *Ou seja, uma lei forçou crianças com deficiências a sobreviver, enquanto outra lei as jogou nas ruas.*
- *Você gostaria de ajudar a mudar essas leis, chefe?”*

Lembre-se disto: Se o seu chefe lhe disser um “não” em uma situação como essa, então chegou o momento de procurar outro chefe. A hipótese original, que tínhamos derrubado, era a hipótese do chefe. Jornalistas ruins procurariam fazer com que os fatos se encaixassem na sua hipótese. Bons jornalistas mudam as hipóteses para dar sentido aos fatos, mesmo se não gostarem dos fatos.

E não, ele não nos despediu; publicamos a nova história e ganhamos dois prêmios por ela (você encontrará esse e outros trabalhos citados em nossa bibliografia ao final deste manual). Por sua vez, as leis continuam em vigência. Lamentamos esse fato? Sim. Mas lamentariamos ainda mais se nunca tivéssemos contado a história.

Use as hipóteses para gerenciar uma investigação

O trabalho de gerenciamento significa nada mais do que escolher alvos e garantir, por meio de uma constante supervisão, que esses alvos sejam alcançados. Ele é um procedimento padrão em cada organização bem administrada no mundo, com a exceção habitual do jornalismo.

Uma vez que você tiver definido uma hipótese e obtido evidências de que ela parece válida, sugerimos que estabeleça os seguintes parâmetros para o projeto:

1. Produtos:

Com que mínimo você pode se comprometer a apresentar, em termos de histórias prontas? E com que máximo?

- Sugerimos que o mínimo seja uma única história original, baseada na hipótese inicial ou em uma hipótese diferente, descoberta por meio da verificação. Se a hipótese for suficientemente fértil, ela pode ser expandida para uma série, ou para uma narrativa de longa extensão. Não prometa mais do que você pode apresentar, e procure não aceitar menos do que o projeto merece.

2. Marcos do processo:

Quanto tempo você precisará para consultar as primeiras fontes abertas? Quando você contatará e entrevistará fontes humanas? Quando você estará pronto(a) para começar a redigir a história, ou as histórias?

- Sugerimos que o(a) repórter e seus colegas envolvidos façam uma revisão semanal dos avanços alcançados. A verificação da hipótese e a descoberta de novas informações são as primeiras questões em vista, mas também é importante estar consciente se o projeto está ou não em dia, em termos de tempo e de custos. Atrasos que ameçam o futuro do projeto não devem ser tolerados. E pessoas que não cumprirem seus compromissos em dia devem ser dispensadas da equipe.

3. Custos e recompensas:

Além do seu tempo, que quase sempre é valioso, pode haver custos com viagens, acomodações e de outros tipos. Quais são eles? Especifique de modo tão detalhado quanto puder.

- Se um(a) repórter estiver trabalhando independentemente, ele ou ela precisa considerar se esses custos serão justificáveis em termos de receitas adicionais, novos conhecimentos e habilidades adquiridas, novos contatos, prestígio ou outras oportunidades. A organização deve considerar se os custos do projeto podem ser amortizados por meio de aumentos nas vendas, prestígio e reputação. Todos os envolvidos devem considerar se o projeto se justifica pela perspectiva de um serviço de utilidade pública. Todos esses parâmetros são formas de valor.

4. Promoção:

A quem essa história interessará? Como será possível conscientizar esse público sobre a história? Isso envolverá custos adicionais (incluindo o seu tempo e o tempo dos outros)? Que benefícios podem ser alcançados para você ou a sua organização por meio desse investimento?

- Não faz sentido algum investir em uma investigação que não é promovida pela mídia que a publicará. Ademais, a ação promocional diminui os riscos de contra-ataques pelos afetados, contanto que a investigação seja precisa, pois isso chama a atenção de potenciais aliados. A ação promocional pode ser tão simples quanto uma manchete, ou tão complexa quanto o uso de fóruns da internet para gerar o “burburinho”. Discutiremos essa questão em mais detalhes no Capítulo 8.

Pode acontecer um abuso desses processos. Por exemplo, um editor pode estipular alvos que não são realistas, com uma meta oculta de fazer com que um repórter fracasse. Mas quase sempre, é bastante valioso substituir prazos diários por alguma outra estrutura na qual as expectativas sejam cumpridas.

Quando tudo acontece de acordo com o esperado, a hipótese e a sua verificação servirão como marcos para o seu progresso, e como indicadores daquilo que precisa ser feito em seguida. É inteligente também pensar para além da história em si, considerando como ela será recebida pelo público. A sua hipótese, que apresenta a sua história em alguns poucos enunciados, é a ferramenta que permitirá que você seja do interesse dos outros.

Descobrimos uma questão.

Criamos uma hipótese para verificar.

Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.

Buscamos fontes humanas.

Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.

Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.

Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Mantenha o seu foco na história

Lembre-se sempre: Cada hipótese apresentada por um(a) repórter deve ser formulada como uma história que possa ser verdadeira. Ela contém notícias, uma causa e uma solução. Isso significa que ao manter a hipótese firmemente em vista, o(a) repórter manterá seu foco na história, e não apenas nos fatos.

Os fatos podem ser a base da sua história, mas eles não contam a história. A história é que conta os fatos. Ninguém lembra três linhas de uma agenda de endereços, mas todos se lembram de uma história sobre cada nome na sua agenda. Ao enquadrar a sua investigação como uma história (lembrando que ela pode ser ou não verdadeira) desde o início, você não somente auxiliará os seus leitores futuros a se lembrar dela. Você também auxiliará você mesmo a se lembrar dela. Acredite no que estamos dizendo, essa é a parte mais difícil da investigação – lembrar-se da história à medida que os fatos vêm se somando.

Dedique o tempo necessário para se tornar um(a) expert nesse método. Pratique-o todas as vezes que você investigar. Ele lhe trará sorte e permitirá que você repita essa sorte.

E agora, vejamos onde podemos encontrar nossas fontes abertas – ou, como gostamos de chama-las, “**portas abertas**”.



O uso das Portas Abertas: Contextualização e dedução

POR MARK LEE HUNTER

O processo até aqui:

Descobrimos uma questão.

Criamos uma hipótese para verificá-la.

Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.

Introdução: Siga pela porta que está aberta

Em um filme chamado “Harper”, o ator Paul Newman faz o papel de um detetive particular que se encontra diante de uma porta com um menino que quer provar o quão durão ele é. “Por favor, por favor, posso passar pela porta?”, ele implora. “Claro”, diz o detetive. A criança se arremessa contra a porta e quase quebra o seu ombro. Harper caminha até a porta, gira a maçaneta e a abre.

Em minha experiência de ensino e prática de investigações, vejo muitas pessoas que agem como essa criança, tentando quebrar barreiras que não estão realmente fechadas, ou que elas poderiam facilmente contornar. Tipicamente, essas pessoas sofrem com uma ilusão: elas pensam que qualquer coisa que não é um segredo também não é digna de ser conhecida. E assim passam o seu tempo tentando fazer com que as pessoas lhes contem segredos. Até mesmo pessoas que são muito, muito boas nisso (Seymour Hersh e o neozelandês Nicky Hager vêm à mente) são obrigadas a mover-se devagar sobre esse terreno.

Infelizmente, para a maioria de nós, é difícil diferenciar um segredo de uma mentira. Enquanto isso, a pessoa termina fazendo papel de bobo, pois normalmente, pedir as pessoas para lhe contar algo as torna muito poderosas, e torna a pessoa que pergunta digna de pena.

Os profissionais de inteligência, cujos interesses incluem viver um tempo longo o suficiente para receber uma aposentadoria, usam uma abordagem diferente, com base em diferentes pressupostos:

- A maior parte daquilo que chamamos “segredos” é composta simplesmente por fatos aos quais não tínhamos prestado atenção.
- A maior parte desses fatos – a estimativa comum é de 90% - está disponível para a nossa

consulta em uma fonte “aberta”, ou seja, uma fonte que pode ser livremente acessada.

Temos ouvido frequentemente que em um ou outro país, as informações de fontes abertas são limitadas e de qualidade ruim. Isso pode ser mais ou menos verdadeiro. Mas também temos percebido que sempre há mais informações de fontes abertas à disposição do que os jornalistas têm conseguido utilizar. O seu sucesso em por as mãos nessas fontes e produzir histórias a partir delas é frequentemente fácil, porque os seus competidores normalmente não estão fazendo esse trabalho. Ao invés disso, eles estão implorando para que alguém lhes conte um segredo.

Um exemplo em meio a diversos outros:

Na década de 1980, um jovem repórter francês de nome Hervé Liffra, do semanário Canard Enchaîné foi destacado para cobrir a prefeitura de Paris, mas descobriu que os funcionários públicos receberam ordens de não falar com ele. A única repartição onde ele podia entrar livremente era a biblioteca administrativa da cidade, onde cópias de todos os relatórios internos e contratos eram mantidas. Um dos seus primeiros furos jornalísticos foi a revelação de que a cidade tinha assinado contratos escandalosamente ricos para as grandes companhias de água e escandalosamente caros para os contribuintes. Quando as pessoas dentro da prefeitura viram que Liffra não poderia ser detido, elas começaram a falar com ele. Mais adiante, ele utilizou registros de votos livremente disponíveis para expor manipulações eleitorais na cidade de Paris; ele conferiu as listas para checar se os eleitores cujos endereços oficiais estavam em prédios de propriedade da cidade realmente viviam nesses lugares.

Então já dá para ter uma noção do conceito. Qualquer fato que está registrado em algum lugar, e que é aberto ao público, está ali à sua disposição. Não suponha que por serem abertas ao público, essas informações sejam velhas, inúteis, ou já conhecidas. Não procure somente por partes específicas de informações; isso é o que os amadores fazem. Ao invés disso, procure pelos tipos de fontes e abordagens que você poderá sempre usar novamente. A sua capacidade de usar esse material será um fator crucial na sua reputação.

Lembre-se sempre disto:

É sempre mais fácil fazer com que alguém confirme algo que você já sabe ou já entendeu, do que fazer com que alguém se voluntarie a dar informações que você ainda não tem. Voltaremos a essa questão mais adiante, na seção intitulada “fontes abertas como uma fonte de poder”.

Quais tipos de fontes são “abertas”?

No mundo contemporâneo, as fontes abertas são praticamente infinitas. Elas incluem:

Informações

que já foram publicadas em qualquer mídia livremente acessível. Normalmente, elas podem ser acessadas em uma biblioteca pública ou entre os arquivos da mídia em questão:

- Notícias (jornais, revistas, TV, rádio, internet)
- Publicações de interesse especial (sindicatos, partidos políticos, associações comerciais, etc.)
- Publicações acadêmicas
- Mídias de atores interessados (como os fóruns de usuários da internet, analistas financeiros, informativos ou revistas de sindicatos, grupos de protesto, etc.)

Exemplos:

- Notícias de falecimentos podem lhe auxiliar a encontrar membros da família de pessoas nas quais você está interessado(a).
- Grupos de protestos podem estar rastreando legislações ou casos de julgamentos.
- Os escritórios de partidos políticos podem lhe passar não apenas as publicações do partido, mas também informativos, folhetos e publicações independentes de membros do partido, etc.
- Recortes de notícias podem servir como um quebra-gelo em entrevistas; o(a) repórter pode pedir à fonte para confirmar se uma informação nas histórias é precisa, e avançar a partir dela.

Bibliotecas educativas

incluindo universidades públicas ou privadas, escolas de medicina (ou hospitais-escola), escolas de negócios, etc. Essas instituições frequentemente têm equipamentos mais atualizados e recursos mais profundos do que as bibliotecas públicas, incluindo bases de dados de notícias,

como a Factiva ou a Lexis-Nexis, ou bases de dados da empresa, como a Dun & Bradstreet, juntamente com um pessoal altamente treinado.

Descubra como você pode (e se você pode) negociar o seu acesso

Exemplos:

Uma investigação sobre um boicote de consumidores, cuja companhia-alvo afirmava ter falhado, mas que na verdade prejudicou gravemente a sua capitalização no mercado, valeu-se de relatórios de analistas financeiros contidos em uma base de dados na biblioteca da escola de negócios da INSEAD.

Agências governamentais

geralmente produzem mais informações do que qualquer outra fonte, e isso é verdadeiro até mesmo em países que consideramos autoritários, ou onde as leis de acesso a informação inexistem. Você pode quase sempre obter mais informações delas do que imagina.

Alguns exemplos:

- Relatórios de incidentes: As agências têm regras que devem seguir. Mas os funcionários cometem “erros”. As ocasiões quando tais erros ou lapsos requerem um relatório oficial serão especificadas no manual ou nos códigos legais da agência. Peça esses relatórios.
- Relatórios de inspeção: Diversas agências, responsáveis por tudo desde restaurantes até pontes de rodovias, compilam relatórios sobre operações ou instalações. Encontre esses relatórios e os seus autores – especialmente se tiver ocorrido algum desastre. Se não houver um relatório, isso por si só já é uma história: Por que a agência não estava vigiando? Se ele existir, e se ele tiver previsto o desastre, então por que nada foi feito para preveni-lo?
- Reclamações: O público reclama, e às vezes essas reclamações são justificadas. Quem são as pessoas que recebem as reclamações? Algo é feito por elas? O que?

Bibliotecas governamentais.

Os governos nos níveis nacional e municipal, bem como os parlamentos, geralmente têm as suas próprias bibliotecas e arquivos. Assim também acontece em muitos ministérios. O registro dos atos parlamentares e o diário oficial são dois registros geralmente mantidos nessas bibliotecas, mas existem outros.

Alguns exemplos:

- Um repórter na Síria obteve relatórios que os serviços secretos se recusaram a lhe fornecer, por meio da Biblioteca Nacional.
- Uma investigação sobre o lobby do álcool na França começou com uma viagem ao Parlamento para revisar registros de votações, e em seguida, no Jornal Oficial,

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.

Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.

com a leitura da atividade governamental, para revisar os dados sobre financiamentos de campanha. A hipótese era de que os representantes públicos que propuseram emendas às leis favorecendo o lobby do álcool tinham recebido doações de campanha de firmas de membros do lobby, e isso era verdade.

Cortes de justiça.

No mínimo, as cortes de justiça mantêm registros dos julgamentos. Em alguns países, como os Estados Unidos, elas disponibilizam registros abertos de todas as evidências apresentadas em um julgamento. Sempre busque qualquer e todos os documentos das cortes envolvendo os seus alvos em cada país onde eles atuarem. Os testemunhos nos julgamentos são geralmente protegidos contra processos. Se você estiver presente em um julgamento, preste atenção e anote em detalhe os testemunhos, especialmente se não estiver presente um(a) estenógrafo(a) da corte.

Exemplo:

A clássica investigação de Ida Tarbell sobre o truste da Standard Oil baseou-se amplamente em registros de julgamentos a partir de processos envolvendo a companhia.

Escritórios de divulgação.

A câmara de comércio local normalmente publica uma quantidade de materiais em sua região ou município, fornecendo informações sobre emprego, tipos de indústrias e negócios, etc.

Exemplo:

Em uma investigação sobre a morte de uma criança em um hospital, um folheto da Câmara de Comércio citou o nome de um grupo de cidadania que tinha dado entrada em um processo contra o hospital pelos seus procedimentos no berçário da maternidade. O processo resultou em um relatório governamental contendo informações essenciais sobre o hospital.

Cartórios

Esses escritórios e os gabinetes a eles relacionados reúnem informações sobre direitos de propriedade, e frequentemente sobre empréstimos ainda não pagos relacionados à propriedade.

Exemplo:

Na França, as informações sobre propriedades que pertencem a políticos têm sido usadas para mostrar que eles acumularam muito mais riqueza do que suas receitas publicamente declaradas poderiam explicar.

Relatórios e comunicados de de imprensa de empresas estatais.

Os relatórios anuais, arquivos regulatórios e documentos semelhantes contêm uma grande

quantidade de informações sobre as empresas. Assim também é no caso dos releases de imprensa, que tipicamente apresentam as linhas de raciocínio da companhia para suas ações estratégicas. Se a firma tem operações no exterior, os seus arquivos fora do país podem conter mais informações que sejam mais fáceis de acessar do que os arquivos domésticos.

Exemplo:

Os relatórios anuais e registros regulatórios junto à Comissão de Valores Imobiliários dos EUA obtidos por um misterioso financista francês permitiram a reconstituição de uma carteira de obrigações adquirida em um contexto de disputa, valendo bilhões de dólares. Os registros regulatórios mencionavam os nomes dos associados com cadeiras nos colegiados executivos das companhias que emitiram as obrigações.

Tribunais ou Juntas Comerciais.

Em cada país, existe um escritório que mantém registros sobre quem possui empresas, independentemente de elas terem ações ou não. A quantidade de informações que os donos de firmas precisam divulgar pode variar, mas ela é normalmente maior do que poderiam esperar os repórteres que nunca usam esses recursos. Na França, por exemplo, as informações divulgadas incluem o número de funcionários, receitas, dívidas, lucros e suas margens, etc. Também são fornecidos os nomes dos seus diretores.

Exemplo:

Usando esses tipos de informações, um de nós mostrou que um sítio da internet que fingia ser uma organização de defesa do consumidor na verdade pertencia a uma firma especializada em inteligência econômica para grandes companhias.

Instituições internacionais que fornecem auxílio ou informações a respeito de situações em países específicos (como a União Europeia, as Nações Unidas, etc.).

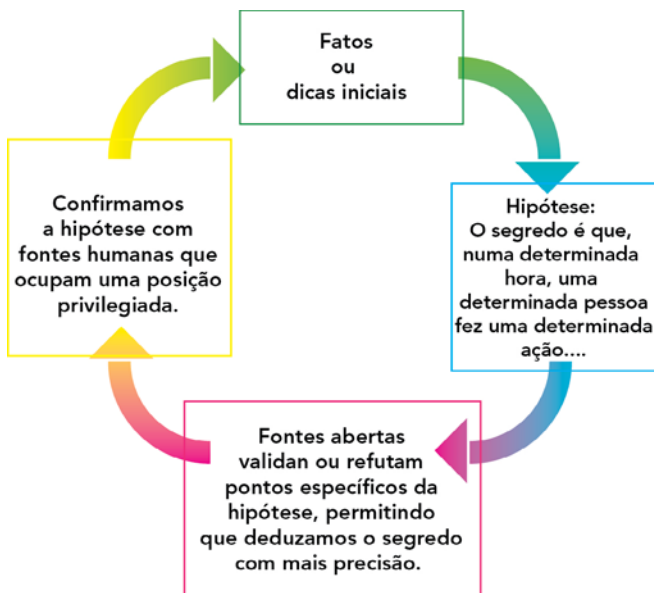
Exemplo:

Um jornal na Costa do Marfim usou uma auditoria da União Europeia para mostrar que o governo nacional tinha se apropriado indevidamente de dezenas de milhões de dólares provenientes da ajuda internacional.

Poderíamos continuar esta lista indefinidamente. Um(a) profissional sério(a) compilará as suas próprias listas de fontes abertas, atualizando-as regularmente a partir das necessidades dos seus projetos específicos. Elas são tão importantes quanto os seus recursos humanos.

Uma estratégia de investigação com fontes abertas

Para o nosso método, o significado das fontes abertas é que ao invés de buscar fontes que nos prometem o acesso a segredos, deduzimos de fatos acessíveis o que parece ser o segredo. O processo, em linhas gerais, é mais ou menos o seguinte:



Uma vez mais, como uma fórmula resumida:

- Começamos com algumas pistas ou fatos.
- Lançamos uma hipótese sobre os fatos que ainda não sabemos.
- Buscamos confirmação de nossa hipótese por meio de fontes abertas.
- Perguntamos a pessoas que possam completar as informações encontradas em fontes abertas.

Exemplo:

A Frente Nacional da França, um partido político de extrema direita, propôs um programa de “preferência nacional” pelo qual os cidadãos franceses receberiam emprego, benefícios governamentais e outros direitos antes até mesmo que os imigrantes em situação legal. Tal política é ilegal perante a lei francesa e europeia. Porém, um representante oficial da Frente nos contou que os estrategistas do movimento acreditavam que ela poderia ser promulgada fazendo uso das “zonas cinzentas” do direito francês sobre as municipalidades governamentais. Quando foi perguntado a respeito de detalhes mais específicos, ele se calou.

1º Passo:

Lançamos a hipótese de que em cidades controladas por prefeitos da Frente Nacional, o programa ilegal de “preferência nacional” está sendo promulgado, e de que isso é alcançado aproveitando-se das ambiguidades nas leis pertinentes.

2º Passo:

Revisamos as plataformas de campanha da Frente Nacional, um documento de fonte aberta disponível nas livrarias, para definirmos as medidas pertinentes da “preferência nacional”.

3º Passo:

Consultamos artigos de notícias, boletins municipais, fóruns da internet e informativos e relatórios de grupos de cidadania para uma primeira confirmação de que esse programa está sendo aplicado em cidades da Frente Nacional.

4º Passo:

Continuamos o passo anterior, entrevistando recursos humanos da Frente e da sua oposição. Também entrevistamos especialistas jurídicos sobre como as medidas da Frente poderiam ser aplicadas sem infringir a lei.

Resultado:

Nós não apenas verificamos a hipótese e confirmamos as práticas na nossa lista; quando perguntamos se eles confirmavam as práticas que identificamos, os representantes oficiais da Frente espontaneamente nos ofereceram outros exemplos. Mas por quê? Veja a seguir.

.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Fontes abertas são uma fonte de poder

As fontes abertas nos colocam em uma posição de poder relativo, em comparação à situação habitual de pedir alguém para nos contar uma história. Pedir alguém para nos confirmar uma história é algo bastante diferente. É a diferença entre dizer “O que aconteceu?” e dizer “Foi isso que aconteceu, não foi?”.

É claro, é muito mais difícil iludir uma pessoa que faz a segunda pergunta. De maneira menos óbvia, é também muito mais interessante ter uma conversa com essa pessoa, porque ela é capaz de apreciar o valor da informação e responder a pergunta de maneira mais profunda do que alguém que não tem qualquer conhecimento independente. É provavelmente por isso que os representantes da Frente nos deram exemplos de política de preferência nacional sobre os quais não tínhamos pensado; eles pensaram que nós iríamos apreciar o seu trabalho.

Ao fazer uso de fontes abertas, você está demonstrando às suas fontes humanas que:

- 1.** Você está interessado(a) na questão, a ponto de dedicar tempo e energia a ela.
- 2.** Você não está esperando que eles trabalhem para você, e que é capaz de fazer o trabalho por conta própria.
- 3.** Você não depende delas para buscar informações.
- 4.** Você tem informações para compartilhar.
- 5.** Você não pode ser impedido(a) de fazer a história simplesmente porque alguém não quer falar com você.

Aprenda a usar as portas abertas para encontrar informações antes de erguer o telefone e ligar para alguém. Essa é uma parte central no processo de tornar-se uma testemunha digna – uma pessoa com a qual as fontes queiram falar, uma vez que ela entende e aprecia aquilo que está sendo dito

Como encontrar fontes abertas

1. O mapeamento da questão.

A sua primeira tarefa é alcançar uma visão geral do campo em investigação. Esse processo é também conhecido por “contextualização”, referindo-se ao trabalho de encontrar o que está por trás e em torno da questão em primeiro plano. As tarefas incluem:

- Identificar os atores centrais (indivíduos ou instituições);
- Identificar questões centrais que dizem respeito aos atores;
- Entender datas e eventos centrais na sua história até o presente.

O seu ponto de partida está em quaisquer fatos que você tenha à mão. Se você começar com o nome de um ator ou uma instituição, busque materiais relacionados a esse elemento. Em seguida, siga as referências ou alusões nesse material para localizar outros materiais.

Exemplo:

Um museu norte-americano se recusou a dizer por que “emprestou” aos museus nacionais franceses uma pintura cuja autenticidade havia sido questionada. Novos recortes de jornais sugeriram que os museus nacionais haviam “impactado” as exposições da pintura. Os relatórios anuais mostraram que os empréstimos internacionais de pinturas ao museu tinham parado. Os franceses tinham provocado essa situação.

Quando você sentir que está empacado(a), faça anotações sobre o obstáculo e busque informações sobre algo relacionado a ele. Trabalhe, trabalhe e trabalhe uma vez mais para evitar colocar-se em uma posição na qual você precisa imprescindivelmente de informações específicas de uma fonte para avançar. Ao definir a sua situação assim, você transfere todo o poder para as mãos da fonte.

Ao invés disso, recolha dados sobre os atores, as instituições e os eventos que estão a um passo do objeto imediato de sua investigação. Essa

informação pode proporcionar uma perspectiva e abrir o caminho para novas fontes. Muito frequentemente, quando a sua intransigente fonte “exclusivista” perceber que todos os envolvidos na história estão falando com você, com a exceção dela, então ela virá a seu tempo.

É óbvio, esse trabalho pode rapidamente gerar uma grande quantidade de dados. Leia por gentileza o capítulo cinco para conhecer métodos de organizá-los desde o início da investigação. Você precisará deles.

2. Use fontes gerais, que lhe direcionam a fontes especializadas.

As fontes gerais, tais como as descritas acima, têm o seu lugar, mas você também precisa encontrar fontes abertas especializadas. Por exemplo, um artigo de imprensa sobre uma descoberta científica é uma fonte geral. A pesquisa científica original, que pode ter sido publicada em um periódico especializado, é uma fonte aberta, contendo um nível mais rico de detalhes. Em uma investigação, esse detalhe pode ser crucial para o sucesso, não apenas porque os fatos podem ser de grande interesse, mas porque o conhecimento dos detalhes permite que você dialogue com as fontes de maneira mais poderosa. Elas lhe reconhecerão como alguém que está fazendo um esforço para entender a história, e não apenas copiando o trabalho de alguma outra pessoa.

A melhor maneira de descobrir fontes abertas especializadas é perguntar aos profissionais de um dado setor quais fontes eles utilizam.

- Representantes governamentais podem lhe dizer quem mantém os relatórios, em que forma e onde.
- Representantes públicos eleitos podem lhe dizer como os processos legislativos funcionam, e que tipos de textos eles geram em diferentes estágios.
- Agentes imobiliários saberão dizer quais escritórios mantêm os arquivos com os registros de propriedades.
- Investidores profissionais podem lhe dizer onde encontrar informações sobre empresas, e como lê-las.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

E assim por diante. Quando você falar com profissionais como esses, lembre-se sempre de perguntar a eles pela fonte dos fatos que você achar fascinantes. Isso também se aplica a conversas com outros investigadores, incluindo jornalistas, policiais ou auditores. Não colete somente os fatos: colete os métodos pelos quais os fatos são encontrados

Exemplo:

Um oficial de polícia encontrou uma testemunha-chave em um caso de assassinato ao guardar o seu primeiro nome e a informação de que ela estava grávida em um dado momento; ele foi até o escritório municipal de registros para localizar mulheres com aquele nome que tinham dado à luz em um momento específico, e encontrou a sua testemunha.

3. Acompanhe a trajetória dessas fontes e as suas coordenadas.

Faça questão de usá-las frequentemente, de modo que você não esqueça como fazê-lo. Por exemplo, se existir uma base de dados gratuitos na internet que você use para buscar informações sobre companhias – na França, ela se chama *societe.com* – confira o status das companhias com as quais você mantém negócios.

4. Colha documentos no trabalho de campo.

Você precisa cultivar o hábito de coletar informações em profundidade, onde quer que você esteja. As informações mais pertinentes a uma dada atividade são quase sempre encontradas nos locais onde a atividade acontece. Portanto, colete todos os documentos em vista sempre que você visitar o lugar como um(a) repórter.

Exemplo:

Se você está em um escritório e existem documentos disponíveis em um mostruário, pegue-os e estude-os, para que ninguém pense que você é um ladrão, e em seguida pergunte se você pode ficar com eles. Quando fizemos a cobertura sobre a Frente Nacional, íamos até a sua sede a cada semana e coletávamos os periódicos disponíveis. Se não tivéssemos feito assim, não teríamos tido acesso a muitos desses periódicos, pois eram publicados por grupos ou indivíduos desconhecidos dentro do movimento mais amplo. Outros estavam disponíveis apenas aos

membros do partido que portavam uma identificação, mas eram-nos entregues quando pedíamos por eles. Essas foram fontes inestimáveis de informações sobre as atividades do movimento nos níveis local e regional, que nunca eram discutidas pela mídia.

O uso de especialistas para explorar suas fontes

1. Arquivistas são anjos.

O fato de que uma fonte é aberta não significa que você poderá acessá-la de modo eficiente, principalmente no que se refere a bibliotecas ou arquivos especializados. A solução: descubra quem gerencia o arquivo e peça-lhe auxílio. De fato, é sempre uma boa política obter o nome de um(a) arquivista da equipe quando você adentrar uma biblioteca. Nossa experiência é que os arquivistas se sentem justificadamente subvalorizados, e uma pessoa que se aproxima deles com respeito pela sua especialidade será recompensada.

Exemplos:

Para fazer uma investigação de acompanhamento sobre a questão do sangue contaminado na França, a primeira tarefa foi reunir toda a literatura científica sobre transfusão de sangue e AIDS antes da erupção do escândalo. A gerente da biblioteca de um grande hospital-escola de Paris nos forneceu uma longa lista de artigos relevantes por meio da base de dados da sua instituição, e a biblioteca tinha cópias de quase todos os periódicos na lista. A tarefa foi completada em uma tarde.

Durante uma investigação de um comerciante de arte de Paris, ligamos uma vez para o Ministério da Cultura para pedir informações sobre subsídios ao mercado de arte, e fomos direcionados a uma funcionária. Enquanto falávamos ao telefone, um som de digitação em um teclado de computador se tornou audível. Quando perguntamos o que ela estava digitando, ela disse que estava consultando uma base de dados do ministério. Então perguntamos se essa base de dados era pública, e ela respondeu que sim. A base de dados continha informações sobre todos os recipientes de subsídios do ministério e estava disponível por meio de uma biblioteca pública, à qual a funcionária nos direcionou.

2. Entender o que você encontrou.

Obter um documento não é o mesmo que entendê-lo. A linguagem dos relatórios oficiais no setor público ou privado é frequentemente bem particular, e requer interpretação. Isso se aplica às fontes abertas, que são tão diversificadas quanto os relatórios anuais ou as minutas das reuniões. Quando você se depara com um documento assim, a sua próxima tarefa é encontrar um intérprete especializado na sua linguagem e substância. Em geral, busque uma pessoa envolvida no setor investigado, que achará a história relevante mas que não tenha qualquer conflito de interesses no caso em questão.

Exemplo:

Para entender como a Frente Nacional manipulou as finanças da cidade para eliminar grupos de oposição, obtivemos um relatório disponível de maneira aberta sobre subsídios municipais por uma cidade controlada pela Frente, e então o examinamos linha por linha com um antigo funcionário municipal de uma cidade semelhante que trabalhava com questões orçamentárias.

Não busque perspectivas junto a pessoas que relatarão a sua conversa aos outros, se você puder evitar. Em particular, evite discussões com indivíduos que têm negócios de qualquer tipo com os atores na sua história, a não ser que você os esteja entrevistando. Essas pessoas podem comercializar em vantagem própria o conhecimento que elas têm do que você está fazendo, e elas assim o farão.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Comece rápido... mas tranquilo(a)!

Sugerimos fortemente que você comece uma investigação com as informações mais fáceis que puder obter junto às fontes abertas mais amplas que existirem. Qualquer investigação se torna mais complexa e difícil à medida que ela avança. Mas se ela começar dessa maneira, então algo está normalmente errado. Especificamente, se nenhum dos elementos na sua hipótese for apoiado em fontes abertas, isso é um sinal ou de que a sua hipótese está seriamente errada, ou de que alguém está trabalhando muito arduamente para ocultar a história.

Por outro lado, se as primeiras verificações forem bem sucedidas, isso é um sinal de que você pode acelerar e ampliar a sua investigação. Quando essa boa onda começar, aproveite-a bem. Siga os dados de fontes abertas tão longe quanto eles forem. Deduza o seu significado e adicione-os à sua hipótese. No seu próximo passo, você entrará em um espaço no qual a verdade não está em um documento.



O recurso às fontes humanas

POR NILS HANSON E MARK LEE HUNTER

O processo até aqui:

Descobrimos uma questão.

Criamos uma hipótese para verificar.

Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.

Buscamos fontes humanas, para enriquecerem nossa compreensão.

As informações mais animadoras normalmente não estão em fontes abertas – e sim nas mentes das pessoas. Como fazer para encontrar essas pessoas? Como fazer para conseguir que elas nos contem aquilo que sabem? Não subestime o valor dessas habilidades. Nem todo mundo as têm, e o seu trabalho como investigador(a) as desenvolverá em ampla medida. Mas também não abuse delas. Nunca se esqueça de que na condição de jornalista, você pode terminar machucando pessoas – em seus sentimentos, seus modos de subsistência e até mesmo a sua segurança pessoal. Certifique-se de que você não as machucará simplesmente porque elas foram tolas o suficiente para falar com você. Neste capítulo, consideraremos a arte de tornar-se uma testemunha digna – alguém a quem uma fonte pode falar de maneira segura e útil.

Mapeamento de fontes

A maneira como a maioria dos repórteres encontra alguém para citar é lendo a primeira história publicada sobre uma dada questão, levantando os nomes das pessoas citadas na história, e ligando para elas. Essas poucas fontes podem receber centenas de ligações em um dia. Elas irão dizer alguma coisa nova no centésimo telefonema, se é que elas atenderão ao telefone? Não. Então por que não encontrar uma pessoa à qual ninguém mais perguntou?

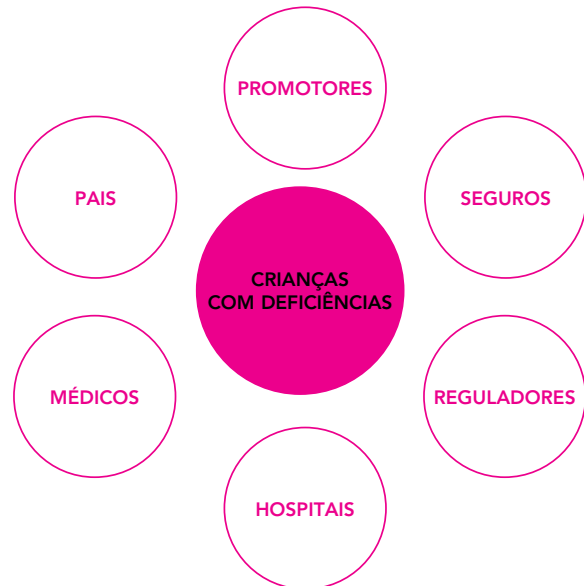
O seu trabalho com fontes abertas lhe proporcionará uma lista de muitos outros nomes interessantes para serem contatados. Por exemplo, para investigar uma companhia, você pode começar lendo os relatórios dos analistas financeiros que descrevem a posição da companhia e dos seus competidores mais fortes.

- Em seguida, converse com os analistas, e então com os competidores.
- Por meio deles, e da indústria de mídia, encontre pessoas que tenham deixado a companhia por outros empregos, ou que tenham se aposentado (Seymour Hersh encontrou muitas de suas fontes sobre a CIA seguindo os anúncios de aposentadoria).
- Por meio dessas fontes, encontre pessoas ainda dentro da companhia que estejam dispostas a falar.

Recomendamos fazer um mapa simples de fontes tão cedo quanto você puder. Essa é uma representação gráfica de todas as pessoas que estão ou podem estar diretamente envolvidas na sua história. O mapa se parece com as casas de um vilarejo, no qual cada pessoa conhece todas as outras, e o vilarejo é onde a história acontece.

Você pode tornar o mapa tão complicado e rico quanto quiser, por exemplo, anotando as localizações físicas das fontes individuais, suas datas de aniversário ou empregos, ou qualquer outra

informação que você desejar. Mas no começo, você pode ser bem mais simples, e pode não ter a necessidade de ir além (até mesmo um simples mapa de fontes, que demanda alguns poucos minutos para ser preparado, dará a você uma vantagem sobre a maioria dos seus concorrentes). Para a história dos nascimentos prematuros, citada no Capítulo 2, o mapa básico de fontes tem mais ou menos a seguinte forma:



Preste atenção em alguns elementos desse mapa:

As crianças com deficiência estão localizadas no centro, porque no final, a história é sobre elas. Mas elas são também as pessoas mais difíceis de serem encontradas, e com quem se poderia falar. Todas as outras fontes com as quais podemos falar se localizam ao redor delas, porque de um modo ou de outro, cada uma das outras fontes está conectada com essas crianças. Da mesma forma, os médicos estão entre os pais e os hospitais. E por quê? Porque é com eles que os médicos falam mais.

O ponto é o seguinte:

Ao desenhar um mapa de fontes, use-o para mostrar as relações entre os atores da história, de modo que se uma fonte ficar bloqueada, você poderá buscar outra fonte capaz de ver mais além do obstáculo. Quando as pessoas de uma parte do mapa lhe aceitam, as suas chances de aceitação nas outras partes do mapa aumentam.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Dê às fontes um motivo para falar

As pessoas que têm fatos e histórias interessantes a relatar podem ter fortes motivos para não responder as suas perguntas. Em geral, elas não sabem se você é uma pessoa profissional, responsável e justa (muitos repórteres não são). E mesmo se você for, elas não podem controlar aquilo que você fará com informações que elas consideram valiosas. Por fim, o seu uso das informações pode prejudicar as suas carreiras, suas relações, ou até mesmo a sua segurança física.

Portanto, tenha em vista quando alguém hesitar em falar com você: você poderia se tornar uma das piores coisas a acontecer com ele ou ela. O que surpreende não é que as pessoas se neguem a falar com jornalistas, e sim que a maioria delas, a maior parte do tempo, falam.

Por que elas falam?

Existem dois motivos gerais, e eles são o orgulho e a dor. Você deve oferecer às suas fontes a oportunidade de satisfazer a um ou ao outro.

- As pessoas falarão porque algo as estimula a fazê-lo – um talento ou algo de excepcional que elas tenham descoberto, um sucesso que elas tiveram ou terão em breve, um plano que elas criaram para salvar o mundo. Discutir essas questões faz com que elas se sintam felizes, importantes, ou ambos.
- Ou, como também o sabem os médicos, elas falam porque estão sentindo uma dor e precisam terrivelmente que alguém as auxilie. Em geral, a dor é mais forte do que o orgulho, e é por isso que as primeiras pessoas que falam na maioria das investigações são vítimas – são pessoas que foram prejudicadas de alguma forma, ou cujos valores foram profundamente ofendidos por aquilo que testemunharam.

Também existe um motivo específico pelo qual alguém falará com você: ele ou ela acredita que fazer isso é seguro. Para que isso aconteça, e continue acontecendo, você e a fonte devem criar um relacionamento. Nesse relacionamento, cada um de vocês contará com o outro para fazer certas coisas, de maneira mais ou menos confiável. Tanto você quanto a fonte poderá fornecer informações mutuamente, e fazer certos compromissos. Mesmo que a fonte não cumpra a parte dela, você deve cumprir a sua. Isso não é apenas uma obrigação profissional. É também uma questão de caráter. Você deve ser instintivamente confiável, ou então as pessoas sentirão que não podem confiar em você.

Primeiros contatos: A preparação e o convite

1. Preparando-se para a reunião.

A maneira mais segura de se comunicar com uma fonte (a não ser que a fonte seja fisicamente perigosa) é por uma reunião face-a-face. O propósito do seu primeiro contato é fazer com que esse encontro aconteça. Antes dessa primeira ligação, você deveria pesquisar um pouco sobre a pessoa e as questões ligadas a ela, valendo-se de fontes abertas.

Em relação à pessoa:

O mínimo absoluto é procurar pelo nome dela no Google. Quaisquer artigos de notícias ou outros escritos nos quais a fonte for mencionada devem ser consultados; se existir um número amplo demais de artigos para serem lidos, escolha alguns. O propósito aqui é demonstrar o seu interesse na fonte e o conhecimento sobre a carreira dela. Nunca vá a uma entrevista e peça a uma fonte com um histórico público para fazer um relato sobre sua carreira. Isso é algo que você já deveria saber antes de chegar para o encontro.

Se a fonte tiver escrito artigos para a mídia ou publicações especializadas, obtenha-os e leia-os. Até mesmo indivíduos muito reservados ou tímidos revelam suas personalidades, seus valores e suas preocupações quando estão escrevendo. Esses materiais podem fornecer hipóteses que mais tarde poderão ser testadas em uma entrevista.

Por exemplo, a partir dos artigos publicados e discursos de um indivíduo, lançamos a hipótese de que certo funcionário público de alto escalão na França detestava mentir, mas era um especialista em evitar as questões que considerava sensíveis ou perigosas. Assim, ao observarmos como e quando ele mudava a questão em tratamento, conseguimos identificar os pontos específicos que ele desejava obscurecer, e em seguida os investigamos

de modo mais detalhado. Quando pedimos que ele confirmasse nossas conclusões diretamente, e mantendo-se em linha com nossa hipótese a respeito de seu caráter, ele não mentiu.

Em relação às questões:

Você precisa estar consciente das notícias e declarações públicas mais recentes relacionadas às questões. Você não precisa ser um(a) especialista. Porém, você precisa demonstrar que está consciente, e se possível, que entende bem os termos centrais na linguagem do mundo da fonte. Em seguida, você pode pedir à fonte para explicá-los para você.

2. Ao fazer o contato.

O contato pode ser feito pelo telefone ou por carta – mas apenas enviada à residência da pessoa. Nunca ligue para ela no local de trabalho, a não ser que você tenha certeza absoluta de que é seguro fazê-lo. O chefe dela pode estar na escuta, e a ligação pode ser rastreada (mais adiante, retornaremos a esse ponto). O mesmo se aplica ao e-mail, mesmo que o conteúdo seja inofensivo. É fácil para um empregador descobrir quem recebeu um e-mail de um jornalista.

Não estamos falando aqui em termos teóricos. Uma vez, testemunhamos o caso de uma equipe de investigação que tinha como alvo um funcionário público que tinha fama de tirânico e paranoico, além de corrupto. A equipe escreveu à sua secretária, que estava em seu escritório, pedindo que ela os auxiliasse. Ela se recusou a fazê-lo. Mas quando o chefe ficou sabendo daquela investigação, assim como sempre fazem os alvos, como você acha que ele tratou a pobre mulher?

Antes de fazer o contato, pense como você se apresentará. Você deve dizer à fonte quem você é e o que está fazendo, com confiança na sua missão e na sua capacidade de ter sucesso. Você não precisa dizê-lo, mas você precisa, sim, sentir que conseguirá essa história, que conseguirá contá-la, e que o mundo será um lugar melhor quando isso acontecer.

Considere estes exemplos de maneiras erradas e certas:

Errado: “Quero lhe perguntar algo, se não for um problema muito grande para você...”.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

O que está errado: *Você não quer perguntar, você simplesmente pergunta. Você não deve sugerir à fonte que falar com você implica em problemas, e que você está embaraçado em perguntar.*

Certo: *“Olá, meu nome é Sou jornalista, trabalho para uma mídia chamada e estou trabalhando na história da Acredito que essa é uma história importante, e quero contá-la de maneira completa e em detalhes. Quando podemos nos encontrar para discuti-la?”*

O que está certo: *Você se identifica e expõe totalmente o seu propósito, e você dá à fonte um bom motivo para falar com você. Você não pergunta se vocês dois podem se encontrar, e sim quando. Você não usa a palavra “entrevista”, que convida a fonte a conectar o nome dela a manchetes e a um futuro cheio de problemas.*

Se você não estiver trabalhando para uma mídia específica, você pode dizer os nomes das mídias para as quais você já trabalhou.

E se você ainda não tiver trabalhado para alguma, então diga para qual mídia você apresentará a história.

Lembre-se:

O que importa não é para quem você trabalha; e, sim, como você trabalha.

Errado: *“Por favor, ajudem-me, vocês são as únicas pessoas que podem fazê-lo!”*

O que está errado: *Se ninguém mais pode lhe ajudar, e se você mesmo(a) não pode se ajudar, por que nós deveríamos?*

Certo: *“Entendo que você é um verdadeiro especialista nesta questão, e apreciaria bastante se você puder compartilhar sua visão a esse respeito”*

O que está certo: *Você está lisonjeando a fonte, mas se a lisonja é justificada, então não há motivo para não fazê-lo. Você também está dando a entender à fonte que você tem outras fontes, que podem ser igualmente especializadas.*

O princípio subjacente:

Sempre parta da suposição de que você é uma pessoa fascinante executando um trabalho importante, e que qualquer um estaria satisfeito em lhe encontrar. Se isso for muito difícil para você, então é melhor considerar algum outro tipo de trabalho que se adapte melhor aos seus complexos.

3. Onde realizar o encontro.

Se a fonte não puder se localizada para fazer uma reunião, ou se ela se recusar a lhe encontrar, ou então se ela incorrer em atrasos que não são razoáveis, considere a possibilidade de apresentar-se em um lugar onde a fonte não pode simplesmente sair e se esquivar. Se a fonte estiver em um julgamento, vá até a sala do tribunal. Se a fonte for um(a) professor(a) universitário(a), vá a uma aula. Uma vez, um alto funcionário público francês se recusou a nos ver por meses, até que fomos a um escritório onde ele se encontrava semanalmente com os seus representados, e entramos em nosso lugar na fila de espera. Quando chegou a nossa vez de entrar no escritório, dissemos: “Somos os últimos da fila, e você ainda tem 20 minutos disponíveis. Vamos conversar agora”. Ele riu e disse que sim.

Se a fonte estiver disposta a lhe encontrar, vá até a casa dela ou a outro lugar onde ela se sentir confortável. Se a investigação for relacionada ao trabalho da fonte, e a organização da fonte estiver sabendo da entrevista, o escritório da fonte é normalmente o melhor lugar. O escritório lhe proporcionará uma boa quantidade de observações sobre a fonte – o que ela lê, quais são os seus gostos, o que ela responde nos momentos de interrupções, e assim por diante (um dos momentos reveladores no estudo de Connie Bruck sobre Wall Street, *The Predators’ Ball*, acontece quando um financista grita com sua secretária sem qualquer motivo justificado).

O começo do relacionamento: Metas e papéis

No mundo das notícias, os relacionamentos com as fontes são frequentemente parecidos com uma aventura de uma só noite que termina deixando o(a) parceiro(a) enjoado(a). Isso é particularmente verdadeiro no local de um desastre, onde os repórteres aparecem em bando, pisando em todas as coisas vistas, e então vão embora comentando o quão ruim é a comida, a bebida ou as maneiras do lugar. Os investigadores não estão em busca de serem os amantes ideais – para falar a verdade, dormir ou até mesmo flertar com as suas fontes é quase sempre uma ideia terrível –, mas eles certamente estão buscando um relacionamento mais estável e de longa duração. O começo do relacionamento é, assim, um momento chave, que definirá em ampla medida aquilo que se seguirá.

1. Em primeiro e último lugar: Proteja o anonimato da fonte.

A coisa mais importante que você pode fazer em uma investigação é proteger a confidencialidade de fontes que poderiam correr riscos por estarem em contato com você. Esse requisito é especialmente forte quando estamos falando de fontes que pedem para permanecer anônimas. A promessa do anonimato significa que você deve fazer tudo para não deixar qualquer traço em relação às fontes. Isso inclui situações nas quais as suas anotações podem ser confiscadas por policiais ou advogados.

Os seguintes métodos podem ser utilizados:

A / Não ligue para a fonte no local de trabalho dela. Essas ligações podem ser rastreadas. Para permanecerem totalmente seguros, tanto você quanto ela devem usar telefones celulares com cartões pré-pagos.

B / Evite contatos por e-mail. Enviar um e-mail é como enviar um cartão postal. Os contatos seguros de e-mail requerem encriptação, um método que se destaca como algo incomum e pode gerar atenção não desejada.

C / Encontre-se com a fonte em lugares seguros nos quais não existe a mínima chance de vocês serem reconhecidos.

D / Dê à fonte um apelido ou codinome (“Fonte A”, “Fonte B”). Nunca use o nome real da fonte em discussões ou anotações.

E / Tranque todos os materiais relacionados à fonte, idealmente em um lugar que não está identificado com você.

2. Ao estabelecer suas metas.

Antes do seu primeiro encontro, defina para si mesmo(a) o que você quer alcançar. Isso, no mínimo, deveria incluir:

Os ativos que você deseja adquirir.

Os ativos podem incluir documentos, confidências, insights ou análises interpretativas, e nomes de novas fontes a serem contatadas.

- Você pode buscar apenas ativos limitados em uma dada reunião. Nosso amigo Philippe Medelin, especialista sobre os serviços secretos franceses, disse que em uma entrevista típica, ele procuraria confirmar ou extrair uma única informação específica.

- Ou, você pode buscar um máximo, levando cada documento que você tem em vista. Nesse caso, garanta que a fonte saiba por que você os está levando.

- Em geral, o último ativo que buscamos em uma reunião é o nome e as informações de contato da próxima pessoa com quem deveríamos falar. Normalmente perguntamos: “Quem você respeita por sua capacidade de visão em relação às questões que discutimos? Você sabe como poderíamos contatá-lo(a)?”

O que você deseja revelar à fonte a respeito do projeto

Você deve esperar a pergunta – se não por esta fonte, então por outra – de por que você está envolvido nesse projeto, e o que você espera ganhar com ele. Qualquer que seja a sua resposta, ela deve ser prontamente dada na ocasião, e

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

com sinceridade. Sugerimos que você siga as três regras da diplomacia britânica:

- Nunca minta.

Não dê informações falsas, a não ser que isso seja absolutamente necessário. Esteja consciente de que a descoberta de uma mentira lhe exporá a consequências que vão desde ser jogado para fora do local do encontro até ser baleado nos pés e torturado (como ocorreu com um repórter brasileiro disfarçado, cuja câmera escondida foi descoberta em uma reunião com traficantes de drogas).

- Nunca diga toda a verdade.

Por exemplo, ao trabalhar com ativistas de extrema direita, diríamos: “A imagem do seu movimento na mídia não nos parece precisa, e queremos saber a verdade”. Nós não dissemos: “A verdade pode ser ainda pior”.

- Se você não puder responder uma pergunta, diga que não pode – e diga também quando você a responderá.

O que você deseja descobrir a respeito das fontes.

Com que tipos de pessoas estamos lidando? A quais ganchos de entrevista ou estímulos elas

respondem? Quais são as suas metas ao falar conosco? Elas simplesmente querem ou precisam contar as suas histórias, ou elas estão nos usando para avançar outros objetivos? A inteligência britânica usa um diagrama com três pontas, que corresponde aos critérios da rede de televisão SVT da Suécia:

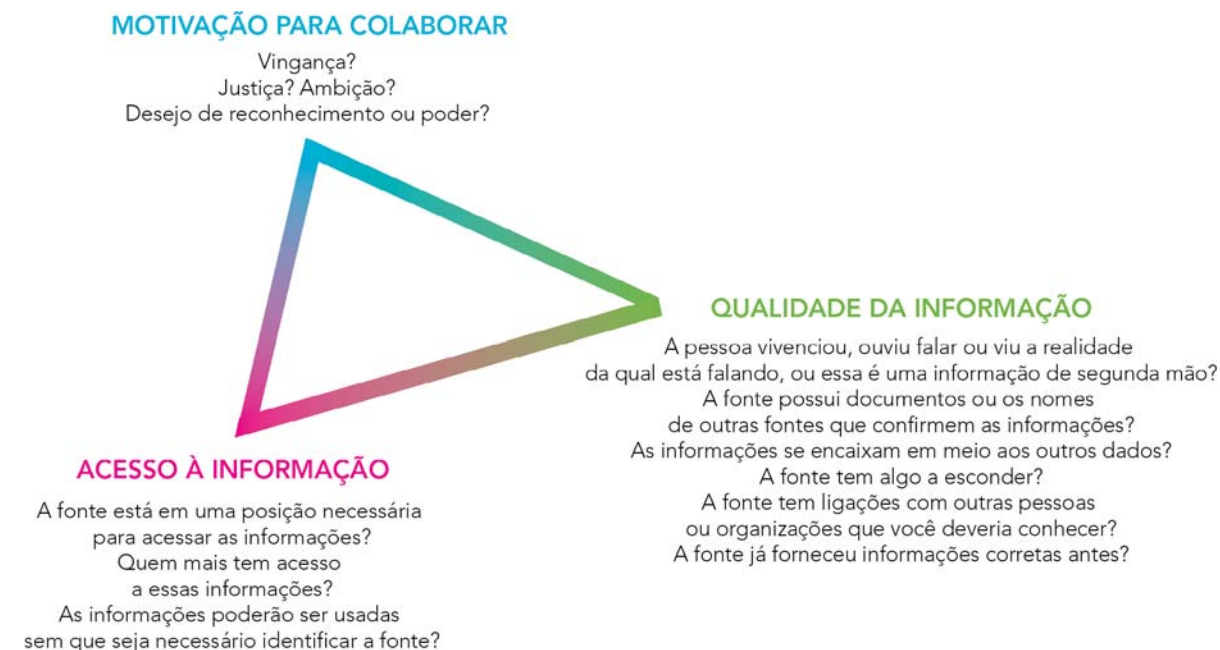
Por favor, lembre-se dos seguintes pontos quando você fizer uso desse diagrama:

Em relação à motivação:

Não importa qual deve ser a motivação particular. Importa se ela é compreensível e convincente.

Em relação à qualidade da informação:

Na cobertura de notícias, pressupõe-se que a mais alta qualidade de informações venha da fonte de mais alto nível. Já os investigadores pressupõem que a fonte de mais alto nível esteja menos preocupada com a verdade do que com a obtenção de metas pessoais ou organizacionais. Por essa perspectiva, as informações de qualidade mais alta virão a partir das fontes que estão mais em baixo na organização, e que estiverem se opondo a ambições pessoais ou metas organizacionais.



Em relação ao acesso à informação:

Como foi sugerido acima, a fonte ideal na maioria das investigações é uma pessoa dos escalões médios de uma organização, nos níveis operacionais ou de planejamento. Essas pessoas têm acesso a documentos significativos, mas têm muito pouca influência sobre como as políticas são formadas ou implementadas. Da mesma forma, elas são extremamente vulneráveis dentro das suas organizações.

Portanto, quando uma fonte desse tipo lhe der informações confidenciais, pergunte a ela imediatamente: “Quem mais sabe disso?” Explique que você não quer citar informações que possam ser diretamente rastreadas até a fonte. Se você perceber a existência de informações restritas durante uma reunião, faça uma marca no papel ao lado dela para indicar que você não deve citá-la (usamos “NFC”, “not for citation”, indicando que não é para ser citado) e diga à fonte que você está fazendo isso. Em suma, permita que a fonte veja que você está pensando em como protegê-la, e então garanta mesmo que você a protegerá.

3. A escolha dos seus papéis.

Há dois papéis primários que você pode desempenhar no decorrer das suas entrevistas:

O papel do(a) especialista

que sabe a maioria das respostas e pode avaliar plenamente as informações envolvidas, que às vezes têm especificidades técnicas, e que uma fonte igualmente especializada poderia fornecer. Para um(a) especialista, as conversas com as fontes acontecem em um alto nível, o qual os simples mortais teriam dificuldade de acompanhar. Já vimos fontes dizendo: “*É bom conversar com alguém que realmente conhece o caso, isso significa que posso testar minhas ideias*”.

Entretanto, se você começar como “O(a) Especialista”, esteja realmente seguro(a) de que você não será forçado(a) a admitir, mais adiante na entrevista, que o seu conhecimento é menor do que você julgava. Isso fará com que você perca credibilidade.

O papel do(a) ingênuo (ou cândido)

que está falando com a fonte precisamente porque conhece ainda muito pouco e busca ilustrar-

se mais. Isso não significa que o(a) ingênuo(a) é um(a) tolo(a), ainda que ele ou ela prefira às vezes ser subestimado pela fonte. Se você em algum momento já assistiu à série Columbo, você já viu o “ingênuo” em ação. Esse é provavelmente o papel mais forte, porque ele permite que você faça tanto perguntas simples e despreziosas, quanto perguntas mais complexas. Como o(a) ‘ingênuo(a)’ precisa perguntar sobre tudo, ele ou ela evita o perigo de indicar à fonte aquilo que está buscando, e o quanto ele ou ela já sabe.

Frequentemente, os investigadores começam uma entrevista como ‘o(a) ingênuo(a)’ e depois se revelam como ‘o(a) especialista’ à medida que a conversa avança. Se você fizer isso, tenha o cuidado de não dar à sua fonte a impressão de ter mentido a ela, a não ser que a sua meta específica seja a de emboscar uma fonte que você nunca mais reencontrará.

Você pode usar qualquer um desses papéis, ou ambos, durante uma entrevista. **A chave é sentir-se seguro(a) de sua autenticidade em um dado papel e em um dado momento.**

O seu papel perante a fonte pode evoluir no decorrer de um relacionamento. É um grande prazer para muitas fontes ver que o(a) ‘ingênuo(a)’ está se tornando cada vez mais capaz de fazer as perguntas de um(a) ‘especialista’, porque isso mostra que o(a) investigador(a) está ouvindo e aprendendo. A evolução natural do relacionamento com uma fonte, ao longo do tempo, caminha nessa direção.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Táticas de entrevistas

Cada repórter tem o seu estoque pessoal de táticas de entrevista, e muitos repórteres nunca as mudam, à semelhança de sedutores que só conhecem uma única cantada. Na condição de investigador(a), passe tempo com pessoas cujo trabalho inclui fazer perguntas – não apenas outros repórteres, mas também policiais, promotores públicos, advogados, vendedores, auditores, e assim por diante. Pergunte a eles como eles lidam com situações específicas, ou peça que eles contem casos interessantes de como já agiram em suas carreiras. As melhores táticas de entrevista refletem a personalidade do(a) entrevistador(a), portanto leve isso em consideração à medida que você desenvolve o seu próprio repertório. Enquanto isso, aqui estão alguns dos nossos truques prediletos

1. Traga a dádiva das notícias.

Os investigadores frequentemente intervêm uma vez que um caso já está bastante noticiado, o que significa que a mídia já compilou um registro mais ou menos substancial. Mas esse registro fica normalmente cheio de erros. Para começar uma entrevista e um relacionamento, experimente levar alguns desses artigos. Peça à fonte que os revise juntamente com você, para que vocês possam ver que fatos são verdadeiros. Você não precisa explicar que considera a verdade mais importante do que o fazem os seus descuidados colegas de ramo.

2. Tenha o controle da situação.

Uma vez, lemos um artigo na revista Rolling Stone escrito por um colega que recebeu a visita de Mick Jagger por um dia, para a sua completa estupefação como anfitrião. Ele ficou tão nervoso que se esqueceu de oferecer ao seu convidado uma bebida fria em um dia quente. Quando

chegou a nossa vez de entrevistar Jagger, fizemos questão de oferecer-lhe um chá – não para sermos servidos, mas para deixar claro para ele que ele estava no nosso território. Ele apreciou o gesto e a entrevista teve um bom começo.

Pense no que acontece na entrevista como um teste de forças, pois é disso mesmo que se trata. Procure escolher o lugar onde você se senta ou fica de pé; movimente-se até que você se sinta confortável. Mantenha o controle sobre suas ferramentas; por exemplo, não permita que o(a) entrevistado(a) segure o seu gravador ou bloco de anotações (você se surpreenderia em saber o quão frequentemente isso acontece). Se ele ou ela os pegar, diga: “Essas são minhas ferramentas. Eu não pego as suas, e peço que não pegue as minhas sem minha permissão”. Não diga: “Posso gravar esta entrevista?” Diga, “Estou gravando esta entrevista para garantir a precisão das informações”, ligue o aparelho e fale a data e o local da entrevista, e o nome do(a) entrevistado(a). Se você achar que a fonte terá objeções, traga uma testemunha para a entrevista e diga, “Com o objetivo de garantir que minhas anotações serão precisas, eu pedi que o(a) colega viesse me auxiliar”.

3. Mantenha a sua distância.

Algumas pessoas se tornam jornalistas com o objetivo de conhecer pessoas e aproveitar a sua companhia. Não há problemas nisso, mas se um(a) investigador(a) precisa tanto assim de um amigo, ele ou ela deveria comprar um cachorro. Se você ficar amigo dos seus entrevistados, você terminará traindo-os. Aparentes vítimas nem sempre são tão inocentes quanto parecem ser, políticos visionários às vezes são charlatães, e capitães da indústria podem afogar suas tripulações. Não vá se afundar com eles.

4. Use as defesas da fonte contra ela.

A clássica entrevista de Oriana Fallaci com Henry Kissinger começou com um encontro humilhante: Ele deu as costas a ela, e em seguida perguntou se ela iria se apaixonar por ele. Fallaci ficou furiosa, e em seguida percebeu que Kissinger tinha algum problema com as mulheres. Ela também concluiu que um homem tão inescrupuloso, capaz de abusar de uma jornalista que

estava fazendo o seu trabalho, não era digno de sua piedade. Na entrevista que se seguiu, ela alternou perguntas focadas em detalhes precisos de informações e perguntas que usavam artifícios femininos para provocar e bajular (tais como: “Então, agora eu pergunto a você o que já perguntei aos astronautas: O que mais você pode fazer após já ter andado na lua?”). Cada vez mais desequilibrado, Kissinger perdeu o controle do diálogo, e, por fim, perdeu o próprio controle. O desfecho resultante abriu uma porta para uma questão que estava no coração do poder.

Aja como Fallaci: Não tenha piedade dos poderosos, especialmente quando eles não estiverem jogando limpo. Se você vir as suas fraquezas, use-as. Por exemplo, se uma figura pública é conhecida por preferir afirmações de princípios, ao invés de falar sobre os fatos, vá preparado(a) com fatos da trajetória dela que contradigam os portentosos princípios que ela gosta de repetir.

5. Surpreenda a fonte.

Se você estiver entrevistando uma figura pública, é bastante provável que ela já tenha sido entrevistada numerosas vezes sobre as mesmas questões. Você pode usar esse fato para preparar uma entrevista capaz de abrir novos caminhos. Simplesmente revise aquilo que já foi feito, e em seguida faça algo diferente. Às vezes, é surpreendente ver o que os repórteres ignoraram. Mick Jagger, por exemplo, já tinha sido entrevistado sobre quase todas as questões, mas ninguém ainda havia pedido que ele falasse sobre como fazia suas músicas. Ele se mostrou bem contente em poder discutir isso.

6. Permita que a fonte lhe surpreenda.

Os repórteres de notícias estão sempre com pressa, e uma maneira como eles demonstram isso é formulando perguntas que não permitem que a fonte diga aquilo que acredita ser realmente importante. Em parte, o que distinguirá o seu trabalho em relação a essas práticas apressadas será a sua capacidade de prestar atenção àquilo que a fonte vê como importante.

Em específico, uma fonte frequentemente dirá algo do tipo, “Eu posso responder a sua pergun-

ta, mas existe uma pergunta que você não fez, e que é mais importante”. A resposta errada é: “Mais tarde”. A resposta certa: “Fale-me então disso”. Às vezes, a resposta mostrará a você uma história completamente diferente, e ela pode se tornar mais importante do que a história na qual você estava trabalhando antes.

7. Faça a fonte trabalhar

Especialmente nos casos em que a cronologia dos eventos é importante, uma boa maneira de começar uma sequência de entrevistas é conduzir a fonte ao longo dos eventos que já foram discutidos, verificando a cronologia e os detalhes de cada evento (por exemplo, quem estava em cada lugar, e o que disse). As fontes raramente se lembram de um evento de maneira precisa e plena na primeira vez em que o discutem. As suas memórias podem ser estimuladas, e as experiências dolorosas precisam ser liberadas. Não fique chocado(a) ao perceber que as histórias mudam como um resultado desse trabalho.

8. Preste atenção às entrelinhas.

Em linguagem teatral, o “texto” é o diálogo explicitamente pronunciado no palco; as “entrelinhas” são aquilo que está por trás do diálogo. Em uma entrevista, tenha o cuidado de não ignorar as entrelinhas. Em especial:

- Escute os momentos em que a voz do(a) entrevistado(a) muda de tom, pois esse é um sinal garantido de tensão.
- Também preste atenção aos momentos quando a linguagem da fonte se torna vaga e repetitiva, sem o surgimento de qualquer informação adicional (a repetição auxilia a memória, mas ela deveria resultar no surgimento de novos detalhes).
- Por fim, esteja alerta quando a fonte responder a uma pergunta que você não fez. Isso significa que a fonte está procurando lhe dizer o que realmente importa, ou que ela está tentando evitar certo território? Se for este último caso, então esse território é provavelmente o que você precisa explorar, agora e mais adiante. Se você estiver utilizando um aparelho gravador, esteja bem alerta a esses momentos quando você estiver ouvindo a gravação da entrevista.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

9. **Faça com que a fonte se envolva.**

Lembre-se de que o relacionamento com a fonte pode ser mais importante do que qualquer informação específica que a fonte lhe dá em uma entrevista individual. Ao longo do tempo, esse relacionamento produz laços e obrigações mútuas. À medida que isso ocorrer, investigadores iniciantes podem se sentir inconscientemente culpados por estarem penetrando tão profundamente na experiência das suas fontes. De maneira igualmente inconsciente, eles passam a evitar a fonte.

Mas essa é justamente a coisa errada a se fazer. Ao invés disso, esteja em contato regular com a fonte. Ligue para ela, para compartilhar informações, para perguntar sobre as novidades, ou para solicitar comentários sobre algo que é do conhecimento da fonte. Não espere até o momento quando você necessitar de uma informação crucial para lembrar-se de que a fonte existe. Ao agir dessa forma, você fará com que a fonte se torne cada vez mais envolvida no projeto. Ao mantê-la informada sobre os seus avanços e o seu crescimento, e ao solicitar as suas informações e visões, você dá à fonte uma participação no resultado da história. Na verdade, a fonte se torna sua consultora em uma questão bastante importante.

10. **Revise suas anotações logo em seguida.**

Procure reservar um tempo imediatamente após a entrevista – quinze minutos podem ser suficientes – para revisar rapidamente as suas anotações e ver se há algo que você tenha esquecido de registrar. Impressões sobre o humor das pessoas, ambiguidades e outros detalhes lhe surgirão assim que você deixar o local da entrevista. Registre-as.

11. **Repouse um pouco quando puder.**

Os repórteres que estão acostumados com rápidos intercâmbios na cobertura das notícias acham muito cansativo ter que se engajar em diálogos mais extensos com fontes. Os repórteres de notícias podem nunca chegar a conduzir uma entrevista mais longa do que uma hora ou duas. Já as entrevistas investigativas podem durar dias. O(a) repórter deve estar consciente

de que ao longo desse tempo, a fadiga ou a tensão de uma pessoa entrevistada pode torná-la agressiva. Tenha cuidado para não dizer algo gratuitamente desagradável à sua fonte quando isso ocorrer.

“On”, “em off” ou anônimo?

As fontes amam dizer: “Estou lhe dizendo isso em off”. O problema é que normalmente elas não sabem o que estão dizendo. Infelizmente, tampouco muitos dos repórteres. As muitas categorias de anonimato ou menção podem ser descritas da seguinte maneira:

‘Em off’:

O(a) repórter promete não usar as informações fornecidas pela fonte, a não ser que elas surjam inteiramente a partir de outra fonte. A fonte não pode proibir o(a) repórter de usar as informações nessas circunstâncias.

‘Não é para mencionar a fonte’.

O(a) repórter pode usar as informações, mas elas não podem ser atribuídas diretamente à fonte. Outra maneira de se referir a ela, por exemplo “uma fonte próxima da hierarquia judicial”, deve ser acordada entre o(a) repórter e a fonte.

‘On’:

O(a) repórter pode usar as informações e atribuí-las à fonte.

O elemento crucial a se saber aqui é que quando muitas fontes dizem, “Quero que isso fique ‘em off’”, o que elas querem realmente dizer é, “Quero que você use essa informação, mas ela não pode ser atribuída a mim”. Pergunte então à fonte, “Isso quer dizer que você não quer que eu use essas informações, ou que você não quer que eu use o seu nome?” Se a fonte disser, “Eu não quero que você use o meu nome”, pergunte: “quantas outras pessoas sabem essas informações? Se eu as usar, alguém poderia ter certeza de que elas vieram de você?” Se a resposta for um não, pergunte, “Como poderíamos nos referir à fonte?” Não diga algo como, “Então como deveríamos lhe chamar?”

É a fonte que deve escolher se permanece anônima ou não. Dificilmente poderíamos esperar que pessoas nos fornecessem informações atribuíveis aos seus nomes se isso implicar em riscos para as suas carreiras e a sua segurança, e normalmente são elas os melhores juizes para avaliar os riscos que poderiam correr. É sua responsabilidade como investigador(a) garantir que a escolha da fonte seja respeitada. Os fatos devem ser usados de maneira tal que eles não possam ser rastreados até a fonte. Da mesma forma, tenha muito cuidado para não fazer perguntas que se baseiem em informações que só poderiam vir de uma única, ou de algumas poucas fontes.

A menção a fontes anônimas transfere da fonte para você os riscos do uso das informações. É a sua credibilidade que está em questão se as informações forem erradas. Se você for processado(a), você não terá prova nem da sua boa fé, nem da precisão da sua informação. Por esse motivo, aconselhamos fortemente que você não publique materiais baseados em fontes anônimas, a não ser em uma das seguintes condições:

- Evidências documentais podem ser encontradas a partir de outras fontes.
- As informações fornecidas pela fonte anônima se encaixam em um padrão lógico com outras informações já verificadas.
- A fonte se mostrou confiável em ocasiões do passado.
- Se a fonte embasar a informação por meio de um documento, e se o documento não puder ser rastreado até a fonte, peça o documento.

Não permita que uma fonte cite palavras de um documento sem saber com precisão o contexto da citação como um todo (no caso do sangue contaminado na França, a carreira do repórter médico do Le Monde foi estilhaçada, em parte, porque uma fonte se valeu desse truque com ele).

Se você não puder encontrar esse tipo de evidência, pergunte à fonte original se ela aceitaria ser nomeada, para que essa parte da história seja contada. Em pelo menos uma ocasião no passado, quando nós sentimos que a fonte estava quase permitindo a atribuição, dissemos: “Faremos essa história incluindo o seu nome. Mas você revisará as partes onde for citado antes que a publiquemos. Se você não estiver satisfeito(a) com aquilo que ler, nós tiraremos do texto”. Frequentemente, as fontes decidiram permitir a atribuição de pelo menos alguns fatos.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Como usar as emoções

(ao invés de ser usado por elas)

Nas linhas deste capítulo, você pode ter percebido que ele está permeado por uma questão: a importância das emoções e da psicologia nas suas relações com as fontes. Consideremos diversos aspectos desse tema em mais detalhe.

1. Emoção é informação.

Um erro clássico dos repórteres treinados pelos cânones das reportagens “objetivas”, ou dos repórteres que vivem com pressa, é escutar as suas fontes apenas à espera de informações, sem prestarem atenção nas emoções. Eles tendem a considerar as emoções como ruído – incluindo as suas próprias emoções. Em seu clássico trabalho *The Powers that Be*, David Halberstam sugere que é por isso que dois repórteres relativamente inexperientes do jornal *Washington Post* chegaram ao caso Watergate, no lugar dos seus concorrentes. Os jovens repórteres se permitiram impressionar pelo medo expressado por suas fontes, e se permitiram senti-lo por conta própria: o medo lhes mostrou que se tratava de uma grande história.

No mínimo, as emoções lhe dizem que algo está acontecendo, e que o que está acontecendo importa. No máximo, elas lhe indicam uma direção a seguir.

Exemplo:

Em reuniões da Frente Nacional, nós nos vimos constantemente arrastados para um lado da sala, onde as mesmas pessoas se reuniam. Essas pessoas eram membros da ala Integralista Católica da Frente, cujas tendências racistas e violentas foram bem documentadas. Nós nos perguntamos por que, na verdade, estávamos evitando as pessoas do outro lado da sala. Quem são elas? Por que estávamos com medo delas? As investigações mostraram que eles eram pagãos – adoradores dos deuses nórdicos.

Ao contrário dos católicos, a sua violência não era constrangida pela adesão aos dez mandamentos. Eles eram objetivamente mais perigosos do que os católicos, e foi por isso que os evitamos. Os fatos de que eles eram tão presentes na hierarquia do partido, e estavam em visível conflito com os católicos, eram altamente significativos. Nós teríamos sobreolhado esses fatos se tivéssemos negado o nosso medo.

2. Osmose emocional.

Como foi dito antes, as primeiras fontes em quase todas as investigações são as vítimas, que têm motivos urgentes para buscar auxílio e conforto. Na mesma medida em que o(a) repórter se abre para as suas histórias, também absorverá a sua dor e a sua indignação. Tenha cuidado para não se lamentar com a dor absorvida, especialmente junto às fontes. Mas reconheça que você pode ficar deprimido(a) em algum ponto da sua investigação, normalmente antes de estar pronto(a) para escrever a história que evacuará os seus sentimentos. Chris de Stoop, o repórter belga que passou um ano disfarçado nos clubes de sexo do norte da Europa e fez uma magistral investigação sobre escravidão sexual, disse-nos que próximo ao final daquele ano, ele viveu algumas semanas nas quais estava tão deprimido que não era capaz sequer de sair de casa.

Uma maneira de lidar com essa síndrome é trabalhar em equipe, de maneira que os membros do grupo possam proporcionar perspectivas e equilíbrio uns para os outros. Se o seu editor(a) não entender ou reconhecer essa síndrome, é um sinal de que ele ou ela é incompetente no que diz respeito a investigações; busque apoio em outros lugares.

3. A síndrome do papel mata-moscas.

Ao trabalhar com uma investigação prolongada, um(a) repórter se torna excepcionalmente sensível às coisas que motivam, estimulam ou afligem as fontes da história, e começa então a coletá-las assim como um papel mata-moscas coleta insetos. Um sinal de que isso está acontecendo é quando o(a) repórter começa a ver, no noticiário,

referências a aspectos da história que ele ou ela não teria percebido antes. Outro sinal é quando ele ou ela começa a prestar atenção em conversas nas outras salas, contendo certos tipos de palavras-chave (sim, isso já aconteceu conosco, e acontecerá também com você).

Essa é uma sensação incrivelmente estimulante, e poderá fortalecer a sua energia, mas ela também é inquietante. Se você não tiver o devido cuidado, essa nova sensibilidade pode lhe cegar para o mundo que existe fora da história. A pessoa perde o sentido do que é normal, e do fato de que a sociedade na verdade funciona bastante bem na maior parte do tempo, porque você está tão ligado em um ponto da vida que saiu errado. Se você sentir que isso está acontecendo, garanta para si mesmo(a) que você passará uma parte do seu tempo pensando em outras coisas além da história.

4. Dúvida e negação.

Há alguns anos, em meio a uma investigação que durou cinco anos, percebemos que as fontes das quais gostávamos – pessoas bem respeitadas e charmosas – eram culpadas de crimes, e que o nosso trabalho era justamente o de provar isso. Eles também eram indivíduos poderosos, o que tornou a perspectiva de dizer a verdade algo amedrontador. Em situações assim, alguns repórteres ficam literalmente doentes. Essas crises tendem a aparecer justo no exato momento quando a pessoa está se perguntando, assim como o faz todo(a) repórter honesto(a), se ela realmente tem todos os fatos necessários para provar o seu caso, e se haveria algo de importante que ficou de fora. Por um lado, a pessoa já viu e ouviu o suficiente para torná-la enferma; por outro, uma parte dela ainda quer acreditar que as coisas não são assim, o que a leva a pensar que ela nunca terá uma quantidade suficiente de dados.

Lembre-se disto: se você não publicar, estará em uma posição ainda pior do que se publicar. Mantenha-se dentro dos limites daquilo que você descobriu, mas mostre que você respeita o seu próprio trabalho, e ponha-o para fora.

5. Objective as emoções.

Existe um método simples para lidar com esses tipos de reações emocionais: Note as suas próprias emoções no decorrer da investigação.

- Ponha no papel aquilo que você está sentindo, e o que lhe levou a esse sentimento. Com quem você estava falando? O que essas pessoas disseram? Quais pensamentos apareceram na sua cabeça?
- Lidando dessa forma com os seus sentimentos, você os transformará em material que possa ser objetivado e trabalhado.
- Esse material pode ser verificado como qualquer outro. Use-o para identificar padrões em suas interações com as fontes, e, em particular, os pontos de perigo na sua investigação. A ansiedade e o medo tendem a surgir em momentos específicos. Essas emoções podem indicar a necessidade de uma nova pesquisa. Ou elas podem indicar que você está se sentindo isolado(a) e sem defesas. De uma forma ou de outra, você poderá agir, seja buscando aliados ou confirmando as suas informações.

6. Não esqueça quando o amanhã chegar.

De maneira frequente demais, os jornalistas esquecem as suas fontes após publicarem. Não seja um deles. Se você cortar um contato uma vez que a história for publicada, a fonte pode pensar que você a traiu. Se você mantiver o contato, você começará a construir uma rede de fontes para futuros projetos investigativos. Se você não for esperto(a) o suficiente para seguir este segundo caminho, você provavelmente não é esperto(a) o suficiente para ser um(a) investigador(a).

Um comentário final. Nossos alunos de jornalismo frequentemente perguntam, “E nós vamos colecionar inimigos ao investigarmos?” Claro que sim. Mas se você cumprir o seu trabalho de maneira correta, lidando com as pessoas de um modo que respeite os direitos delas, e os seus, até mesmo os seus inimigos provavelmente lhe respeitarão. Mais importante do que isso, você fará mais amigos do que inimigos, e os amigos provavelmente serão pessoas de mais alta qualidade.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.



organização

5

Como se Organizar para Ser Bem-Sucedido(a)

POR MARK LEE HUNTER E FLEMMING SVITH

O processo até aqui:

Descobrimos uma questão.

Criamos uma hipótese para verificar.

Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.

Buscamos fontes humanas, para enriquecerem nossa compreensão

À medida que coletamos dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.

As pesquisas investigativas geram uma quantidade consideravelmente maior de materiais do que a cobertura convencional de notícias, e esses materiais devem ser organizados de modo efetivo em uma base de consulta. O trabalho organizacional é parte de um processo sistemático de redação e publicação: você não faz uma pesquisa e em seguida organiza, para depois escrever; ao invés disso, você se organiza à medida que realiza a pesquisa, e essa organização lhe prepara e inicia o processo de redação.

Se você não dedicar o tempo necessário para se organizar, precisará de (pelo menos) o dobro do tempo para o projeto no final, e será mais difícil compor, explicar e defender o seu trabalho. Além disso, o trabalho não será tão prazeroso, porque você estará o tempo todo preocupado(a) e... desorganizado(a), frenético(a) e frustrado(a). Por isso, aqui estão alguns simples passos úteis que podem ser integrados à sua rotina de trabalho.

Organize os seus documentos

A primeira vez em que publicamos uma investigação em uma revista de peso nos EUA, houve uma anedota maravilhosa que precisou ficar de fora. Um dos principais atores tinha mentido na tribuna de testemunhas durante uma audiência num tribunal. Mas nós não tínhamos estado lá, e tínhamos perdido o recorte de jornal que era a referência do evento. Uma vez, um colega precisou abandonar uma investigação após ter deixado uma pasta contendo arquivos centrais em um táxi. Outra colega passou um ano procurando a prova de que os seus alvos tinham conduzido um estudo, e então percebeu que ela já o tinha em meio aos seus próprios arquivos.

Ter organização pode lhe auxiliar a evitar esses problemas. A organização investigativa está ligada ao cuidado de garantir que:

- Você sabe qual documentação já encontrou, e as informações que ela contém (os “ativos”);
- Você sabe onde um determinado ativo está e pode por as mãos nele imediatamente (o que significa dizer, em até 30 segundos);
- Você pode fazer conexões entre fatos relacionados comparando os seus ativos.

Se você sabe o que já está com você e pode acessar esse material com rapidez, a sua investigação não ruirá por si mesma. Tão importante quanto isso: você poderá acessar as mesmas informações para futuros projetos; é como construir um fundo de capitais. Se você não for capaz de fazer isso, o seu trabalho e a sua carreira serão mais pobres. Então, por favor, não pense que essa seria uma parte menos importante do trabalho. Você não pode passar todo o seu tempo ocupado(a) com isso, mas precisa dedicar o tempo necessário para manter o domínio sobre os seus dados e documentos em cada passo da investigação.

Existem duas partes nesse processo.

- A parte óbvia é que você está construindo uma base de dados – um arquivo ou biblioteca pesquisável e ordenada da sua documentação.
- De modo menos óbvio, à medida que você estrutura a sua base de dados, você está estruturando a sua própria história e construindo a sua confiança nela.

Como construir uma base de dados.

A construção de uma base de dados ou um arquivo pode ser feita com pastas de papel, dados eletrônicos ou uma combinação de ambos. Porém, não faz qualquer sentido construí-la se você não a usar, por isso a estrutura tem que ser ao mesmo tempo robusta e ágil. Sugerimos o seguinte processo básico, que é simples e eficiente.

A/ Colete documentos.

Um cartão de negócios de uma fonte é um documento. Da mesma forma, também são documentos um relatório oficial, um recorte de notícia, anotações ou transcrições de entrevistas, e assim por diante.

B/ Revise o documento para avaliar o seu conteúdo

Sublinhe ou destaque quaisquer passagens que pareçam ser de especial importância, e coloque um marcador fisicamente apontando para o trecho. Se um documento em papel parecer particularmente crucial, faça pelo menos uma cópia de papel ou eletrônica.

C/ Dê ao documento um título ou número, caso ele ainda não o tenha.

Qualquer título servirá, contanto que por ele você se lembre do conteúdo do documento (isso é especialmente importante para as páginas de internet! Salvar uma página com o seu título original é às vezes o mesmo que escondê-la diante dos seus próprios olhos no seu disco rígido. Certifique-se de que ou você mudará o título para salvá-la, enquanto registra o URL original em

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

algum outro lugar, ou copiará o conteúdo que lhe interessou em outro documento com a referência do URL). Para entrevistas, sugerimos que você use o nome da pessoa entrevistada. Se a pessoa for confidencial, dê a ele ou ela um codinome.

D/ Arquive os documentos.

Ordene-os de uma maneira que lhe seja natural. Preferimos arquivar os documentos alfabeticamente, em uma pasta física ou uma pasta no computador.

Também preferimos o arquivamento por questão: costumamos abrir um arquivo por questão a partir de um mesmo documento, e então expandimos e subdividimos os títulos das questões à medida que novos documentos vêm surgindo. Dentro dos arquivos por questão, ordenamos os documentos cronologicamente, colocando o mais recente como o primeiro da fila.

E/ Revise os documentos periodicamente.

Uma vez por mês é suficiente. Certifique-se de que os diferentes documentos estão arquivados corretamente. Se um documento não lhe parecer familiar, dedique-se a lê-lo por um instante. A importância desse exercício está não em apenas manter os seus arquivos atualizados, e sim em garantir que você sabe aquilo que eles contêm.

F/ Intercambie documentos ao longo dos arquivos.

Se um evento específico, ou uma série de eventos está saltando para fora do arquivo para sugerir uma história em separado, copie os documentos relacionados de todos os arquivos pertinentes e comece um novo arquivo. Certifique-se de deixar cópias de todos os documentos em seus arquivos anteriores. Essa é uma técnica utilizada pelo FBI: quando um documento se refere a outro (por exemplo, se ambos contêm o nome da mesma pessoa), cópias de cada documento são colocadas em ambas as pastas. A justificativa para essa técnica é que ela aumenta as chances de que você fará novas conexões entre diferentes dados.

G/ Faça cópias de segurança.

Se os documentos são sensíveis, prepare cópias e armazene-as em um lugar que não seja a sua casa ou o seu escritório, e ao qual você ou um colega possa ter acesso. Não armazene dados sensíveis, tais como os nomes de fontes confidenciais, em seu computador. Absolutamente nenhum dado em seu computador pode ser considerado seguro.

A Estruturação dos dados: Como criar um arquivo mestre

Os seus ativos não lhe serão de qualquer utilidade se eles não adicionarem algo à sua história. As suas hipóteses lhe auxiliarão a lembrar do núcleo da sua história, e a guiar a sua pesquisa. Mas elas não serão suficientes para a composição de uma narrativa bem amarrada e estruturada. Para fazer isso, você precisará de outra ferramenta central: o arquivo mestre.

No nível mais básico, um arquivo mestre é uma “loja de departamento de dados” – um lugar onde você coloca todos os ativos que já conseguiu coletar. Mas ele não é um depósito caótico, porque você dará um ordenamento a ele. O ponto é ter todas as informações que você pode usar em um único lugar e com uma forma.

1. Questões básicas sobre o arquivo mestre.

A / Crie um novo arquivo de processamento de texto ou um arquivo de base de dados no seu computador. Qualquer um dos dois servirá; use aquele com o qual você se sente mais confortável.

B / Mova os seus dados para dentro desse arquivo.

- Por “dados”, estamos nos referindo a todos os fatos de que você necessita para fazer a sua história: suas fontes, transcrições de entrevistas, extratos de documentos, anotações, etc. Sugerimos anotar as fontes primeiro, para que você possa encontrá-las mais facilmente.
- Se os dados estiverem em formato eletrônico (extratos de documentos ou páginas on-line, ilus-

trações escaneadas, etc.), copie-os diretamente para o arquivo.

- Se os dados não estiverem em formato eletrônico – por exemplo, documentos em papel – e o formato original for importante, então escaneie o documento, salve-o em um lugar facilmente acessível no seu disco rígido e insira um link para o lugar do documento no seu arquivo mestre. É claro, você pode incluir links para páginas na internet ou outras fontes on-line.
- Por favor, não tenha preguiça de transcrever passagens centrais das suas entrevistas. Cada hora que você gastar nessa parte da investigação lhe economizará diversas horas mais adiante.
- Certifique-se de que cada dado que você colocar no arquivo incluirá informações a respeito da sua fonte. Para fontes publicadas, escreva as informações bibliográficas completas.
- Certifique-se também de documentar os seus contatos com as fontes. O arquivo mestre precisa incluir informações como o momento em que você contactou o seu alvo pela primeira vez, o que ele disse, quando você prometeu algo a uma fonte, e assim por diante. Essas informações podem ser de importância crucial se a sua investigação for questionada, porque ela demonstra que você fez um esforço sério de pesquisa.
- Repetindo: não inclua no arquivo mestre qualquer informação que possa comprometer a segurança de uma fonte. Tenha como pressuposto que qualquer arquivo no seu computador pode ser acessado por outra pessoa.

C / À medida que você inserir dados no arquivo mestre, se ele não tiver uma localização física (como uma pasta), anote onde ele pode ser encontrado. Isso será um auxílio tremendo mais adiante. Se você se deparar com perguntas a respeito de um determinado documento, você poderá encontrá-lo com facilidade. Tão importante quanto isso: se os seus advogados quiserem saber quais provas você tem antes de publicar, você terá condições de mostrar um documento a eles em segundos (essa é uma experiência de encher o coração que não se deve negar a qualquer advogado, especialmente o(a) advogado(a) que tiver que lhe defender caso alguém acione medidas jurídicas contra você).

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

capítulo 5

D / Quando você mover os dados, dê a eles um ordenamento preliminar. A ordem mais simples e mais poderosa de um ponto de vista organizacional é a ordem cronológica. Empilhe os seus eventos na ordem em que eles ocorrerem. Insira descrições ou dados biográficos sobre os atores na história no momento em que eles aparecem nela pela primeira vez.

E / À medida que você criar o seu arquivo mestre, conexões entre diferentes pontos de dados, bem como entre eventos ou fatos que não parecem fazer qualquer sentido claro, começarão a se tornar mais evidentes para você. O mesmo acon-

tecerá com frases ou parágrafos inteiros de exegese sobre o seu material. Anote essas cognições no arquivo mestre. Identifique-os por meio de um código-chave: por exemplo, você pode usar a palavra VER em letras maiúsculas, ou as iniciais PA, significando “prestar atenção”.

F / Certifique-se de que você sempre anotarás as datas usando o mesmo formato (por exemplo, dd/mm/aaaa). Da mesma forma, certifique-se de que você anotarás os nomes do mesmo modo todas as vezes. Caso contrário, você não terá condições de fazer uma busca no arquivo mestre apropriadamente.

2. Como segmentar o arquivo mestre.

Uma abordagem mais detalhada para esse sistema acima foi desenvolvida por Flemming Svith, cofundador do Instituto Dinamarquês para a Cobertura Jornalística Auxiliada por Computador (DICAR). Ao invés de usar um arquivo de processamento de texto (Word) para coletar e rastrear dados, Flemming utiliza uma planilha Excel ou de fonte aberta para criar um índice e um arquivo mestre de diferentes aspectos de uma investigação.

O método é simples: ele cria uma planilha para a investigação. Em seguida, ele cria páginas separadas com os seguintes títulos:

A / Lista de documentos.

Flemming prefere usar uma sequência cronológica para os seus documentos. Em todo caso, ele insiste: “Numere cada um dos documentos e mantenha os documentos em papel em ordem numérica”. Se houver documentos eletrônicos na lista, ele inclui um link para a sua localização on-line ou no disco rígido. Ele cria colunas de dados relacionados aos documentos, tais como mostramos a seguir:

:

No.	Data	De	Para	Assunto, conteúdo, palavra-chave	Formato
1	01/02/05	Sobrenome, nome	Sobrenome, nome	palavra-chave, palavra-chave, palavra-chave	E-mail
2					carta
3					Telefonema

B/ Lista de fontes.

É aqui que Flemming mantém os registros dos seus contatos. A planilha de dados se parece com a seguinte (todas as coordenadas, com a exceção do seu nome, foram mudadas!):

No.	Título	Pessoa	Organização	Endereço	CEP	País	Tel. Trab.	Tel.
1	Editor	Flemming Svith	Dicar	Olof Palmes Alle 11	8200	Dinamarca	+45 89440493	+45 89440480
2								
3								

capítulo 5

C/ A planilha cronológica contém a sequência de eventos que aparecem na investigação, incluindo todos os contatos com as fontes. Ela é da seguinte forma:

Data	Fonte	Organização	Evento (ação)	Conteúdo, palavra-chave	Fonte
01/02/03	Sobrenome, nome	Nome	Entrevista com	Corrupção, etc.	
			Encontro com		
			Entrega de documento		

D / Em seguida, temos **o registro de contatos**, que é da seguinte forma:

Data	Horário	Pesquisador(a)	Pessoa (Fonte)	Org.	Contato	Resposta	Conteúdo
01/02/03	13:22hs	Nome	Sobrenome, nome	Nome	Sim	Entrevista	Fim da corrupção
					Ligar de novo às 15:00		
					E-mail enviado em 13:05	E-mail respondido	

Como pode ser visto, Flemming separa diferentes tipos de informações que outros repórteres (como eu mesmo) colocariam em um único arquivo. Uma vantagem desse método é que ele gera redundância dentro do sistema: as mesmas informações aparecem em mais de um lugar (uma desvantagem é que há mais oportunidades de criar erros, também). Uma segunda e grande vantagem é que os aplicativos de planilhas permitem que você busque nos arquivos e agrupe rapidamente todas as referências a um ator ou elemento específico na investigação. Não é possível fazer isso com um processador de texto.

Sugerimos que você utilize qualquer programa de computador com o qual se sinta confortável, até que se torne óbvio que ele é insuficiente ou inadequado para as suas necessidades. Enquanto isso, se os processadores de texto forem a sua ferramenta favorita, então use-os. Se você tiver habilidade com as planilhas, use-as. Mas use algo que permita que você coloque o poder de um computador pessoal como um apoio ao seu trabalho.

3. Por que importar-se? Quando?

Você não precisa ir tão longe assim para cada história. Mas se você não criar algum tipo de arquivo mestre para uma investigação que envolva, digamos, mais de uma dúzia de documentos ou fontes, você se arrependerá depois. Uma distinção central entre uma investigação e a cobertura diária é que a investigação envolve mais informações e contatos, e diferentes tipos e qualidades de informação, do que a cobertura comum de notícias. Os sistemas oferecidos aqui lhe auxiliarão a lidar com essa situação. Você poderá aprimorá-los ou alterá-los, ou então encontrar um sistema melhor por conta própria.

Mas não pense que se você pular essa tarefa, conseguirá ir mais rápido. Pois ou você irá mais

devagar, ou então irá quebrar a cara no meio do caminho. As vantagens mais óbvias de usar o seu computador para criar um dos sistemas descritos acima são:

- Quando chegar o momento de escrever, você terá os seus dados facilmente à mão, e isso lhe auxiliará a lembrar de todos os passos e dados, e não só da sua descoberta mais recente.
- Quando você precisar conferir fatos, você terá os seus dados e as suas fontes todos reunidos em um só lugar, e isso lhe poupará um imenso dispêndio de tempo e angústias.
- Em poucas palavras, você escreverá mais rápido e melhor.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

As conexões entre os diferentes arquivos

Ao tornar os seus documentos mais fáceis de coletar, rastrear e revisar, será também mais fácil para a sua mente traçar conexões entre os dados. Você certamente perceberá que os dados geram perguntas que ainda não foram respondidas. Assim, o seu arquivo está lhe dizendo quais dados precisam ser completados. Você também se tornará mais sensível a novos dados que se relacionem à sua hipótese, e assim fará descobertas inesperadas.

Um exemplo do processo de fazer novas conexões é o seguinte:

Primeiro passo (iniciação):

No trabalho sobre a Frente Nacional, observamos que os seus membros estavam frequentemente em julgamentos por diversos atos, e lançamos a hipótese de que o ativismo judicial era um elemento central da sua estratégia. Coletamos documentos relacionados aos seus problemas judiciais, incluindo recortes de notícias e documentos de tribunais.

Segundo passo (diversificação):

À medida que o número de ativos aumentou, nós os separamos por tipo. Houve novos arquivos para casos envolvendo acusações de fraude eleitoral, crimes violentos com a suspeita de envolvimento de membros da frente, e assim por diante.

Terceiro passo (foco):

Como alguns dos acusados em casos de ataques eram skinheads – ou seja, neonazistas com as cabeças raspadas –, nós lançamos a hipótese de que a despeito das negações oficiais, a FN mantinha algum tipo de conexão com o movimento skinhead. Também abrimos um arquivo sobre os skinheads. Com o tempo, nos demos conta de um relatório a respeito do julgamento de dois skinheads e de um candidato da FN ao conselho municipal que haviam ataca-

do um homem com o cabelo comprido utilizando um taco de baseball, deixando a sua vítima permanentemente incapacitada. Fizemos contato com o advogado da vítima.

Quarto passo (ver as conexões):

O advogado nos ofereceu acesso a informações que sugeriam que outro grupo de agressores estava envolvido, mas não tinha sido identificado. Esses agressores pareceram ser pagãos (nesse caso específico, adoradores de deuses nórdicos). Nós estávamos mantendo outro arquivo sobre os pagãos clandestinos da FN. Então adicionamos documentos do arquivo sobre os skinheads. Nossa hipótese de trabalho, com base nos contatos dentro da FN, foi de que os pagãos eram a ligação da FN com os skinheads.

Quinto passo (revisar e reagrupar):

Reunimos materiais de diversos arquivos, procurando por conexões entre os pagãos clandestinos, os skinheads e atos violentos envolvendo a FN. Os materiais à mão incluíam entrevistas com representantes da FN sobre os skinheads, recortes de publicações da FN, entrevistas com pagãos da FN e outros ativos. Esse artigo se tornou a base para um capítulo no livro, que detalhava o ataque descrito acima e usando-o para expor as conexões entre os pagãos clandestinos, os skinheads e a FN.

Revisão:

Princípios e ferramentas centrais do processo de organização

1 **Organize documentos, recortes, etc., de um modo que permita o acesso imediato a pontos específicos.**

2 **Nomeie, revise e archive os dados assim que eles chegarem.**

3 **Crie um arquivo mestre que agrupe os ativos e referências em uma única sequência.**

4 **Use o processo de organização para identificar brechas no estudo e novos objetos a serem estudados.**

5 **Faça o cruzamento de dados de arquivos específicos com dados de outros arquivos por meio do trabalho de revisão e reagrupamento.**



redação

6

A redação de investigações

POR MARK LEE HUNTER

O processo até aqui:

Descobrimos uma questão.

Criamos uma hipótese para verificar.

Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.

Buscamos fontes humanas, para enriquecerem nossa compreensão.

À medida que coletamos dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.

Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.

E escrever uma história investigativa não é a mesma tarefa que escrever uma história de notícias. Já pudemos discutir como a organização desempenha um papel crucial, uma vez que ela faz com que o trabalho de pesquisa se torne uma parte do processo de escrever. Quando chega o momento de compor a história final, em comparação com a redação de notícias, diferentes habilidades são necessárias e diferentes convenções criativas são envolvidas, com base em regras de narração que se apresentam de maneiras mais complexas. O(a) repórter deve, a uma só vez, usar o poder de recursos associados à ficção, e evitar compor uma peça de ficção. Por fim, o seu estado emocional termina entrando no texto, seja de modo consciente ou não.

Elementos de estilo

1. Por favor, deixe de ser monótono(a).

A maioria de nós foi treinada para pensar que o trabalho de um(a) repórter é simplesmente o de apresentar os fatos e permitir que o(a) espectador alcance suas conclusões. Assim, os fatos deveriam estar despidos das colorações da voz e dos sentimentos do(a) repórter. Qualquer outra abordagem não pareceria “séria”.

É claro, um tom assim poderia ter um grande efeito quando usado de maneira apropriada e consciente. Porém, é ainda assim estranho ouvir que os repórteres não devem permitir que as suas paixões, personalidade e valores apareçam no seu trabalho. Para absorverem significado, os espectadores também precisam abrir os seus sentidos. De muitas maneiras, eles precisam sentir o impacto daquilo que estão vendo e ouvindo, ou então eles não entenderão. Um(a) investigador(a) que falha em lhes dar essa oportunidade irá fracassar, e ponto final.

Ainda assim, o(a) investigador também deve ser objetivo(a) de uma maneira específica: neutralidade e honestidade em relação a todos os fatos em uma dada situação. Tal neutralidade não significa, e não pode significar, uma indiferença em relação às consequências de certos fatos, e é isso que muitos políticos adorariam obter quando eles acusam os repórteres de não estarem sendo objetivos. O propósito fundamental do jornalismo investigativo é reformar, e o desejo de reformar o mundo é inerentemente individual e subjetivo.

Os fatos objetivos – ou seja, os fatos cuja existência não pode ser seriamente questionada, independentemente de quem os observa – são os meios, e não os fins desse processo. Os espectadores não querem ou precisam somente de informações. Eles também querem perceber um significado, e alguém deve criar esse significado. Parte do significado está no reconhecimento de que a história tem importância, e então o(a) repórter pôde sentir isso. Ou seja, conte a história de uma maneira que chame a atenção, e de uma maneira que os fatos apoiem.

A maioria dos escritores se importa demais com estilo. Nossa convicção é a de que o estilo verdadeiro é algo pessoal, é uma função do caráter, e emergirá naturalmente ao longo do tempo. O seu estilo não deveria sobrepor-se ao material; se isso ocorresse, pareceria que o material não é importante. Lembre-se de que um estilo simples pode ser facilmente tornado mais complicado, mas um estilo complicado é algo difícil de simplificar. Não se deixe prender por seus próprios dispositivos e maneirismos. A chave do estilo investigativo é o ritmo, e um excesso de estilo tornará esse ritmo mais lento.

2. O perigo da dúvida.

A maioria dos repórteres é tratada como um bando de lacaios ou cretinos pelas suas fontes ricas ou poderosas. Esse é um motivo pelo qual alguns repórteres não têm fé em seu próprio valor. Eles se tornam jornalistas para que possam estar com pessoas que acreditam ser mais interessantes, ativas e importantes do que eles mesmos.

Essas atitudes são fatais para o campo das investigações, e elas são mais comuns do que você poderia imaginar. A cada ano, entre os jornalistas que tenho a oportunidade de capacitar, existem diversos profissionais que encontram uma questão perfeitamente boa, fazem uma pesquisa excelente, e então terminam traindo as suas próprias descobertas. Eles descobrem uma verdade desagradável, mas encontram uma fonte bem posicionada que diz a eles que isso não é a verdade, no final das contas. Tipicamente, a fonte bem colocada adota um tom que mistura sabedoria e advertência, e o(a) repórter então se submete inconscientemente.

Por exemplo, escute o que diz esse famoso doutor ao final de uma investigação sobre casos de gravidez medicamente terminados: *“Às vezes, a incerteza pode levar os casais a fazer escolhas que são aceitáveis para alguns, e menos aceitáveis para outros”*. O doutor parece muito agradável, mas ele está negando os fatos descobertos pelos repórteres, que afirmam que eram os profissionais de medicina, e não os casais, que estavam tomando essas decisões de vida ou morte. Ao dar a ele a palavra final, os repórteres subverteram o seu próprio trabalho. Esteja bem alerta para perceber esses momentos de dúvida pessoal.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir. Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história. Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta. Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Uma variação desse erro é o(a) repórter que lança um ataque selvagem contra o seu alvo, para então nas linhas finais dizer algo do tipo, “*Oh, no final das contas, ele não é tão ruim assim*”. Essa é uma expressão do medo inconsciente desse(a) repórter, e do seu desejo de aprovação. Se você encontrou a verdade, então conte-a. Resista à tentação de buscar um reconhecimento de fontes que ao mesmo tempo lhe congratulam pela sua inteligência e lhe veem como um(a) tolo(a).

3. Seja duro, e não grosseiro.

O stress de conduzir e concluir uma investigação pode levar a um estado de fadiga, frustração e raiva. Todos esses elementos contribuem para o perigo de o(a) repórter adotar um tom insultante, agressivo. É um mecanismo de defesa, mas ele demonstra fraqueza ao expectador e ao alvo, e má fé se você for levado a uma corte por difamação.

Não polua acusações sérias com insultos mesquinhos. Você pagaria muito caro por agir assim. Certifique-se de reler os seus rascunhos em busca de sinais de perversidade gratuita, e retire-os do texto.

Identifique os antecessores do seu estilo: O uso de modelos

Quase todo problema na arte narrativa já foi abordado e resolvido por algum gênio, e até mesmo os gênios adotaram certas técnicas e recursos de outras pessoas (Shakespeare, por exemplo, pegou enredos emprestados de outras peças ou historiadores). Você pode fazer o mesmo, seja você uma pessoa genial ou não. Procurar por tais modelos deve ser parte da sua pesquisa, no mesmo nível que buscar informações.

Quando você empreender um projeto específico, identifique os artistas narrativos que já lidaram com questões semelhantes nos seus trabalhos, e estude-os no que diz respeito aos elementos que mais lhe interessam. Isso é particularmente importante ao lidar com narrativas longas. Você simplesmente não terá tempo de gerenciar as informações e inventar todos os recursos narrativos de que necessita.

Por exemplo, a exposição a procedimentos judiciais é uma importante tarefa para investigadores, uma vez que esses processos são os condutos de um amplo número de efeitos nocivos. O problema de como torná-los interessantes é eterno, e ninguém o resolveu melhor do que Balzac em *Esplendores e Misérias das Cortesãs*. Outro problema recorrente para os investigadores é como lidar com o amplo elenco de personagens, pois diferentemente do(a) escritor(a) de ficção, um(a) repórter não pode simplesmente eliminar personagens em nome da simplicidade narrativa. O novelista inglês Anthony Trollope desenvolveu uma estrutura narrativa cena por cena que resolve essa questão, ao separar o seu elenco de personagens em unidades menores. Historiadores romanos como Tácito e Suetônio desenvolveram, respectivamente, a narrativa não ficcional de ação e o retrato político das altas rodas. O cine-

asta King Vidor experimentou assiduamente com o uso de recursos rítmicos no trabalho de atuação, filmagem e edição.

Qualquer que seja a tradição mais familiar a você, use-a. Estude a sua arte, e não só o seu ofício. Utilize tudo o que você precisar, e certifique-se de atribuir o devido crédito àquilo que utilizar.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir. Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história. Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta. Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

A definição da estrutura narrativa: Cronologia ou odisseia?

As investigações sobrecarregam a estrutura típica de uma história de notícias, que simplesmente nos dão as respostas das cinco perguntas centrais: quem, o que, quando, como e por que [em inglês, os “cinco W’s”: who, what, when, where and why]. Uma investigação envolve personagens que têm motivações, traços físicos, histórias pessoais e outras características que vão além dos seus títulos e opiniões. Ela acontece em lugares que têm personagens específicos e histórias próprias. Ela nos mostra um passado no qual a história começou, um presente no qual ela é revelada, e um futuro que resultará dessa revelação. Em poucas palavras, ela é uma narrativa rica. Se você quiser que ela funcione, precisará estruturá-la.

Existem dois modos primários de se estruturar uma narrativa rica:

- Em uma **estrutura cronológica**, os eventos são ordenados no tempo, com cada ação sucessiva alterando as possibilidades daquelas que se seguem.
- Em uma **estrutura picaresca**, os eventos são ordenados por lugar, à medida que os atores se movem ao longo do cenário. Cada seção pode se manter por conta própria, porque cobre todos os elementos necessários para criar uma mininarrativa coerente.

Para os casos clássicos dessas estruturas, o melhor exemplo que conhecemos é o do poeta grego Homero. A *Iliada*, seu relato da Guerra de Troia, avança cronologicamente por meio dos eventos. Em *A Odisseia*, a sequência dos eventos no tempo é menos importante do que o movimen-

to da história ao longo dos sucessivos lugares, e cada um desses lugares influencia a ação de modo decisivo.

Uma dessas duas formas é a correta para a sua história.

A escolha deveria ser feita de acordo com o material. Algumas histórias transmitem o implacável desenrolar do destino, e essas histórias devem ser contadas cronologicamente. Outras transmitem o sentido de um mundo repleto de lugares surpreendentes, e nesses lugares existem poderes que antes eram ignorados. Uma estrutura picaresca funciona melhor nesse segundo caso.

Por exemplo, nós usamos uma estrutura picaresca na cobertura da Frente Nacional, uma vez que ela é um movimento heterogêneo com fortes raízes locais. Se a FN tivesse se tornado o trator de centralização de um movimento, assim como é descrito por alguns de seus inimigos, então o caminho mais apropriado teria sido um retrato cronológico do seu desenvolvimento.

Cada forma tem vantagens específicas.

A estrutura picaresca permite que você sugira o escopo e a escala de uma dada situação mais facilmente do que no caso de uma cronologia. Mas uma cronologia é normalmente bem superior como um meio de encontrar as raízes de uma determinada situação.

Evite tentar encaixar o seu material em uma estrutura pré-concebida, só porque você sente que proceder dessa forma seria mais “natural” para você. Em relação a isso, assim como a outros pontos, Michael Moore é um exemplo interessante. A sua forma natural é picaresca e sua narrativa típica mostra um estranho sardônico (o próprio Moore) em passagem por uma terra esquisita. Na maioria dos seus filmes, isso funciona brilhantemente. Mas não funcionou em *Fahrenheit 911*, em parte porque o filme procura penetrar nas relações entre a família Bush e os sauditas, uma amizade que só poderia ter se desenvolvido ao longo do tempo.

Permita que o material lhe diga se a sua jornada é uma jornada no tempo ou no espaço. Quando você tiver alcançado essa decisão, então você – ou mais precisamente, você e o seu computador – podem começar a moldar os contornos.

A construção e a flexão da cronologia

De acordo com Aristóteles em *A Poética*, as narrativas têm início, meio e fim. É muito útil estar consciente disso, mas isso não resolve alguns problemas centrais das narrativas jornalísticas.

Em primeiro lugar, nós normalmente não sabemos como será o final de uma história, até mesmo quando já estamos prontos para redigi-la. Por exemplo, talvez tenhamos encontrado um(a) assassino(a), mas não somos nós que decidimos se ele ou ela irá para a cadeia. Ademais, estamos trabalhando para um público cujo interesse e expectativa primária é que lhes digamos algo que importa a eles neste exato instante. Em outras palavras, eles estão menos preocupados com a maneira como a história começou do que com os seus desenvolvimentos mais recentes.

Assim, em uma narração investigativa, frequentemente começamos por onde estamos agora (o momento presente), vamos ao passado para mostrar como chegamos até aqui (o passado da história), trazemos a história de volta ao presente (para permitir que os leitores absorvam a história), e então dizemos para onde a história se direciona (sua resolução futura provável).

Essa estrutura – presente, passado, futuro – atende as três perguntas centrais que qualquer expectador(a) quer ver respondidas por um(a) repórter:

- Por que eu deveria me importar com essa história?
- Como é a história do surgimento desse terrível ou maravilhoso evento?
- Ele terá um fim? Como?

Os fatos de que essa é a estrutura narrativa mais comumente utilizada no jornalismo de longa extensão, e de que ela é bem efetiva na maioria das situações, ainda assim não lhe obriga de forma alguma a utilizá-la. Na verdade, o princípio

cronológico é tão poderoso que, quando utilizado apropriadamente, ele pode ser reconfigurado de qualquer modo que você escolher. Por exemplo, escrevemos uma reportagem sobre um caso de assassinato que começou no futuro: os pais da vítima seriam perseguidos com um julgamento por um crime que eles não cometeram. A história voltou então ao passado do caso, mostrando como a polícia havia alimentado a imprensa com informações terrivelmente especulativas. Ela terminou com o presente, em uma denúncia desse julgamento de opinião. Por outro lado, você poderia iniciar uma história por onde ela começou, no passado, e então avançar direto pela pergunta: “Como isso poderia terminar?” Mas na maioria dos casos, o núcleo da sua história seria responder a pergunta: “*Como foi que tal situação chegou a esse ponto?*”

Há dois pontos principais para ter em vista quando você definir a ordem cronológica do material no seu esboço.

- Em primeiro lugar, **comece por um momento que seja um gancho para o(a) expectador(a) – a cena mais poderosa que você tiver.** Pode ser alguém que está sofrendo no momento presente. Pode ser o momento no passado quando algo mudou para sempre. Ou pode ser um futuro insuportável que está vindo em sua direção. O que quer que seja, esse gancho precisa ter a capacidade de levar o(a) expectador(a) a perguntar: “Como isso pôde acontecer?”

- Em segundo lugar, **por favor, não sujeite o(a) expectador(a) a ficar indo para frente e para trás no tempo.** Se você estivesse dirigindo um carro e fizesse isso com os seus passageiros, eles iam se sentir enjoados. O mesmo acontece com os seus expectadores. Se você os levar para o passado, permaneça ali o tempo suficiente para que se possa dizer o que aconteceu, e só então volte para o presente. Não fique pulando de 2008 para 1995, em seguida para 2006, e então para 1982... Mantenha o fluxo cronológico tão direto e simples quanto possível. A exceção a essa regra requer uma estrutura picaresca: o narrador de uma história picaresca pode ouvir os mesmos eventos sendo contados por diversas pessoas, em diferentes momentos e lugares. Tenha isso firme em mente quando você escolher a sua estrutura geral.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

O uso do arquivo mestre

Você se lembra do arquivo mestre – o que contém todos os seus excertos de documentos, retratos, ideias e anotações? Você se sentirá bem feliz por ter reunido todos esses materiais. Especialmente se, assim como nós, você não gostar de tentar fazer um esboço antes de escrever.

1. O delineamento do arquivo mestre.

- Primeiro, abra o arquivo mestre e leia-o do começo ao fim.
- Em seguida, salve uma versão para edição.
- Agora, leia-a novamente do começo ao fim. Desta vez, corte fora os materiais que você não irá usar.
- Leia-a mais uma vez. Desta vez, corte e cole os materiais na sequência que você pensa que eles devem ser usados, seja em ordem cronológica ou picaresca.
- Repita os dois passos acima até você sentir que já tem os materiais de que mais gosta ordenados para uso.

Parabéns!

Você acabou de escrever o seu esboço preliminar. Agora você já pode “escrever direto” por esse arquivo, transformando anotações e dados em texto corrido. Simplesmente faça a rolagem de páginas do arquivo para baixo e reescreva o texto à medida que ele vier passando. Não se esqueça de cortar e colar as referências dos documentos no formato de nota de rodapé. Mais adiante, isso tornará mais simples o trabalho de conferir os fatos e fazer a revisão legal.

2. A construção cena por cena no arquivo mestre.

Outra abordagem, se você preferir uma construção picaresca, é escrever títulos para as cenas que você sabe que irá usar. Certifique-se totalmente de que:

- Cada cena terá um ponto central que avançará a sua história.
- As transições entre cenas – os motivos pelos quais estamos indo de um lugar para o outro – estão bem evidentes.

Em seguida, corte e cole os materiais apropriados para cada cena a partir do arquivo mestre. Confirme que você já sabe: como era o lugar, quem estava lá, o que as pessoas fizeram, o que disseram (diálogos), e como você sabe isso tudo. Esses são os elementos que você precisa ter para construir uma cena.

Na seguinte passagem, que é parte de uma investigação sobre um crime real, duas testemunhas do crime alertam o seu superior. Note como os detalhes são usados para dar autoridade às suas acusações por meio da autenticação de um documento-chave:

“Eles entraram no escritório do seu chefe, Hubert Landais, e entregaram a ele o catálogo da Christie. A empresa estava vendendo uma pintura contra-bandeada de Murillo, eles disseram... Landais perguntou: ‘Você tem alguma prova de que a pintura esteve na França recentemente?’ Laclotte abriu o seu fichário e retirou uma folha de papel, datilografada por uma máquina desgastada. Era um relatório sobre a imagem de Murillo, compilado no próprio laboratório do Louvre, e assinado pela antiga Curadora-Chefe do laboratório, Magdeleine Hours, datada de 17 de abril de 1975”.

Se você não tiver materiais detalhados para construir cada cena, ou se as cenas não se seguirem naturalmente umas às outras, então você ainda não está pronto(a) para escrever. No primeiro caso, você precisa investigar mais, e no segundo você ainda precisa alcançar uma compreensão melhor da sua história.

3. A história > os fatos.

O clássico erro de composição dos investigadores é o erro de nos abarrotar com fatos. Esse erro acontece ou porque o(a) repórter não é capaz de gerenciar a grande quantidade de materiais que acumulou, ou porque ele ou ela deseja impressionar o expectador com tudo aquilo que foi capaz de descobrir. Existem duas técnicas principais para resolver essa questão.

• **Pense nos fatos como detalhes,**

e não somente como informações. Tendemos a pensar que não conseguimos ter informações suficientes. Porém, podemos facilmente ter detalhes demais. Os detalhes precisam adicionar à cor e ao significado essencial da sua história. Portanto, apresente apenas os detalhes que chamem a atenção (“*a casa estava em chamas*”), ou que proporcionem um profundo aumento de compreensão. Por exemplo, a maneira como o escritório de um representante oficial está decorado, os objetos com os quais ele ou ela está cercado(a), podem rapidamente mostrar aos expectadores aquilo que essa pessoa considera importante. Nosso colega Nils Hanson chama esses detalhes de “nuggets” – pepitas reluzentes de metal precioso que brilham em meio ao fluxo da história.

• **Para cada fato novo, mude a cena.**

Isso significa que uma nova fonte, ou um novo lugar, ou um novo tempo pode ser mostrado. Esses elementos se tornam veículos para os fatos.

E lembre-se:

Os fatos não contam a história.

É a história que conta os fatos.

Se a história ficar atolada sob o peso dos fatos, o(a) repórter fracassará. Não faça uso de um fato que não ilumine o significado da sua história, não importa o quão interessante ele possa parecer para você em outros sentidos.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Técnicas específicas de composição

1. O parágrafo central, ou o que fazer com a sua hipótese.

Em algum ponto próximo ao ápice da sua história, você precisará compor um parágrafo que expresse a essência, o núcleo ou o cerne da sua história (e, por extensão, por que a estamos vendo). Se você foi capaz de definir e verificar uma hipótese, na maioria das vezes ela servirá como o seu cerne. Se você não tiver esse parágrafo, os expectadores podem não entender aonde você os está conduzindo, e por que.

Aqui está um exemplo de parágrafo central de uma história premiada:

“Em 1992, um governo socialista buscou desencorajar os políticos de ocupar diversos postos ao mesmo tempo – um jeitinho francês peculiar em cima da democracia eleitoral – ao reforçar ao máximo os seus salários. Mas eles se esqueceram de definir o que aconteceria com os excedentes de receitas que os políticos não eram capazes de coletar. Nossa investigação mostra que na década seguinte, \$45 milhões foram silenciosamente transferidos do Estado para os bolsos de políticos tanto da esquerda quanto da direita”.

Mantenha o parágrafo central restrito a algumas frases curtas. Se você não puder dizer do que se trata a história nessas poucas frases, então você mesmo(a) ainda não a está entendendo.

2. A face da injustiça: personificação.

Uma das técnicas mais antigas na literatura é a de personificar uma situação por meio de um personagem específico. Essa técnica é provavelmente utilizada de modo excessivo no jornalismo, mas ela permanece válida, tanto para os expectadores quanto para os repórteres que estão procurando encontrar uma fundação emocional para a história. Mostrar uma vítima ao expectador pode

ser uma poderosa maneira de se chegar rapidamente ao sentido de uma história.

Uma variação dessa técnica é abrir uma passagem para uma história com a descrição de um lugar. A técnica é cinemática: vamos nos movendo em meio ao lugar da ambientação até alcançarmos o núcleo da ação. A técnica não funciona a não ser que o ambiente tenha características próprias, e a não ser que você diga o significado dos diferentes elementos que caracterizam esse ambiente.

Se você usar a personificação, certifique-se dos seguintes pontos:

- O seu exemplo realmente se encaixa na história. Não nos mostre um caso dramático para dizer em seguida que a história trata de alguma outra situação.
- Use cada exemplo uma só vez, e use-o bem. Não fique retornando repetidas vezes ao mesmo caso, a não ser que a sua história trate desse caso específico.

Considere o seguinte exemplo premiado no qual uma mãe nos conta aquilo que sua filha viveu, para que possamos ver a tragédia por trás dela – uma lei que nunca deveria ter sido escrita.

“Em momentos, Carol Castellano se perguntou se sua filha não estaria melhor se estivesse morta.

‘Nascida em 1984 após apenas 23 semanas no útero, Serena Castellano é uma das mais de 250 mil crianças com deficiência que devem suas vidas a uma lei: a Legislação Baby Doe de 1982-84, que tornou um crime que os médicos façam menos do que o máximo para manter vivas até mesmo as crianças nascidas prematuras com a menor probabilidade de resistir. Mas o mesmo governo que agarrou esses bebês e não permitiu que a morte os levasse, também os deixou incapacitados – e em seguida os abandonou, juntamente com suas famílias.

Assim como muitos outros nessa população quase imperceptível e não noticiada, Serena Castellano não teria sobrevivido na sala de parto alguns anos antes. Serena nasceu cega, com lesões cerebrais que a impediram de falar ou mastigar, e com anormalidades pulmonares e abdominais que

demandaram seis cirurgias em seus primeiros oito meses de vida – todas elas sem anestesia.

‘Se eu soubesse de algum modo o que os bebês [extremamente prematuros] enfrentavam, eu não iria querer que o meu bebê passasse por isso’, disse Carol Castellano, presidente e cofundadora da [instituição] Pais de Crianças Cegas de Nova Jérsei. ‘Eu adoro a minha filha. Eu nunca quis que ela não estivesse comigo. Mas se eu tivesse um parto prematuro, eu não iria para um hospital. Eu ficaria em casa e deixaria a natureza seguir o seu curso.’”

Note os seguintes elementos nessa passagem:

- A imagem de Carol Castellano ponderando sobre o destino de sua filha leva aos expectadores uma pergunta: por que alguma mãe iria querer que sua criança não estivesse viva?
- Isso nos permite chegar diretamente ao parágrafo central e dizer ao expectador por que estamos contando essa história.
- No terceiro parágrafo, mostramos alguns detalhes realmente horríveis. Tenha cuidado: os expectadores não são capazes de absorver dor em excesso. Assim, quando cortamos para Carol Castellano, dizendo-nos calmamente aquilo que aprendeu, damos aos expectadores o benefício da sabedoria que ela alcançou a duras penas, mas também damos a eles um alívio em relação a terem que contemplar uma criança que sofreu terrivelmente.

3. Cuidado para não colocar a si mesmo(a) na frente da vítima.

Ao escrever sobre as vítimas ou ao filmá-las, os repórteres podem terminar, de maneira figurada, ou literalmente, entrando na frente delas, forçando o(a) leitor(a) a assistir à sua própria indignação ou tristeza, ao invés de assistir à dor da vítima. É fácil cometer esse erro. Em uma investigação sobre abortos na França, alguns de meus estudantes me mostraram uma mulher cujo aborto foi um pesadelo, e então insistiram: “Ela e seu marido estavam prestes a viver uma experiência traumatizante... O estado de choque deu lugar à incompreensão para o jovem casal”.

Você percebe como a interpretação do repórter está repentinamente mais presente do que o sofrimento da vítima? Inconscientemente, o repórter está evitando uma visão de dor. Mas o(a) expectador(a) verá um repórter que se considera mais importante do que a própria vítima. Se alguém na sua história está sofrendo, mostre não a si próprio(a), e sim a pessoa.

Se você der um passo à frente, fique ao lado das vítimas. Um papel clássico das investigações é defender aqueles que não podem se defender por si mesmos. Esse era o papel de Zola em *J'accuse!*, de Norbert Zongo em Burquina Faso, e de tantos outros que poderiam ser mencionados. Se você desempenhar esse papel, é justificável que mostre o seu caráter e a sua presença. Mas tenha cuidado. Há pouca glória em construir sua própria reputação se você não auxiliar em salvar a da vítima.

4. Permita que as fontes falem.

No jornalismo, uma quantidade imensa de tempo é perdida com a tentativa de dizer algo que uma fonte já pôde dizer perfeitamente bem. Isso é lamentável, porque as pessoas que viveram a história são aquelas que podem contá-la melhor, ou seja, com mais expressão e paixão. Por que tentar escrever uma frase perfeita quando essas pessoas já fizeram isso por você?

O melhor método é costurar as declarações das fontes em seus próprios textos, como se você as tivesse escrito, permitindo que elas avancem a sua história. No exemplo a seguir, permitimos que o porta-voz de um hospital expressasse a ruína e o horror da lei Baby Doe a partir do seu conhecimento pessoal:

“No ano passado, os médicos do Cedars Sinai Hospital em Los Angeles salvaram um recém-nascido que pesava somente 370 gramas. Após seis meses e \$1 milhão em contas hospitalares, o bebê foi liberado. Ele morreu em duas semanas. ‘A família teve sorte, pois tinha um seguro de indenização’, disse Charlie Lahaie, em nome do Cedars Sinai. ‘Você pode imaginar pagar uma conta de \$1 milhão e o seu bebê nem mesmo sobreviver?’”

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história. Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história. Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta. Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Descobrimos uma questão. Criamos uma hipótese para verificar. Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese. Buscamos fontes humanas. Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história. Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta. Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Na passagem a seguir, reproduzimos uma longa citação de um representante da Frente Nacional, coletada com um gravador de áudio que usávamos como ferramenta de reportagem (não gostamos de gravações em geral, pois transcrevê-las é um processo lento. Mas nesse caso, fizemos uma exceção, pois a FN adora processar os outros por difamação, e uma gravação é uma evidência de que as citações foram precisas). O valor informacional da passagem é praticamente nulo; o indivíduo está falando sem fazer sentido. Mas a mentalidade desse homem importa, e não seria possível captá-la sem apresentar a passagem inteira. Quando o livro foi publicado, esse foi o primeiro excerto mencionado por uma revista.

“Existem, neste governo e pelos seus becós, pessoas que deveriam estar na prisão por pedofilia. Você está me ouvindo? Está me ouvindo? Pode dizer que foi Roger Holeindre que disse isso! Você pode dizer o horário! Faltam quinze para as cinco, creio eu! VOCÊ ESTÁ ME OUVINDO? Bem, eu estava dizendo a outra noite, ‘Deveríamos enforçar toda essa escória’, e uma senhora no recinto disse, ‘Ah, Sr. Holeindre, isso não é legal, por que você quer enforcá-los? E eu respondi: ‘Sim, madame, você sabe o que é pedofilia?’ ‘Ah, não, eu não sei’. ‘Bem, são homens que se aproveitam dos seus cargos... PARA ESTUPRAR CRIANCINHAS DE TRÊS, QUATRO OU CINCO ANOS DE IDADE!’; ‘Oh, então precisamos enforca-los!’, ‘Isso mesmo, madame!’”

Lembre-se disto: As pessoas não estão ouvindo apenas você para conhecerem os fatos. Elas querem saber o personagem, o tom, a cor das fontes que você apresentará a elas. Os diálogos são o melhor de todos os veículos para comunicar esses elementos. Edite-os por questões de duração e impacto, mas use-os tanto quanto você precisar.

5. Edição básica.

No jornalismo, a edição é a arte de tornar uma história melhor do que ela já era. No mínimo, um bom editor externo deve estar em condições de sugerir materiais que enriqueçam a sua história, e, com uma boa medida de tato, sugerir maneiras pelas quais a redação pode ser aprimorada. Mas antes que qualquer outra pessoa se envolva, a edição precisa ser um processo contínuo. Tenha o hábito de esculpir o seu texto a cada vez que você o abrir, aprimorando termos e frases.

Certifique-se de salvar a versão mais recente com um nome diferente para o arquivo (por exemplo, incluindo a data ou o número da versão), para que você não fique perdendo os materiais ou trocando-os de lugar.

a. Os três critérios de edição.

A edição precisa servir para tornar o seu trabalho mais límpido e melhorar o seu ritmo. Esses critérios lhe auxiliam a ver as qualidades a seguir – a história editada precisa atender a três critérios básicos:

- Ela está coerente?

Ou seja, todos os detalhes estão se encaixando bem? Foi possível resolver todas as contradições surgidas em meio às evidências?

- Ela está completa?

Todas as perguntas levantadas pela história foram respondidas? As fontes de cada fato citado são apropriadas?

- Ela tem fluidez?

Se a história diminuir o seu ritmo ou tornar-se repetitiva, você perderá o(a) expectador(a).

A melhor maneira de ver se todos esses critérios foram atendidos é examinar a história em busca de momentos de incompreensão, quando o(a) expectador(a) poderia se perguntar sobre o que mesmo você quer dizer. As causas mais comuns para a existência de neblinas, e as maneiras de se sanar rapidamente a situação, são as seguintes:

- A passagem está escrita a partir de uma perspectiva interna, usando um jargão técnico ou burocrático.

Ela precisa ser mais básica, menos especializada.

- As frases estão longas demais.

Corte as frases em pedaços menores. Mas tenha cuidado: ter uma quantidade grande demais de frases é algo que produz o mesmo efeito de deixar a leitura mais lenta, assim como as frases longas demais.

- Os parágrafos são longos demais.

Quando uma pessoa, um lugar ou uma ideia muda, então o mesmo precisa acontecer com o parágrafo.

b. Uma boa história é como um trem.

Ela se move poderosamente rumo ao seu destino. Ela pode diminuir um pouco a velocidade ou pegar novos passageiros, ou permitir que você enfoque um trecho particularmente precioso do cenário, mas ela não deve parar. Então, ao escrever e editar a história, tenha um foco no seu ritmo. O(a) espectador(a) deve se sentir carregado(a) de uma passagem para a seguinte. Se isso não estiver ocorrendo, é porque a história não está dando certo. Não mude a estrutura inteira. Identifique as passagens nas quais existe um problema e corte ou adicione materiais para torná-las mais efetivas.

c. Reescreva somente quando necessário.

Se as técnicas mencionadas acima não garantirem uma história que seja completa e coerente, e que se mova em um ritmo forte, você precisará reescrever – não apenas mudando uma palavra ou duas, e sim reestruturando-a e redigindo-a novamente. Procure identificar as passagens que estão dando certo e evite mexer nelas. Ao invés disso, focalize os pontos onde algo está dando errado na história. Muito frequentemente, as passagens que não dão certo precisam ser mais compactas. Escolha os elementos mais fortes que você deseja comunicar e componha o texto ao redor deles, deixando o resto de lado.

d. Três maneiras de resolver 95% dos problemas de redação:

Corte, corte e corte.

O modo mais fácil e, normalmente, o melhor de editar uma passagem problemática é cortá-la. Se você tentar reescrever uma passagem mais de três vezes, provavelmente será uma perda de tempo continuar tentando, e você deve então seguir adiante. Existe uma passagem no romance de Hemingway, *Por Quem os Sinos Dobram*, que ele reescreveu mais de 60 vezes; e ela ainda não parece boa. Se Hemingway não foi capaz de fazer funcionar, você também não conseguirá. Então corte fora.

e. Permita que os obstáculos no texto lhe sirvam como um feedback.

Se não foi possível fazer com que uma passagem funcione, ou você não está entendendo aquilo que quer dizer, ou não vale a pena dizê-lo. Normalmente, é o segundo caso. Mas se for algo

importante demais para ser cortado, dedique o tempo necessário para refletir sobre o que você está realmente querendo dizer. Esse é o verdadeiro trabalho de redação, e é nesses momentos que a sua história se torna mais profunda e mais forte.

f. O quão longe você deve ir?

Trinta anos atrás, era comum as revistas nos EUA publicarem histórias de até 7000 palavras. Hoje, as revistas e os jornais raramente publicam histórias, ou até mesmo investigações, com mais de 2500 palavras. Da mesma forma, o mercado de investigações em vídeo ou em filme agora requer formatos mais curtos.

Uma solução para essa situação é aceitar as limitações de espaço com as quais você se depara, em nome da oportunidade de publicar a história – ou, às vezes, porque a versão condensada ou editada tem mais impacto do que a original, e é melhor de ser lida ou vista (a maioria das mídias contém muitas gordurinhas). Uma segunda solução é propor alternativas a ter simplesmente que cortar.

Existem diversas estratégias de publicação na história do jornalismo, que podem aumentar o impacto de uma história longa, bem como os benefícios para o público e para o meio de comunicação:

• Serialização:

Redija ou edite-a como uma série.

Ao invés de uma história longa, escreva diversas histórias mais curtas. Será mais fácil de publicar para os meios de comunicação. O resultado também será mais fácil e mais poderoso de se promover, pois cada trecho da série chamará a atenção para os outros. O meio de comunicação também poderá republicar a série como um conjunto.

• Alavancagem:

Difunda a história em diferentes meios de comunicação.

Um jornal pode ter espaço para apenas uma versão curta da história. Mas um sítio na internet pode ter condições de aceitar uma versão mais longa. Certifique-se de manter os direitos das diferentes versões da sua história, e de distribuí-la tão amplamente quanto possível em diferentes meios de comunicação.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir. Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história. Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta. Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

• **Estratégia de Marca:**
Estabeleça uma proeminência por meio de contribuições regulares.

De quanto espaço você realmente precisa? Muitas e muitas histórias investigativas são reescritas demais, e são longas demais. Com muita frequência, elas contêm material para mais de uma história, sobre diferentes aspectos da hipótese inicial. Ao invés de publicar uma única história de grande sucesso, considere publicar histórias relacionadas regularmente – em intervalos mais longos do que no caso de uma série, mas não tão longos que o público se esqueça da questão e da sua especialidade. Esse é um modo de construir a sua marca pessoal como jornalista, e de construir a marca do meio de comunicação.

6. A tentação do término da história.

A arte narrativa requer um desfecho satisfatório para uma história – mas infelizmente, os jornalistas não têm o direito de inventar esse desfecho. Ao invés dele, devemos compor uma finalização. A diferença é significativa. Um desfecho resolve todos os mistérios de uma narrativa. Uma finalização simplesmente demarca o ponto a partir do qual a história deixa de prosseguir.

Por um lado, você deve ter o cuidado de resistir à tentação de dar à sua história uma resolução final quando ela não tiver uma. Por outro, você deve sugerir o que tal resolução poderia parecer. Ela não precisa ser longa demais. A brilhante exposição da colônia penal francesa da Guiana por Albert Londres terminou com as palavras: “Eu terminei. O governo deve começar”.

Permita que o(a) leitor(a) saiba se alguém tem uma ideia sobre o que deve ser feito. Você pode expor suas próprias ideias, pois se você realizou a investigação apropriadamente, então agora você é um dos especialistas que existem sobre a questão. Você pode evocar as pessoas que conseguiram resolver problemas semelhantes e apontar para aquelas que têm a responsabilidade de resolvê-los agora. Um truque que funciona com frequência é permitir que uma fonte, ou alguém que tenha vivenciado a história, fique com a palavra final.

Outro truque é conscientemente coletar momentos que possam servir como finalizações, enquanto você estiver pesquisando a história. Aqui está um exemplo premiado, que aproveitamos

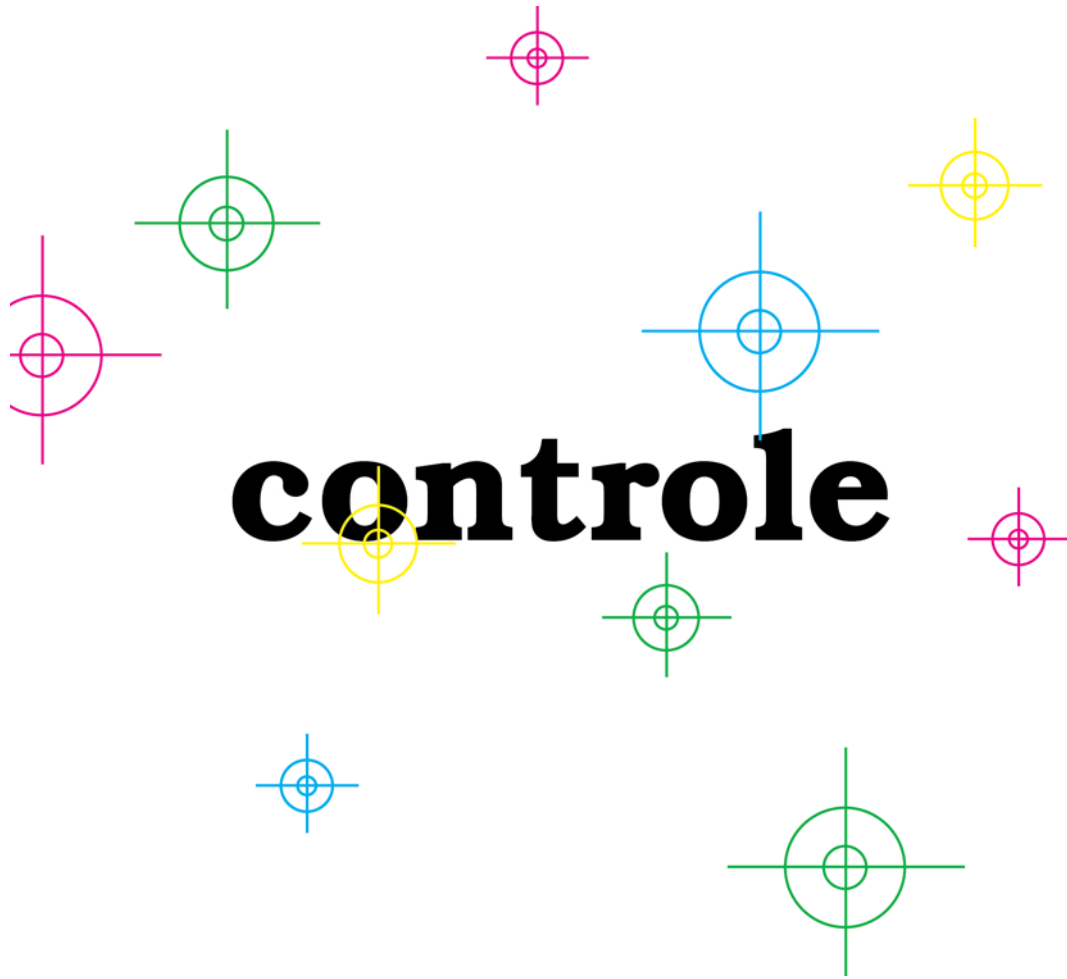
enquanto estávamos investigando o escândalo do sangue contaminado na França. Ele é composto pela declaração de uma fonte combinada com uma descrição do lugar onde o episódio aconteceu, um pensamento irônico e brutal que nos ocorreu enquanto redigíamos as anotações (“as vítimas costumavam ter seus próprios filhos”) e um juízo de indignação para terminar:

“Os médicos deveriam ser melhores do que o resto de nós? Por que culpar este em específico, por exemplo? Perguntado durante o julgamento sobre por que ele não tinha simplesmente renunciado e denunciado o que estava ocorrendo, ele disse, ‘Eu tenho filhos para sustentar’. Atrás dele, havia um tribunal cheio de pessoas que antes tinham seus próprios filhos. E os seus filhos agora estão mortos, porque homens como esse – e outros, cujos nomes talvez nunca saibamos – as traíram”.

Seja você mesmo falando, ou então alguma outra pessoa falando por você, certifique-se de que a palavra final é uma palavra verdadeira. Muitas investigações são sabotadas pelos seus próprios autores nas linhas finais, ou porque o(a) autor(a) não quer ouvir aquilo que a história está dizendo, ou porque está inconscientemente com medo de dizê-lo. Repetimos aqui os dois casos mais comuns: a sabotagem pode ser feita pelo(a) autor(a) dizendo algo do tipo, “Bem, no final das contas, talvez o nosso alvo não seja uma pessoa tão ruim assim”. Isso é o seu medo falando; você quer que o alvo lhe perdoe (como disse o grande psicanalista Erich Fromm, algumas pessoas admiravam Hitler porque é muito menos humilhante admirar esse tipo de pessoa do que admitir que ela lhe seja aterrorizante). Ou a sua autodúvida pode falar quando você citar uma Pessoa Muito Sábia e Respeitada que diz, “A vida é cheia de problemas, mas nós, pessoas de boa vontade e alto nível social, estamos resolvendo-os todos para você”. Infelizmente, você acabou de escrever toda uma história que fala de uma realidade diferente.

Aceite a verdade daquilo que você encontrou. É mais difícil do que você imagina, e é isso que faz a grandeza do seu trabalho. Se o seu trabalho tiver lhe dado o direito de expressar um juízo ao final, então faça-o. Mantenha-o bem ponderado, mantenha-o justo, mantenha-o dentro dos limites do que você sabe ser absolutamente verdadeiro. Mas também não negue que o que você conseguiu provar é verdadeiro.

Descobrimos uma questão.
 Criamos uma hipótese para verificar.
 Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
 Buscamos fontes humanas.
 À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.
 Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
 Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
 Publicamos, promovemos e defendemos a história..



Controle de Qualidade: Técnicas e Ética

POR NILS HANSON, MARK LEE HUNTER E PIA THORSEN

O processo até aqui:

Descobrimos uma questão.

Criamos uma hipótese para verificar.

Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.

Buscamos fontes humanas.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.

Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.

Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.

Você já pesquisou, organizou e redigiu a história.

Bravo! E agora vamos nos certificar de que ela está bem feita antes de chegar até o domínio público. Isso envolve um controle de qualidade, ou nos termos técnicos, “uma verificação de fatos”.

O que é a verificação dos fatos?

Ao redor do mundo, as principais equipes investigativas incluem alguém – um(a) editor(a), ou até mesmo um(a) verificador(a) de fatos em tempo integral – cujo trabalho é guiar o processo de garantir que uma investigação tenha sido perfeitamente executada e composta. Existem quatro componentes principais envolvidos:

- O primeiro é certificar-se de que você está, de fato, contando uma história verdadeira – não apenas uma história na qual cada fato é verdadeiro, e sim uma história na qual os fatos se somam para compor uma verdade mais ampla. Se uma explicação alternativa faz mais sentido do que a sua própria explicação, então há algo de errado.
- Em seguida, certifique-se de que você sabe a fonte ou as fontes para cada afirmação factual na sua história.
- No processo de verificar as suas fontes, identifique e corrija erros nos fatos assim como estão afirmados.
- Ao mesmo tempo, remova o ruído emotivo da sua história – pontadas de insultos, agressões ou hostilidades que terminaram entrando na sua narrativa em momentos nos quais você se depa-rou com cansaço, frustração ou medo.

Repetindo: A sua história precisa ser correta; você precisa cortar ou modificar os fatos que não estão certos, e você deve garantir que o tom da sua história está justificado.

Nossa amiga Ariel Hart, uma grande verificadora de fatos da Columbia Journalism Review, disse o seguinte: “*Eu nunca conferi uma história*”

que não tivesse erros, seja uma história de cinco páginas ou uma de dois parágrafos”. Ela também afirmou:

“Para ser justa, alguns dos ‘erros’ que eu encontro são mais uma questão de interpretação, e os autores normalmente aceitam modificá-los. Porém, quase todos os artigos contêm erros em relação à objetividade dos fatos: um ano levemente modificado; dados antigos; erros de ortografia; informações amplamente disseminadas, retiradas de fontes secundárias, que estavam erradas. E, claro, ‘fatos’ puxados a partir dos arquivos mentais do(a) autor(a). Frequentemente, surgem erros quando o(a) autor(a) diz, ‘Não é preciso verificar isso, eu já sei que está certo’.”

Você cometerá erros. Todo mundo comete. Às vezes, eles estão na maneira como a pessoa diz algo, e às vezes estão no conteúdo daquilo que está sendo dito. De um jeito ou de outro, isso é um problema. Pessoas espertas corrigem esses problemas, enquanto amadores ficam esperando que ninguém os perceba. Infelizmente, alguém sempre os percebe, e normalmente esse alguém não é seu amigo. Se você não estiver disposto(a) a reconhecer e corrigir os seus erros, e a fazer isso com tranquilidade, ou você terá que mudar a sua atitude, ou terá que mudar de profissão.

É altamente possível que ninguém no seu trabalho já tenha verificado uma história antes, e que ninguém tenha verificado os fatos de uma das suas histórias em específico. Portanto, aqui está uma descrição de como isso funciona:

- Será preciso que pelo menos duas pessoas – o(a) autor(a) e a pessoa que fará uma verificação da história. Cada uma trabalha com uma cópia da história.
- Veja a história inteira para ter uma visão geral. Ela está enviesada ou é justa? Ficou a impressão de que há algo faltando? Quem, ou o que, poderia estar em condições de apresentar uma imagem diferente?
- Em seguida, repasse a história fato por fato, linha por linha. O(a) verificador(a) – um(a) editor(a), um(a) colega, um(a) advogado(a), ou simplesmente um(a) amigo(a) competente – pergunta a cada fato: “Como você sabe isso?”
- O(a) autor(a) menciona a fonte. Se a fonte for um documento, ambas as partes examinam o documento para garantir que a citação está acurada. Se a fonte for uma entrevista, verifiquem

então as anotações da entrevista, ou escutem as gravações ou fitas.

- Se não houver uma fonte, então o(a) autor(a) precisa encontrar uma. Se não for possível encontrar uma fonte, então a passagem precisa ser cortada.
- Uma tarefa específica do(a) verificador(a) de fatos é desafiar a interpretação do(a) autor(a) sobre os motivos, metas ou pensamentos do seu alvo. Em geral, esse material precisa ser cortado. Porém, se houver documentação que prove a sua realidade – por exemplo, cartas ou diários que documentem o estado mental de um indivíduo em um dado momento –, então ele pode ser incluído.

Como você pode ver, esse processo não é complicado. Ele pode parecer um pouco entediante, da maneira como foi descrito. Mas acredite em nós, ele não é nem um pouco entediante, porque à medida que o processo transcorre, a história se torna cada vez mais real, e o seu impacto se torna algo palpável. Passar por esse processo também é algo bem menos entediante do que tentar se defender em um tribunal, ou em qualquer outro lugar, contra uma acusação de que você na verdade não sabia o que estava falando.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir. Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história. Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta. Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
77

Verifique sua conduta ética

Não use o poder do insulto indevidamente.

A retirada de trechos com hostilidade ou agressão gratuita da sua história deveria ser um ato de senso comum: a atitude de deixar esse tipo de ruído na história aumenta os seus riscos legais e pode enfiar ou humilhar o seu alvo a ponto de ele(a) reagir de modo violento. É claro, os jornalistas frequentemente ridicularizam ou insultam os seus alvos. Uma coisa é fazer isso em um editorial; afinal de contas, um editorial é uma opinião, e todo mundo tem uma opinião. Mas o efeito se torna muito mais brutal quando está associado a revelações investigativas.

Os repórteres precisam ser extremamente cuidadosos para não usarem o seu poder indevidamente. Se uma investigação levar a acusações substanciais contra uma pessoa, geralmente não é necessário adicionar insultos pessoais à receita.

Na maioria dos casos que já vimos, os repórteres se tornam injuriosos quando estão cansados ou amedrontados. A fadiga leva à síndrome de atacar ou fugir, associada à fisiologia do stress; da mesma forma, ocorre a agressão, real ou imaginada, por parte do alvo ou do(a) jornalista. Não seja ingênuo(a) em relação à possibilidade disso acontecer com você: isso pode acontecer, e acontecerá. Então esteja alerta para esse perigo. Certifique-se de que tudo o que você está colocando na sua história é resultado de escolhas conscientes.

Dê ao alvo o direito de resposta.

Nunca, nunca, nunca ataque alguém em uma história sem oferecer a essa pessoa uma oportunidade de responder às suas evidências. É possível que ela lhe ofereça uma explicação absurda. Cite isso. Talvez ela se recuse a fazer comentários. Diga aos expectadores que ela preferiu não responder, sem sugerir que isso é algo culpável. Ninguém é obrigado a falar com jornalistas, e

recusar-se a fazê-lo não é um sinal de culpa (por outro lado, não suponha que porque alguém quer falar com você, essa pessoa é fundamentalmente honesta e boa).

Exortamos fortemente que você contate fontes ou alvos hostis, desde cedo e com frequência em uma investigação, a não ser que você tenha um motivo (mais além do seu medo) para pensar que você correria perigo como resultado disso. O motivo mais importante para essa estratégia é que com frequência, quando um alvo explica o seu ponto de vista, de repente, uma hipótese poderá parecer completamente errada. Isso já aconteceu conosco, e às vezes semanas ou até mesmo meses de trabalho terminaram sendo desperdiçados.

Um procedimento para respeitar as suas fontes.

Na emissora SVT, na Suécia, o chefe da unidade investigativa Nils Hanson requer que os seus repórteres usem o seguinte procedimento para garantir que as críticas são justificadas:

- Primeiramente, revise a história e marque toda e qualquer crítica sobre uma pessoa, organização ou companhia.
- A parte criticada já foi informada da crítica como um todo? Caso não tenha sido, informe-a, a não ser que você tenha um motivo muito poderoso para não fazê-lo (por exemplo, você iria ser preso ou assassinado).
- A parte criticada já respondeu à crítica como um todo? Caso não tenha respondido, algo está errado. Esse material deveria ter sido coletado antes.
- O(a) repórter já documentou os seus esforços em obter uma resposta/réplica? Novamente, colete esse material à medida que você for trabalhando.
- A parte criticada já recebeu uma quantidade razoável de tempo para responder? Quanto mais complicada for a sua questão, mais tempo a outra parte tem direito de receber.
- A pessoa que está respondendo à crítica é a pessoa certa? Você se surpreenderia ao saber o quanto frequentemente um(a) repórter se dedica a conversar com um(a) secretário(a) ou zelador(a) que terminou atendendo ao telefone, mas não tem a mínima noção sobre a questão perguntada.
- A parte criticada já recebeu a oportunidade de apresentar sua melhor resposta? Caso não tenha

recebido, então você está atropelando os seus direitos; e, tão importante quanto isso, você pode estar deixando passar uma parte importante da história.

- Nós recebemos alguma demanda razoável da parte entrevistada pedindo para ser informada antecipadamente sobre como a sua declaração será reproduzida? É razoável que uma fonte peça para ser informada sobre quaisquer citações a serem usadas na história, e que ela tenha a permissão de corrigi-las para torná-las mais precisas (mas não para remover um reconhecimento ou uma informação). Não é razoável que uma fonte peça para ver a história como um todo. Nunca dê esse direito a uma fonte, exceto no caso bastante raro em que a história em si está centrada nessa fonte, e a questão é tão complexa do ponto de vista técnico que a fonte está legitimamente preocupada, pensando que você cometerá erros sem o seu envolvimento direto (isso se aplica, por exemplo, a certas questões científicas).

Um procedimento para fontes perigosas.

Drew Sullivan, que já realizou um trabalho extraordinário cobrindo o crime organizado no Leste Europeu, compilou uma lista de procedimentos a serem seguidos ao se comunicar com chefes de quadrilhas. Esses procedimentos são igualmente válidos em caso de contato com fontes hostis em qualquer investigação:

- Fale pelo telefone ou encontre-se em um lugar público;
- Não dê informações pessoais (como o nome ou a profissão de sua namorada, sua cidade natal, etc.);
- Seja profissional. Não entre em clima pessoal, de amizade, fofura, flerte ou macheza. Também não demonstre medo;
- Certifique-se de dar à outra parte os meios de contatá-lo(a) para comentários após a publicação do seu texto (mas nunca, jamais, dê o seu endereço pessoal!);
- Tenha uma pessoa de apoio. Leve um segundo repórter para observar a reunião, e tenha números para os quais você possa ligar por meio de um sinal caso haja problemas.

De todas as dicas acima, a mais importante, a nosso ver, é não demonstrar medo. O medo indica aos outros atores que você não tem certeza do que está fazendo, ou que lhe falta confiança em

si mesmo(a). O medo também é um sinal de que você é perigoso(a), pois os animais e as pessoas, quando amedrontados, tornam-se imprevisíveis: podem tão facilmente atacar quanto fugir.

É claro, o medo é algo natural quando se está na presença de criaturas perigosas. Iremos dizer mais uma vez: uma maneira de lidar com ele é considerar a sensação como um fenômeno que você pode anotar para análise futura. Isso dá objetividade à sua emoção e permite que você alcance certo distanciamento em relação a ela.

A abordagem transparente.

Uma abordagem semelhante à de Sullivan, e até mesmo mais transparente e pró-ativa, foi sugerida por Deborah Nelson, vencedora do Prêmio Pulitzer. A cada etapa de suas investigações, ela esclarece a cada novo ator na história o que ela está fazendo e encontrando, e pede comentários sobre cada descoberta em troca disso. Ela usou essa abordagem para contar a história de um policial que havia deixado um rastro de destruição ao longo de sua carreira. Como ela o contatou para receber comentários a cada ponto, quando ela leu para ele o relatório final antes da publicação, ele disse, “Essa é uma boa história. É assim mesmo que eu me sinto”.

Alguns leitores deste manual farão a objeção de que é impossível lidar de uma maneira direta e honesta com autoridades ou outros alvos poderosos em seus países, para não falar de criminosos. “Como poderíamos ligar para confirmar citações antes da publicação? As fontes negarão que já tenham dito qualquer coisa! Ou elas suprimirão a história antes que ela seja publicada!” Você conhecerá melhor a situação no seu território do que nós.

Porém, em nossa experiência, os jornalistas têm mais influência sobre tais situações do que poderiam imaginar. Em particular, se você se comportar como alguém que tem o direito e o poder de trabalhar de modo transparente, muitas das suas fontes acreditarão nisso. Da mesma forma, se você se comportar como uma pessoa de coragem, os seus medos serão menos perceptíveis pelos outros.

Qualquer que seja a abordagem de sua escolha, certifique-se de estar confiante de que ela é a abordagem correta, após pensar sobre ela cuidadosamente. As suas fontes ficarão conscientes dessa sua confiança, ou da falta dela.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir. Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história. Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta. Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
79

O uso do arquivo mestre para verificar fatos

No capítulo 5, vimos como montar um arquivo mestre ou um conjunto de arquivos cobrindo diferentes aspectos da investigação pode auxiliar a organizar os seus dados e a rastrear o seu conteúdo. Esse trabalho está prestes a fazer de você uma pessoa bastante popular entre os advogados e os verificadores de fatos.

Se você montou o arquivo mestre apropriadamente, deve então ter uma fonte nele para cada fato na sua história. Você não precisa incluir todas as suas fontes na história. Porém, você pode, e em casos mais sensíveis deve, deixar a sua documentação sobre as fontes organizada de uma maneira que facilite a verificação.

Se tiver feito isso de maneira apropriada, o arquivo mestre lhe dirá onde estão os materiais, porque você terá anotado a fonte para cada fato no arquivo. Faça uma nova cópia de cada documento que usar, e faça uma pilha com os documentos na ordem em que os tiver usado. Isso é essencial para o(a) verificador(a) de fatos, e também para você. Você encontrará os materiais mais rápido do que se tivesse procurado ao longo do arquivo mestre, porque sempre haverá documentos que não estarão citados na história.

Talvez você comece a rir ao saber disso, mas a maneira mais fácil que conhecemos de lidar com esse processo é preparando uma versão da história com rodapés, incluindo as fontes listadas nas notas de rodapé. É preciso dedicar uma boa quantidade de tempo para fazer isso, mas ao agir assim, todos sempre poupam tempo e angústias no final. Isso faz a redação de notas de rodapé valer a pena em histórias nas quais se espera que os alvos pressionem de volta.

Se você usar essa técnica, não fique apenas copiando e colando as descrições das fontes do seu arquivo mestre para as notas de rodapé. É

muito mais esperto dedicar um instante, cada vez que você citar uma fonte, para conferir o que você está escrevendo em relação a essa fonte. Certifique-se de que você não parafraseou, resumiu ou citou incorretamente. Isso acontece o tempo todo, e se alguém reclamar a respeito da história, esses pequenos erros podem fazer com que você seja visto(a) como uma pessoa descuidada.

Existem alguns truques que tornam a adição de notas de rodapé e a documentação menos trabalhosas. Se a fonte estiver em uma página da internet, você pode incluir o endereço de URL na nota de rodapé – é recomendável fazer o download das páginas de internet das quais você precisar como uma evidência documental antes da história ser publicada, porque é muito fácil modificar um sítio na internet, e se isso ocorrer, você pode perder a sua prova (o *International Herald Tribune* espertamente fez o download de todo um sítio dedicado ao alvo de uma investigação antes dela ser publicada; no dia em que a história foi veiculada, o sítio foi retirado do ar). Você também pode fazer o upload de documentos em uma página da internet e enviar o link para o(a) verificador(a) de fatos, ou então queimá-los em um CD.

Certifique-se de que todas as mídias eletrônicas que você utilizar estão armazenadas de forma segura. Um de nossos amigos estava montando uma grande história sobre uma empresa multinacional, e usando um sítio da internet como um centro de armazenamento de documentos. Um dos seus repórteres se juntou a outra organização, e então saquearam o sítio. Não deixe que isso aconteça com você.

Efeitos psicológicos previsíveis da verificação dos fatos

O processo de verificação de fatos afetará a todos os envolvidos, e a única pergunta é como. Os efeitos podem ser contraditórios, mas eles não se anularão por conta própria.

Em primeiro lugar, o trabalho de rever os seus dados para a verificação de suas afirmações irá reviver as emoções que você sentiu enquanto coletava os dados. Se você estava em um momento de raiva, medo ou depressão na época, você sentirá um eco desses sentimentos. De maneira ainda mais surpreendente, você poderá sentir pena dos alvos da sua investigação; normalmente, o que está por trás desse sentimento em particular é o medo.

É sábio fazer anotações a respeito desses sentimentos. Assim como durante o processo de reportamento, a transcrição de emoções as transformará em um material que você pode manipular e controlar. Às vezes, o que você escreve em momentos desse tipo pode ser usado na história. Você quase com certeza sentirá ou será levado(a) a sentir, em algum ponto do processo, que você não compreendeu algo bem. Essa ansiedade instintiva pode ser devida a diversas causas, e nem todas elas são válidas.

É de fato possível que você tenha cometido algum erro importante; a melhor solução aqui é verificar o seu trabalho nesse ponto uma vez mais. Porém, também é possível que você tenha de fato descoberto a verdade, mas você a vê como algo tão desagradável, ou então as suas implicações são tão amedrontadoras, que você preferiria não acreditar nela (quando Anne-Marie Casteret descobriu que altos funcionários do Estado francês estavam vendendo produtos para o sangue contaminados com o HIV, ela chegou a se perguntar por um momento se teria perdido a sanidade).

Novamente, a melhor solução é dar uma nova revisada nos seus dados. Se os dados mostrarem que o mundo é um lugar mais triste e feio do que você pensava ser possível, você pode sentir algum conforto com o fato de que a sua história tem o potencial de mudá-lo.

Se você cometeu algum erro, reconheça-o tão logo quanto possível – idealmente, quando você tiver entendido por que o erro ocorreu. Esse conhecimento pode lhe auxiliar a encontrar outros erros.

Observe, por favor: muitos erros ocorrem porque a mente naturalmente procurará preencher buracos da história com especulações (uma das técnicas centrais de Colombo é convidar suspeitos a fazer precisamente isso). É bem possível que a sua mente pregou essa peça quando você estava compondo a sua investigação. Isso acontece quando você diz para si mesmo(a), “eu não sei exatamente o que ocorreu, mas deve ter sido algo desse tipo”. Normalmente, o que aconteceu de verdade é algo mais interessante. Ou você diz ao seu leitor que está especulando, ou então reconhece que você não sabe. Se você não souber algo, não pode haver erro em reconhecer isso, e você reforçará a autoridade daquilo que não sabe.

Por fim, o(a) autor(a) e o(a) verificador(a) ficarão irritados um(a) com o(a) outro(a). Ambos(as) estão realizando um trabalho sob forte pressão, envolvendo altos interesses, e normalmente isso não torna as pessoas mais simpáticas. Isso tem implicações sérias, e as suas causas e curas devem ser também levadas a sério.

O(a) autor(a) poderia sentir que cada desafio enfrentado pelos seus fatos e interpretações é uma traição. Em outro nível, o(a) autor(a) pode ter a impressão mais ou menos consciente de que o(a) seu primeiro(a) leitor(a), ou seja, o(a) responsável pela verificação dos fatos, ou não pode ou se recusa a acreditar na história. Ou então, o(a) autor(a) pode estar tão envolvido(a) com a história que cada fato está entalhado em sua própria carne. Essas emoções podem ser expostas e manifestadas diretamente. E o(a) verificador(a) pode achar que o(a) repórter fez um trabalho descuidado, ou foi muito movido(a) por suas próprias emoções, ou não está disposto(a) a aprimorar o seu trabalho.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Esse conflito é inevitável, mas seria muito pior se as partes não estivessem comprometidas com o objetivo de fazer com que a história dê o melhor de si. Se um dos dois, ou ambos, por motivos de ego, medo ou animosidade pessoal, não puderem confiar um no outro no cumprimento dessa meta, então os dois não deveriam estar trabalhando juntos.

Assim, é essencial que no início de um projeto investigativo, o(a) repórter saiba quem irá verificar os fatos da história, e como os dois conseguem trabalhar juntos. Não deixe essa relação para o último minuto. Se ela não der certo, o próprio projeto pode ser desperdiçado.

Descobrimos uma questão.

Criamos uma hipótese para verificar.

Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.

Buscamos fontes humanas.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.

Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.

Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.

Publicamos, promovemos e defendemos a história..

ao publicar

8

Publique!

POR MARK LEE HUNTER

O processo até aqui:

Descobrimos uma questão.

Criamos uma hipótese para verificar.

Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.

Buscamos fontes humanas.

À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.

Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.

Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.

Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Você já gastou uma quantidade considerável de tempo e energia definindo uma importante história e provando-a. Agora você está prestes a publicá-la da maneira que faça o maior estardalhaço possível.

Por quê? Para que algo que não deve continuar tenha um fim, ou possa mudar. No processo, você poderá ter que defender o seu trabalho em uma esfera de opinião pública (já discutimos sobre como se preparar para defender o seu trabalho nos tribunais). E seja defendendo-a ou não, você precisa promovê-la.

Por quê? Porque um(a) repórter agindo de modo isolado irá perder sempre. Na melhor das hipóteses, ele ou ela será ignorado(a) e permanecerá inefetivo(a). Na pior, ele ou ela será punido(a). Por outro lado, estudos como *The Journalism of Outrage*, o melhor trabalho que conhecemos sobre como a cobertura investigativa alcança resultados, sublinham a importância das coalizões e dos aliados para o sucesso dos projetos investigativos.

Além disso, uma investigação envolve um investimento maior de tempo, dinheiro e energia do que a cobertura convencional. Seria muito, muito insensato não dar os passos necessários para garantir um retorno ideal para esse investimento. No mínimo, um meio de comunicação deveria alcançar um prestígio e uma admiração maiores pelo seu trabalho investigativo, e uma visibilidade maior em meio ao seu público. Pode-se demonstrar que as mídias que oferecem conteúdos ricos de informações e independentes aos seus expectadores são mais lucrativos do que as mídias que não o fazem. Certifique-se de que os seus expectadores entendem o valor daquilo que estão vendo. Veja a seguir alguns passos mínimos a serem dados em termos de publicação, defesa e atividades promocionais.

Publicação

Certifique-se de que a sua história está editada de modo apropriado. Revisores sem experiência de trabalho com investigações podem destruir o impacto de uma história ao cortarem os fatos errados. Esteja preparado(a) para lutar por aquilo que é importante, e para fazer concessões naquilo que não é.

Certifique-se de que a história está apropriadamente ilustrada. A pobreza ou a ausência de gráficos ou fotos fará com que a história seja de difícil compreensão e menos atraente.

Certifique-se de que a história está anunciada apropriadamente pelas manchetes. Não permita que um(a) editor(a) redija uma manchete que não represente bem o seu trabalho, ou venda algo que não está na história.

Lute para obter o máximo de atenção e para que a sua história tenha a melhor colocação.

Defesa no espaço público

Notifique as principais fontes amistosas sobre a sua história quando ela estiver sendo veiculada e certifique-se de que elas receberão cópias ou links para mostrar aos seus amigos. Faça o mesmo em relação a parlamentares ou outras figuras políticas a quem a questão disser respeito.

Logo antes da publicação (o que quer dizer, não tão próximo que a sua história possa ser roubada), certifique-se de que os colegas na mídia ou ONGs receberão a história e os documentos centrais citados nela. Eles não teriam condições de obter esses documentos por si só em curto prazo, e ficariam assim relutantes em citar as suas constatações sem uma comprovação.

Combine de discutir a história em fóruns públicos (outras mídias, universidades, associações de cidadãos, etc.).

Anteça os contra-ataques dos seus adversários, com base em suas respostas oficiais até o momento (que eles provavelmente repetirão), e prepare novas histórias para demolir as suas defesas. Essa técnica foi utilizada por Anne-Marie Casteret no escândalo do sangue contaminado, alcançando grande sucesso.

Descobrimos uma questão.
Criamos uma hipótese para verificar.
Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese.
Buscamos fontes humanas.
À medida que coletamos os dados, nós os organizamos – para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir.
Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos a história.
Fazemos o controle de qualidade para confirmarmos que a história está correta.
Publicamos, promovemos e defendemos a história.

Promoção

Prepere um comunicado de imprensa sobre a história, fornecendo as suas principais constatações em poucas frases. Distribua-o amplamente quando a história for veiculada.

Considere lançar a história juntamente com uma mídia não competitiva, no exterior ou em outro setor da mídia (como a mídia impressa se você estiver no rádio, ou vice-versa).

Notifique os fóruns da internet e grupos relevantes de cidadania sobre a história logo após a publicação.

Palavras de encerramento

Independentemente de a sua história aparecer em um grande veículo de comunicação, ou em um pequeno, certifique-se de que ela será percebida pelas pessoas para quem ela é importante. Ainda que você não alcance qualquer outro resultado, você permitirá que elas sintam que alguém se importou com a história delas.

Dedique o tempo necessário para desfrutar as respostas ao seu trabalho. Ouça as críticas e utilize-as. Algumas pessoas lhe tratam como uma estrela, e tudo bem que isso aconteça, contanto que você continue aprendendo com as pessoas que não o fizeram.

Se você precisar trabalhar com algo diferente, faça-o. Talvez você queira mudar de territórios, ou de setores. Talvez você queira estudar algo que funcione, ao invés de algo que não funcione. Lembre-se de que a cada investigação, você se tornará mais forte.

Onde quer que você vá, leve os seus métodos com você, e você terá êxito. Sabemos disso pois já estivemos nesse lugar.

Seja bem vindo(a), e boa sorte!

Bibliografia selecionada

Se você se importa com a cobertura investigativa, continue estudando-a! Os recursos citados nesta página são apenas um início. Quase todos eles estão em inglês, que é a língua internacional da profissão. Dedique o tempo necessário para alcançar um conhecimento do idioma que lhe permita trabalhar nele, e para ver o que está acontecendo no campo.

Livros

LEONARD DOWNIE, JR.,
The New Muckrakers.
 New Republic Books, 1976.
Escrito logo após o caso Watergate por um ator fundamental do Washington Post. Este livro capta o espírito e os atores de um momento central.

BRANT HOUSTON,
Computer-assisted reporting: A Practical Guide.
 St. Martin's Press, 1996.
O melhor manual sobre o uso de dados em investigações.

BRANT HOUSTON, LEN BRUZZESE,
 STEVE WEINBERG
The Investigative Reporter's Handbook: A Guide to Documents, Databases and Techniques.
 Bedford/St. Martin's, 4th Edition (2002).
A mais recente edição do manual da Investigative Reporters and Editors, e o melhor guia de longa extensão, incluindo diversas técnicas avançadas.

MARK HUNTER,
Le Journalisme d'investigation en France et aux Etats-Unis. Presses universitaires de France, coll. Que sais-je?, 1997.

Este pequeno livro compara a evolução da cobertura investigativa em dois lugares bastante diferentes, e inclui análises detalhadas de diversas investigações que se tornaram marcos. Para os leitores de francês.

GAVIN MCFADYEN,
Investigative Journalism.
 2nd edition. T&F Books, 2009.
Um manual pelo fundador do London Centre for Investigative Journalism, um investigador de TV bastante experiente.

DAVID L. PROTESS, FAY LOMAX COOK, JACK C. DOPPELT, AND JAMES S. ETIEM A,
The Journalism of Outrage: Investigative Reporting and Agenda-Building in America.
 New York: The Guilford Press, 1991.
É possível que este seja o melhor estudo já escrito sobre como a cobertura investigativa alcança os seus resultados, e é útil mais além do ambiente dos EUA. Precisão acadêmica, insight jornalístico.

PAUL CRSTIAN RADU,
Follow the Money:
 A Digital Guide for Tracking Corruption.
 International Center for Journalists
 Romanian Centre for Investigative
 Journalism, 2008.
 Download gratuito:
<http://www.icfj.org/Resources/FollowtheMoney/tabid/1170/Default.aspx>.
Esse manual pioneiro ensina como encontrar informações sobre os negócios em diversos países, bem como técnicas de busca.

TOM WOLFE
The New Journalism.
 London: Pan, 1975.
A introdução a essa antologia clássica de grandes artigos diz muito sobre as relações com fontes nas investigações em profundidade; os artigos dizem muito sobre como as técnicas narrativas afetam o impacto alcançado. Não trata realmente de investigação, mas é importante para qualquer jornalista que se importa com a arte.

Sítios da Internet

<http://www.arij.net>
 Quando a Repórteres Árabes para o Jornalismo Investigativo, ARIJ, começou a existir com o auxílio da International Media Support, havia dúvidas se ela poderia realmente chegar a algum lugar. O trabalho realizado pelo seu sítio na internet prova que ela foi capaz de chegar. Hoje, ela é a maior organização para cobertura investigativa na sua região, e um ator global.

<http://www.cin.ba/Home.aspx>
 Sítio do Centro para Cobertura Investigativa na Bósnia-Herzegovina, criado por Drew Sullivan. O CIN, por sua vez, fundou o Programa de Cobertura sobre Crime e Corrupção, que se tornou um modelo no campo.

<http://www.crji.org/>
 O Centro Romeno para Jornalismo Investigativo mostra o que um grupo de jovens repórteres ambiciosos e espertos é capaz de fazer em um lugar com um dura realidade. Acompanhe-os assiduamente.

<http://www.centerforinvestigative-reporting.org>
 Uma das primeiras e mais preciosas casas de cobertura jornalística independente da era pós-Watergate, com base em Oakland, Califórnia, e com uma longa história de histórias que marcam época.

<http://www.fairreporters.org>
 O sítio do Fórum para Repórteres Investigativos Africanos oferece materiais e serviços de apoio sob medida para a África.

<http://www.globalinvestigativejournalism.org>
 Página da Rede Global de Jornalismo Investigativo, GIJN, um grupo que atua como um guarda-chuva para repórteres investigativos de cerca de 50 países. Os seus congressos bianuais são grandes eventos. O sítio está sendo atualmente revisado para incluir seleções de dicas gratuitas e outras apresentações de conferências. A GIJN também patrocina a mala direta "Global-L", da qual vale bem a pena participar.

<http://www.ire.org>
 Página da Investigative Reporters and Editors Inc., a maior e primeira organização do mundo para pessoas como nós. Recursos-chave – notadamente, um imenso arquivo de seleções de dicas e artigos sobre milhares de assuntos – de grande interesse para educadores estão disponíveis mediante o pagamento de uma taxa de participação para membros

<http://markleehunter.free.fr>
 Este sítio inclui artigos e excertos de livros citados neste manual, escritos utilizando os métodos ensinados neste manual.

<http://www.publicintegrity.org>
 O Centro para Integridade Pública é uma das instituições mais antigas e influentes entre as financiadas por fundações no campo. Seus relatórios globais definem o padrão no campo. Não por acaso, o Centro também criou e gerencia o Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos.

<http://www.i-scoop.org>
 A organização dinamarquesa SCOOP apoia trabalhos de treinamento e projetos investigativos ao redor da Europa (particularmente no Leste). Ela é gerida por pessoas que já realizaram trabalhos investigativos de alto nível.

O **Jornalismo Investigativo implica em trazer à luz questões que permaneciam ocultas, seja deliberadamente por uma pessoa em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias – e a análise e apresentação de todos os seus fatos relevantes ao público. Dessa forma, o jornalismo investigativo contribui crucialmente para a liberdade de expressão e a liberdade de informação, que estão no coração do mandato da UNESCO. O papel que a mídia pode desempenhar como uma guardiã é indispensável para a democracia, e é por esse motivo que a UNESCO apoia totalmente as iniciativas para fortalecer o jornalismo investigativo em torno do mundo. Creio que esta publicação fará uma contribuição significativa para a promoção do jornalismo investigativo, e espero que ela seja um recurso valioso para jornalistas e profissionais da mídia, bem como para os profissionais de treinamento e educadores em jornalismo.**

Jānis Kārklīņš

Diretor-Geral Adjunto para Comunicação e Informação, UNESCO



Organización
de las Naciones Unidas
para la Educación,
la Ciencia y la Cultura

Sector de
Comunicación
e Información